

# *militia*

ANO IV

N.º 20

JANEIRO/FEVEREIRO — 1951



# SUMÁRIO

NOSSA CAPA — "Anchieta", do consagrado escultor paulista Bruno Di Giorgio	
EDITORIAL — .....	4
DIVERSOS	
Um conceito valioso — redação (sobre "Revistas", de Menotti del Picchia	8
O "Tenente Galinha" e um pouco da sua história — Raimundo Menezes	10
O nosso Colégio — cap. F. Vieira Fonseca .....	16
Os melhores dias — 1.º ten. F. Barros Morgado .....	20
Coisas da Fôrça Pública — cel. Anchieta Torres .....	22
A Mela-Parada — ten. cel. J. Canavó Filho .....	24
Desfraldemos a Bandeira — major Luiz de Siqueira .....	30
Radioamadorismo — 1.º ten. Irani Paraná do Brasil .....	34
Quitandeira — Gastón Figueira .....	50
Colônia de Férias do Clube Militar — cap. B. Barros Ferraz .....	51
NOTICIÁRIO	
15 de Dezembro .....	38
O Natal na Fôrça Pública .....	45
Eleições no Clube Militar .....	71
Aniversário dos 1.º e 2.º B.C. ....	72
Visita do Prefeito da Capital à Fôrça Pública .....	74
NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS	
Distrito Federal .....	78
Espírito Santo .....	81
Goiás .....	81
Rio Grande do Sul .....	82
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
Torneios "Confraternização" .....	87
NA E.E.F. — mais instrutores e monitores diplomados .....	93
V Torneio Aberto da Semana da Asa .....	98
Campeonato de futebol da F.P. ....	100

# INCONFUNDIVEL!



Cerveja

**FAIXA AZUL**  
de ANTARCTICA



Real

# São Paulo de Piratininga

Na colina insulada pelo Tamanduaté e Anhangabaú, «em meio dos campos de serra acima, na Capitania de São Vicente», a sotaina gloriosa do jesuíta fundou, a 25 de janeiro de 1554, o grande Colégio de São Paulo que se tornou o centro de todo o movimento de catequese no sul da colônia. Manoel da Nóbrega, o provincial da Companhia de Jesus, foi o gênio político e estratégico da escolha do local, eminentemente propício à defesa contra sortidas selvícolas. José de Anchieta, auxiliar dileto do chefe dos discípulos de Santo Inácio no Brasil, foi o braço direito de Manoel da Nóbrega, nesse empreendimento grandioso que eles próprios, apóstolos e sábios, estavam longe de prever fôsse de tamanha magnitude para os destinos futuros da terra brasileira.

Assim nasceu São Paulo de Piratininga. A cruz de Cristo presidiu o seu despertar, a mesma cruz que a frota de Cabral alteiou em um outeiro, próximo às areias brancas do Pôrto Seguro. Lá, Fr. Henrique de Coimbra, o futuro bispo de Ceuta, rezou a prece litúrgica, consagrando a nova terra ao Senhor soberano de todos os mundos; aqui o provincial, acolitado por José de Anchieta, celebrou o santo officio, rendendo graças aos céus e colocando o pequeno burgo nascente sob a proteção de Deus. Como o Brasil, São Paulo teve o mesmo predestino da fé. Um filho de São Francisco de Assis e um discípulo de Santo Inácio de Loyola deram a um e outro as águas lustrais da tradição cristã, traçando-lhes os roteiros seguros da caminhada, através dos séculos.

São Paulo marchou, cresceu, multiplicou-se. E' hoje uma das grandes cidades do mundo. O seu dinamismo é qualquer cousa de extraordinário, de fenomenal. Se Nóbrega e Anchieta consagraram-lhe ao Senhor, deram-lhe como patrono o Convertido de Damasco, o Apóstolo que foi um verdadeiro dínamo de atividades na pregação da doutrina do Mestre. E o Doutor das Gentes de lá do Alto orientava a caminhada incessante, a marcha acelerada, em ritmo sempre vertiginoso, da cidade que recebeu o seu nome. O dinamismo paulista tem as suas raízes profundas, lá nas eminências, por mercê de poder maior que o dos homens.

Cidade dos arranha-céus. Sim, São Paulo é a cidade dos arranha-céus. No centro e nos bairros, gigantescos blocos monolíticos al-

teiam-se ousadamente em direção ao infinito. Multiplicam-se com a rapidez do raio, surpreendendo os próprios habitantes. A cada semana, a cada dia e, até a cada hora, o paulistano é surpreendido com novos gigantes de concreto nas artérias de sua metrópole.

Cidade da indústria. A nossa capital recebeu merecidamente esse nome. E' de fato a Detroit brasileira, a Manchester da América do Sul. Quem a contempla pela manhã, na sucessão das vagas humanas que se dirigem ao trabalho, quem a contempla mais tarde, no penacho fumegante das mil chaminés que se erguem de todos os bairros, ao barulho dos motores, no apito convidando os operários ao almoço ou ao fim da jornada do dia, sente um justificado orgulho de ser bandeirante e ser brasileiro.

São Paulo, cidade da cultura. Sim, a metrópole trepidante, tentacular, também soube escalar os píncaros no domínio do pensamento. Suas universidades, suas fôrmosas faculdades, sua rede extraordinária de estabelecimentos de grau médio e suplementar, sem falar dos primários, dão-lhe no setor da educação, uma posição de singular relêvo. Os institutos científicos, as academias de belas letras, os centros de cultura técnica e teológica, conferem à cidade dinâmica os florões de centro de primeira grandeza no panorama cultural do universo.

São Paulo, cidade da garoa. Sim, a metrópole dinâmica, a capital econômica do Brasil, o centro fulgurante de espiritualidade, é também a cidade da garoa. E beijo da natureza, dádiva do céu, tapando a visão matinal dos transeuntes, dando aos campanários e grandes edifícios, coloração de topázio, torna sempre jovem, sempre tradicionalista, sempre encantadora, a cidade que é presente de afirmação, que é futuro radioso, mas que é passado romântico e cheio de enlêvo.

Nóbrega e Anchieta trouxeram para o Brasil a generosidade e a força de Santo Inácio de Loiola, de Laynez e de Le Fèvre, as três vigas mestras da fundação da Companhia de Jesus. Foram tão grandes no Novo Mundo, como Xavier, o santo, o sábio e o poliglota que escreveu poemas imortais na Índia, na China e em tôda a Ásia. São Paulo tem sido digno da dádiva de Deus, concedendo-lhe a graça da fundação por tão eminentes jesuitas e do patrocínio do Apóstolo que encantou o coração da cultura clássica. Porque se subiu nos domínios da cultura, da técnica, da civilização, não esqueceu a piedade, cuidando, ao lado de sua grandeza, a grandeza de uma obra social e humana, filantrópica e generosa que o coloca, nesse terreno, em posição privilegiada.

Salve, São Paulo da cultura, da indústria, da garoa e dos arranha-céus! Salve, São Paulo, que se orgulha de ser grande, que se orgulha mais de ser do Brasil! Bendita para sempre, mil vêzes bendita a memória sagrada dos teus fundadores, Manoel da Nóbrega e José de Anchieta!

# Banco do Estado de S. Paulo S. A.

---

CAPITAL REALIZADO: CR\$ 100.000.000,00

DEPOSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS —  
CAMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS —  
TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL



M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA



58 AGENCIAS NO INTERIOR DO ESTADO; UMA NO RIO DE  
JANEIRO E OUTRA EM CAMPO GRANDE (Estado de Mato Grosso)



AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES  
RAPIDEZ — EFICIENCIA



*Para que esta marca esteja em*

## **BOAS MÃOS**

*pagamos o que custa o serviço!*

O serviço de nossos aviões é levado ao máximo antes de cada vôo, graças aos recursos de que dispomos e à comprovada experiência do nosso pessoal técnico. Para que a milhares e milhares de nossos passageiros seja proporcionado em todas as ocasiões o *Conforto Aerovias*, mantemos uma equipe de homens e de máquinas rigorosamente selecionados.

*Para os  
que voam,  
a segurança  
não tem preço!*

# **AEROVIAS BRASIL**



R. Líbero Badaró, 370  
Fones: 2-5133 e 4-6000

Encomendas:  
Fones: 7-2960 e 6-4302

# UM CONCEITO VALIOSO

E' com satisfação imensa que transcrevemos a crônica do eminente homem de letras Menotti Del Pichia, publicada em o número de 9-II-51, do brilhante vespertino "A GAZETA", sob a epigrafe "Revistas".

Ela é de valor imenso para nós, porque amadores, traduzido no grande incentivo que tal conceito veio trazer à nossa determinação de levar avante a publicação regular desta revista e procurando fazer jus às palavras daquele mestre — demonstrar realmente que "na caserna, onde a força vigilante se adentra para a garantia da ordem e da lei, o espírito não modorra: recebe êle suas luzes no estudo e na meditação e resplandece em chispas de criação, através de estudos, ensaios, criações literárias de que "Militia" se tornou precioso veículo".

O progresso gráfico em São Paulo é simplesmente notável. Uma revista geralmente representa um cartão de visita da cultura de um povo. Cartaz na parede, revista na mão, dizem logo da mentalidade do ambiente que os produz.

O cartaz ainda está a pedir carinho. Um horrível que por aí soltaram, anunciando uma Exposição Agrícola ou Animal, foi a coisa mais destemperada e menos reclamística de que há notícia na história do «afichismo» local. Tratava-se de um escôrço de vaca e de uma abelha que queria ser helicóptero. Mais que ser um grito convidando o povo a ir ver vacas holandesas e milho híbrido, parecia aquela gravura, que queria ser modernista mas se limitava a ter mau desenho e péssimas cores, um enigma a ser decifrado. Pequeno, mal impresso, encerrava uma das únicas finalidades do cartaz: chamar atenção, mas chamava atenção apenas pela feiura e ininteligibilidade. Isso se dava pouco depois de inaugurado o Salão de Propaganda no qual magníficos afichistas nossos mostraram o apreciável grau a que chegou a difícil e atualíssima arte do cartaz em São Paulo.

Revista temos agora excelentes. Falei, há dias, de três delas. Tenho em mãos outras. «Brasil Gráfico», que meu velho amigo Juliano Frederico Pozzi imprime é, com sua congênere «O Papel», um órgão técnico que honra as artes gráficas bandeirantes.

Não há dúvida de que o «Brasil Gráfico» é muito bem feito. No seu texto, artigos especializados de grandes técnicos nacionais e estrangeiros tratam de arte gráfica e de tudo o que diga respeito a papel, impressão, propaganda, mecânica industrial gráfica. Estou percorrendo os índices dos vários volumes. Os ensaios selecionados com arguto critério são verdadeiras monografias sintéticas sobre problemas gráficos, lições de mestres sobre a forma de aprimorar sempre mais a arte gutemburguiana, informações de toda a espécie sobre o material a ser empregado nas tipografias, mercados, fabricação de especialidades para impressão. As capas dos vários números são ilustradas com gravuras de alto valor histórico, ora mostrando a iconografia clássica dos mais notáveis propulsores das artes gráficas, ora reproduzindo cenas dos processos ele-

mentares de gravura e impressão: velhos e guinchantes prelos com prensa de madeira e tipos móveis espalhados pelas caixinhas ao lado das quais tremulam as barbas de monge do imortal Guttenberg.

Há uma coisa que especialmente agrada nesta revista: a excelência da impressão. É claro que deveria ser assim. Ela mesma teria que ser como é, uma propaganda do nosso progresso na arte de bem imprimir. Juliano Pozzi é um sabido mestre. Já nos penosos tempos em que Cásper Libero empreitava a ressurreição de A GAZETA, procurando desde logo torná-la o jornal mais bem impresso do Brasil, Pozzi estava, como um capitão de navio manobrando em pleno ciclone, à testa das máquinas. Mestre continuou êle no comando de prelos, rotativas e linotipos, quando fundamos e dirigimos «A Noite» de São Paulo. Agora, neste mensário técnico, pode melhor atestar sua capacidade. «Brasil Gráfico» é bem o veículo capaz de mostrar seu virtuo-

sismo artístico pelo que faz gosto ver a excelência das gravuras, o equilíbrio da composição, a harmonia das cores.

Outra revista que honra São Paulo, esta já velha de três anos, é «Militia». Trata-se de um órgão da nossa querida e gloriosa Força Pública, E' seu diretor o coronel Coriolano de Almeida Júnior que encabeça um brilhante corpo de direção e redação. Essa publicação dá uma exata idéia da cultura dos nossos milicianos. Na caserna, onde a força vigilante se adestra para a garantia da ordem e da lei, o espírito não maldorra: recebe êle suas luzes no estudo e na meditação e resplandece em chispas de criação através de estudos, ensaios, criações literárias de que «Militia» se tornou precioso veículo. O que há de interessante nessa preciosa publicação é que ela é impressa na Tipografia da Força Pública, fato que honra os técnicos dessa organização (\*).

(\*) O grifo é nosso.



**FAÇA SUA PRÓPRIA BIBLIOTECA**

**ASSINANDO A**

**COLEÇÃO SARAIVA**

**LIVROS MENSAIS — CR\$ 10,00 O VOLUME.**

**Entregues em sua residência. Informações: Tel. 32-1149**

# O "Tenente Galinha" e um pouco da sua história (\*)

*Raimundo de Menezes*

Delegado Adjunto da Delegacia de Fiscalização de Costumes

O famoso e sempre lembrado «tenente Galinha» — oficial da Força Pública, João Antônio de Oliveira — o temido caçador de bandidos, cujo nome está ligado à história do combate ao crime, nos primitivos tempos da polícia de carreira do Estado de São Paulo, quase se tornou, no seu tempo e mesmo nos nossos dias, uma figura de legenda.

Varou o destemido militar os sertões paulistas de lado a lado e foi buscar, afoitamente, vivo ou morto, o bandoleiro mais temeroso, e o seu renome de intrepidez correu mundo, afugentando os mais valentes e deixando, na sua volumosa folha de serviços, a gloriosa reputação de haver, qual novo bandeirante, saneado os inabitáveis rincões.

O «tenente João Galinha», cujo apelido não se sabe muito bem a que atribuir, ficou para sempre popularizado na crônica policial pelas inornáveis façanhas sem par, que assinalaram uma época, a época que lhe tomou o nome. Chefiou como ninguém, por dilatados anos, o «selecionado Pelotão de Capturas, que percorria, ininterruptamente, prestando relevantes serviços, a bravia hinterlândia estadual. Sua equipe era

de soldados escolhidos a dedo, e dos quais exigia uma qualidade primordial: não ter medo. Sua fama de homem valente se alastrou de tal forma, que muito episódio e muito caso se inventou e criou por aí, aureolados de pura lenda, e que, no entanto, passaram à categoria das coisas verídicas. Não há paulista que não conheça, ao menos por ouvir contar, as lendárias aventuras do célebre «tenente Galinha», tombado há mais de trinta anos, como remate àquela sua vida sinistra e perigosa, dentro de uma sangrenta tragédia, que abalou São Paulo.

João Antônio de Oliveira — descrevem os que o conheceram — era o tipo do homem forte, alto, cheio de corpo, espadaúdo, claro, olhos castanhos muito brilhantes, pequenos, vivos, a bailarem nervosamente dentro de duas grossas pálpebras peetanudas. Os cabelos muito escassos, alourados, as mãos grossas, mal tratadas pelo rude trabalho através dos sertões. De ordinário se trajava à paisana e dava preferência a um paletó talhado à francesa, de cor azul-marinho quase negro, com um coléte longamente aberto, gravata sempre de cores vivas, de laço por fazer.

(\*) Transcrito de "INVESTIGAÇÕES" — N.º 2.

apertando um colarinho baixo, de pontas viradas; e umas calças de casimira clara e umas botinhas anarelas. Completava-lhe o traje habitual, largo chapéu mole, marrom, constantemente descido sobre os olhos quase a chegar-lhe às so-brancelhas ralas. Trazia sempre prêso à ilharga esquerda, numa bolsa segura ao largo cinto de couro, finíssimo revólver «Smith & Wesson», último modelo, de que não se separava nunca.

Emérito conhecedor de armas de fogo, de que se mostrava exímio maneja-dor, tinha pontaria infalível, sendo muito raro perder um tiro. O popularíssimo policial era capaz de derrubar um pássaro a longa distância, façanha de que se tornara autêntico campeão.

A respeito da vida aventureira do «tenente Galinha», narram-se, por aí às centenas, façanhas capazes de fazer eriçar os cabelos dos mais afoitos. Era tão grande o prestígio do seu renome, sertão afo-ra, que, muitas vezes, os mais temerosos bandidos se dobravam trê-mulos, pálidos de susto, jogando-se a seus pés, ao perceberem que se encontravam diante do afamado chefe do pelotão de capturas.

Conta-se que, em certa tarde, numa venda levantada à beira da estrada que ia ter aos Campos Novos, o caçador de bandidos encontrou um tal Lino Ferro, negralhão, valente como os mais valentes, o qual, de uma feita, numa função de roça, a golpes de faca, assassinara dois homens, fugindo em seguida, apesar de ter recebido em pleno peito um tiro de garrucha.

A procura do homicida andava o tenente. Viu-o e, de manso, calma-

mente aproximou-se, dizendo-lhe ao ouvido :

— Meu amigo, dá-me duas pala-  
vras...



JOAO ANTONIO DE OLIVEIRA  
"Tenente Galinha"

(Ilustração de Mick Carnicelli)

— Mas quem é você, replicou o criminoso, desconfiado, de mão na coronha de sua carabina.

— Sou o «alferes Galinha»!

O negralhão, como que atingido por uma fâisca elétrica, caiu redondamente ao solo. A simples enun-ciação do nome daquele homem, que cavalgava um rosilho de infima qualidade, com o largo chapéu desabado sobre os olhos, a empunhar um clavinote curto, prestes a disparar — aterrara-o!

Pouco depois, voltando a si da dolorosa surpresa, o colosso já se achava entre os soldados da escolta e de mãos amarradas às costas.

«João Galinha», o terror dos bandidos, tinha entretanto um ponto

nevrálgico em sua psicologia. No lar era um cordeiro. O gênio violento da esposa dominava-o — referem os que o conheceram na intimidade. Tornava-se quase pusilânime diante da consorte altiva.

As exigências da mulher amada ele não sabia resistir, e não raro o temível tenente sentia no rosto carnudo e corado o contacto das pesadas mãos espalmadas de Benedita...

E causava pismo a todo mundo como, diante daquela mulher franzina e nervosa, se dobrava o leão, acostumado a lutar com dez ou vinte, no seio da noite, entre o zunir das balas e o tilintar dos punhais.

A custa de ingentes esforços, conseguira comprar a casinha modesta, à rua Ana Neri, no bairro do Brás, onde morava. Tinha um filho chamado Pretextato, que saíra em gênio ao temperamento da genitora. Consequira ainda amealhar, em caderneta da Caixa Económica, uma dezena de contos de réis e fizera um seguro de vida.

Quase tôdas as noites, quando não estava viajando, costumava procurar a reportagem credenciada junto à Polícia Central, e ali se deliciava em contar, com algum exagero, as peripécias da sua vida. Falava tropeçando em crassos erros de português, pois era homem de pouquíssima instrução, quase analfabeto e com dificuldade mesmo é que grafava o próprio nome. Apesar de tudo, mantinha ativa correspondência com pessoas do interior, que fazia ler ou escrever, e pela qual obtinha, com freqüência, a localização de criminosos foragidos.

Quase sempre, ao concluir suas emocionantes narrativas, caracterizadas por um cunho de sáborosos

contos policiais, apesar do linguajar desataviado, usando e abusando de termos da gíria e de baixo calão, o homem sem medo costumava rematar com esta frase:

— «Não sou tão mau, como dizem. E' preciso ser «brabo» às vêzes».

O tenente era de uma extraordinária dedicação à policia, dentro da qual se fizera e criara tão dramada popularidade. Assim, quando se instalou o curso de oficiais da Força Pública, imprescindível para a promoção; êle, sorrindo, declarava a todo mundo:

— «O tenente Galinha, pela primeira vez, vai fugir, pois tem medo da escola!...».

A par de ótimos serviços, que muito contribuíram para o sossêgo das populações do interior, alarmadas com as proezas de terríveis salteadores e facínoras, «João Galinha» era acusado de perversidades e vandalismos, que garantem, praticava por divertimento, apenas para satisfazer os seus instintos maus. Não se sabe, com segurança, se essas acusações são procedentes ou inventadas pelos seus inimigos.

Era corrente, por exemplo, a versão de que não costumava trazer presos os criminosos capturados, mas exclusivamente com as suas orelhas enfiadas num arame...

Em todo caso, é inegável que o famoso militar escorraçou do seio da sociedade, onde constituíam grave perigo à sua tranqüilidade, numerosos elementos perniciosos, que, graças a êle, foram expiar no cárcere seus delitos tenebrosos.

\*\*\*

O «tenente Galinha» teve, como o desenrolar da sua própria vida,

um final trágico. Na madrugada de 13 de abril de 1913, foi assassinado em seu leito, enquanto dormia. Só assim poderiam trucidá-lo.

O crime entregue à elucidação do dr. Mascarenhas Neves, 5.º delegado, parecia, a princípio, revestir-se de mistério. A opinião pública empolgou-se vivamente com a tragédia. Mas, dentro de três ou quatro dias, estava tudo perfeitamente esclarecido com a confissão e acareação dos criminosos, que foram o inspetor de polícia Israel Coimbra, Benedito Silva, alcunhado o «Manquinho», Benedita de Oliveira, espôsa do tenente, com a convivência do seu filho Pretextato.

Como já disse, «Galinha» fôra infeliz no casamento. Benedita, mulher de físico feio, revelara-se sempre péssima espôsa. Tinha como amante o inspetor Israel, por quem nutria violenta paixão. Israel era íntimo amigo do tenente João Antônio de Oliveira, desde Barretos, quando fôra colocado na polícia como aspirante a agente de segurança, no dia 3 de março do ano da tragédia, devido a insistentes solicitações da sua futura vítima, feitas ao dr. Virgílio do Nascimento, delegado de Investigações. O inspetor Israel fôra encarregado da vigilância de diversos estabelecimentos bancários, nesta Capital, e freqüentava a casinha da rua Ana Neri, de que era comensal.

Quem imaginou o hediondo crime foi Benedita. Imaginou-o em tôdas as suas minúcias. O móvel principal fôra a paixão que nutria por Israel Coimbra. E mais o seguro de vida que o tenente fizera em favor dela e do filho, e o dinheiro da Caixa Económica. Fariam o

crime passar, aos olhos da polícia, como se a casa tivesse sido assaltada por ladrões, que houvessem assassinado o tenente. Ficou tudo assentado desta maneira. Benedita deixaria a porta da cozinha apenas encostada, sem a tranca. O inspetor, então mancomunado com o seu íntimo amigo Benedito Silva, vulgo «Manquinho», empregado da Repartição de Águas, com os salários mensais de 200\$000, côxo de uma perna e possuidor de físico deprimido, donde lhe adviera aquêlê apelido, entraria na alcova onde dormia o «Galinha», e os dois matariam de surpresa.

Dito e feito. A uma hora da manhã, Israel encontrou-se com «Manquinho» no Clube União, à rua Boa Vista. O aleijado até então de nada sabia. Na rua contou-lhe que precisava eliminar um marido, por cuja mulher alimentava alucinante paixão. O companheiro «topou a parada». Era amigo para qualquer serviço, contanto que não passasse das 3 horas, pois tinha que trabalhar no dia seguinte. E, assim conversando, desceram a ladeira General Carneiro, transpuseram o aterrado do Brás, e subiram a rua Piratininga, até a rua Ana Neri. Ali chegados, escalararam um muro e alcançaram o quintal da casa do tenente.

Como era cedo demais, pois a porta só se abriria às 3 horas, sentaram-se e começaram a combinar o plano da sua diabólica empreitada.

Pé ante pé, à hora aprazada, empurraram a porta, que cedeu. Junto à soleira encontraram dois revólveres, ali deixados por Benedita. Em poucos instantes, estavam no quarto do homem que procuravam.

Um bico de gás iluminava o compartimento. Tiveram o cuidado de retirar a arma que estava sobre o criado-mudo. Israel, friamente, colocou-se junto aos pés da cama e apontou o revólver. «Manquinho» ficara do outro lado, de sobreaviso, dedo no gatilho, para o que desse e viesse. O primeiro tiro alcançou o olho direito do «Galinha». Este, erguendo-se num movimento brusco, deixou as cobertas e fez menção de levantar-se. Mas, sem forças, caiu de novo, mergulhando a cabeça no travesseiro com um profundo e doloroso gemido. A esse tempo, «Manquinho» detonava por duas vezes a sua arma e Israel descarregava os outros tiros, por «simples desencargo de consciência».

Morto o tenente, Benedita e o filho escalararam a janela, e ganharam a rua à procura da polícia, a fim de avisar de que havia ladrões em casa. Enquanto isso, os dois assassinos tentavam dar ao ambiente um aspecto de assalto, revolucionando as gavetas, retirando algum dinheiro e jóias. Depois, «deram às de Vila Diogo».

No dia seguinte, enquanto os jornais estampavam pormenorizadas reportagens sobre a tragédia, Israel, com a mais inaudita coragem e sangue frio, procurava visitar, no necrotério, o cadáver do seu grande amigo, chorando e lamentando a sua morte, para, dessa forma, despistar qualquer suspeita a seu respeito.

Um mês e sete dias depois da trágica ocorrência, que impressionara vivamente a opinião pública

paulista, entrava em júri, a 30 de junho daquele mesmo ano de 1913, a criminosa Benedita de Oliveira. O julgamento terminou às 3 horas da madrugada, com a sua absolvição por sete votos, visto ter o tribunal negado o fato principal. Teve ela como advogado o dr. Marrey Júnior. Houve apelação, motivo por que voltou para a Cadeia Pública. Ali, às 5 horas da manhã do dia 4 de agosto, dava à luz uma robusta menina, que assim vinha para a existência entre as quatro paredes de um cárcere.

Como tivesse havido separação dos processos, Israel e «Manquinho» foram julgados posteriormente. A 18 de agosto, era julgado o assassino principal, Israel Coimbra, que foi condenado a 30 anos de prisão, por unanimidade de votos. Havendo protestado, o seu advogado, por novo julgamento, submeteram-no a segundo júri, a 29 de dezembro, e o condenaram a 25 anos e meio de prisão. Cumpriu a pena até 25 de dezembro de 1930 quando obteve a liberdade condicional. Em 1938, readquiriu a liberdade definitiva.

Quanto a «Manquinho», foi, no primeiro júri, condenado a 21 anos de cadeia, e no segundo a mais de 10.

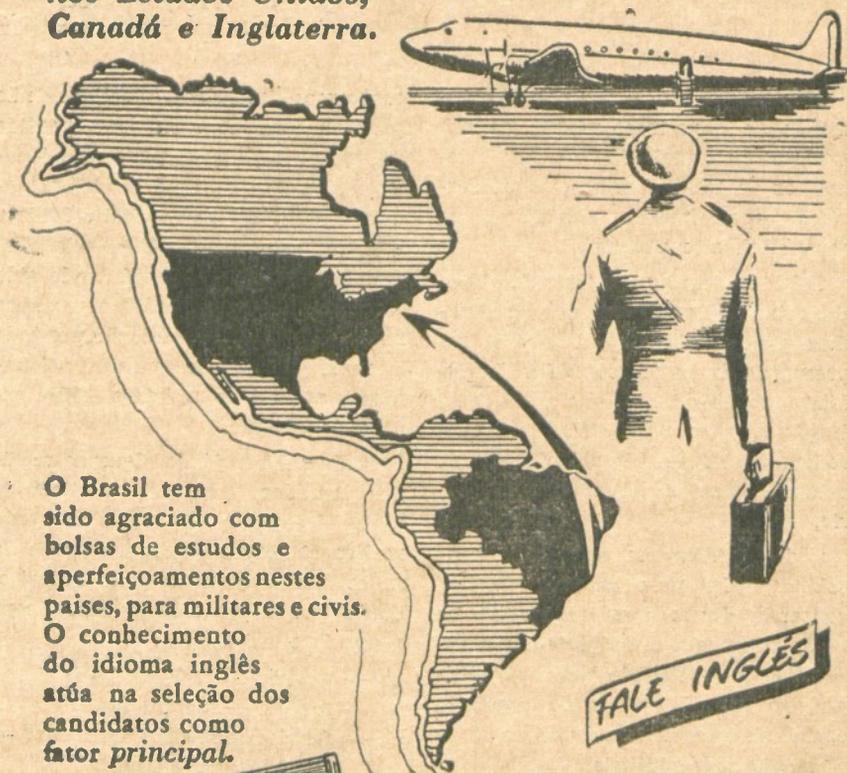
Assim, passados mais de 30 anos de tão trágico drama, ainda hoje o sinistro episódio é lembrado trazendo-se à baila o nome do «tenente Galinha», cuja vida decorreu entre peripécias de verdadeira novela policial.

\*\*\*

*“Árduo é o trabalho que se faz de má vontade”*

# OPORTUNIDADE AOS QUE FALAM INGLÊS

*Cursos militares  
nos Estados Unidos,  
Canadá e Inglaterra.*



O Brasil tem sido agraciado com bolsas de estudos e aperfeiçoamentos nestes países, para militares e civis. O conhecimento do idioma inglês atúa na seleção dos candidatos como fator principal.

**FALÉ INGLÊS**

SEJA UM DOS CANDIDATOS  
QUANDO VOCÊ FALAR INGLÊS

CURSO COMPLETO

CR\$ **350,00**

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: DE DISCOS RCA VICTOR

**CASSIO MUNIZ S. A.**

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO

Praça da República, 309 - São Paulo

# O NOSSO COLÉGIO

---

Cap. F. Vieira Fonseca

Há tempos atrás tivemos oportunidade de sugerir a criação de um Colégio Estadual dirigido por elementos da Fôrça Pública, e que servisse, especialmente, aos filhos de seus oficiais e praças.

Tal idéia tomou o caráter de «Uma Sugestão Prática» em que apelávamos para a iniciativa de nossos representantes na Assembléia Legislativa do Estado, já que a administração pública educacional se enveredava decididamente pela difusão de estabelecimentos de ensino secundário.

Tôda a idéia em apreço foi consubstanciada num projeto de lei, contando diversos artigos, entre os quais tivemos a ousadia de dar a denominação de Colégio Estadual «Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar», como sincera homenagem ao fundador de nossa Milícia.

Tudo de forma a poupar trabalho a nossos ilustres camaradas que nos representavam naquela casa da lei. Mas, tudo em vão. Não encontrou eco o nosso apêlo, apesar da riqueza de iniciativas em prol do bem público comum, demonstradas por aquêles senhores deputados no desempenho da missão confiada por seus eleitores.

Todavia, não foi inútil a idéia. E, foi com indizível alegria que a en-

contramos vitoriosa, embora não tenha a sua concretização partido dos poderes legislativos nem educacionais, e sim de uma iniciativa administrativa de nosso Clube Militar e decididamente apoiada pelo Comando Geral da Fôrça, já tendo sido tomadas algumas medidas práticas no sentido da sua instalação, por todo o resto dêste ano, para funcionamento normal no próximo 1952, em fase de ginásio.

Conhecedores já de algumas medidas tomadas, queremos, no afã de ainda desejar concorrer para essa realização, expor algumas facetas de nosso pensamento a seu respeito, desde que o plano se encontra com a seguinte orientação:

- a) — ginásio — núcleo inicial;
- b) — prédio — adaptado;
- c) — funcionários administrativos — oriundos da Fôrça;
- d) — corpo docente — fornecido pelo Estado;
- e) — despesas de administração — feitas pelo Clube.

Concordando preliminarmente com êste esboço de plano, vamos analisar cada um de seus itens, de forma a que a Fôrça tenha um estabelecimento de ensino secundário apto a atender às suas necessidades.

GINÁSIO — Está claro ser essa a fase inicial do estabelecimento

até o seu reconhecimento oficial pela administração do ensino federal. Atingida a primeira fase, novas providências seriam tomadas para o reconhecimento definitivo em COLÉGIO, por ser esse o núcleo completo para acesso às escolas de ensino superior, em o qual poderia funcionar somente o ciclo científico. Daria, assim, base necessária aos alunos pretendentes a concurso de habilitação à Escola de Oficiais, ou então, demandarem as escolas de engenharia, medicina, farmácia, odontologia, ou matemáticas das faculdades de filosofia, tal como é do regulamento da lei orgânica do ensino secundário.

**PRÉDIO** — A instalação dar-se-ia em prédio adaptado, cogitando-se, depois, da sua construção definitiva, atendendo-se a todas as exigências pedagógicas. Já que para a instalação desses estabelecimentos o Estado tem contado com o concurso das municipalidades e mesmo de particulares interessados na sua existência, poderíamos também estudar u'a maneira de conseguir tais recursos, lançando mão de um exequível plano financeiro. Por exemplo, o Comando Geral, usando os recursos próprios de sua função, entraria em entendimento com quaisquer estabelecimentos de crédito, entre os quais citamos a Caixa Econômica Estadual ou a Caixa Beneficente da Força, capazes, portanto, de financiar a construção do edifício próprio. Tal financiamento, feito à base de uma amortização anual, constante de verbas orçamentárias, seria coberto em número de anos. Para a localização do edifício encontramos dois lugares dignos de estudos. O primeiro, situado no bairro do Canindé, adjacente à

Escola de Educação Física, cujas instalações seriam aproveitadas para essa disciplina. Nêle, encontramos um local mais ou menos central, de fácil acesso à maioria dos candidatos. O segundo lugar é no Barro Branco, onde admiravelmente funciona o Centro de Formação e Aperfeiçoamento, com as escolas de oficiais, sargentos e cabos. Sinceramente optamos pelo segundo, olhando mais para uma realização de envergadura, com farto terreno, longe do bulício da cidade, de excelente clima e topografia, com ambiente próprio para a dedicação ao estudo. Este segundo local ofereceria a oportunidade de um internato, neste caso a única maneira do estabelecimento preencher as suas finalidades, a exemplo do Colégio Militar do Rio de Janeiro, das Escolas Preparatórias de Pôrto Alegre, Fortaleza e a de São Paulo, que está em vias de se transferir para Campinas.

**FUNCIONARIOS ADMINISTRATIVOS** — Com relativa economia encontra-los-famos na própria Força, fôssem todos êles da reserva ou reformados e mesmo alguns da ativa. Temos muitos dêles em quantidade suficiente.

**CORPO DOCENTE** — Seria recrutado pela forma usual de concursos para as diversas matérias, ou mesmo enquadrado nas vagas para a remoção dos que atualmente se encontram em outros estabelecimentos e que desejassem servir na capital. Poderia pertencer ao quadro da Secretária da Educação, mas é preferível a organização de um quadro de oficiais professores, dando um caráter todo militar ao estabelecimento.

**DEPESAS DE ADMINISTRAÇÃO** — Essas despesas seriam co-

bertas com recursos próprios do Clube ou com recursos próprios do estabelecimento, desde que, para o seu caráter de internato, exija uma certa contribuição da parte dos alunos, cujo aspecto econômico seria devidamente estudado pelos organizadores. Para a colheita desses recursos de internato, seriam estabelecidas categorias diversas, atendendo-se aos grupos sociais de que fôssem oriundos. Por exemplo: muitos pais, sabedores da existência do estabelecimento, da qualidade de ensino por êle ministrado, dar-lhe-iam preferência para o estudo de seus filhos. E cabe aqui uma exceção para os meninos, cujos pais fôssem sacrificados em serviço público, quer em função policial-militar ou civil, pois o Estado deve amparar todos quantos dedicam sua vida ao bem da coletividade.

Eis, pois, a nossa modesta contribuição.

Um estabelecimento dotado das linhas mestras aqui delineadas, em caráter acentuadamente militar, funcionando com pessoal docente e discente à base da disciplina, com uniformes próprios, com educação voltada para a dedicação à Patria, e teríamos enriquecido a nossa rede de ensino secundário com a mais bela de tôdas as iniciativas, próprias daqueles que souberam alargar os horizontes pátrios com a sua audácia, destemor e bravura. E aqui os nossos votos para que os realizadores de tão grande obra vejam concretizadas as suas aspirações, embora tenham que superar dificuldades de toda espécie e sejam muitos os obstáculos a transpor.

**Consumir**

É um dever de patriotismo.

**Produtos**

É contribuir para o  
desenvolvimento da  
nossa produção

**Nacionais**

É ajudar a libertação  
econômica do Brasil.

ACABA DE APARECER O

# "MANUAL PRÁTICO DO POLICIAL"

DIZERES

QUE

VALEM

POR

UMA

A

P

R

E

S

E

N

T

A

Ç

Ã

O

- \* "... além de preencher uma lacuna na biblioteca de obras técnico-políciais, é uma contribuição valiosa para o ensino da função policial...".

**ELEUTHÉRIO BRUM FERLICH**  
Cel. Cmt. Geral da F.P.

- \* "... valioso trabalho, ordenado em cinco partes, normas tão úteis para orientar os policiais-militares no campo da prática policial".

**ANIBAL DE ANDRADE**  
Cel. D.G.I. da F.P.

- \* "A coletânea do tenente Salgado é uma colaboração preciosa, elevada, eficiente, objetiva, adequada ao meio c, sobretudo, oportuna...".

**OTAVIO GOMES DE OLIVEIRA**  
Major D.E. do C.F.A. da F.P.

- \* "... obra prática, objetiva e clara, constituindo, em boa hora, um auxiliar indispensável aos profissionais e estudantes de polícia".

**GUILHERME ERNESTO ORTH**  
Cap. Chefe do D.E.P. do C.F.A.

- \* "... não um simples manual mas, também, um excelente guia para o perfeito desempenho das funções policiais preventivas".

**ANTONIO CORREA BARBOSA**  
Prof. Técnica Policial do C.F.O.

- \* "Ao lado técnico, o trabalho, para o que se destina, está perfeito... Merece parabens, portanto, pela feliz idéia que teve ao incluir esta 5.a Parte...".

**FLORIANO BASAGLIA**  
1.º ten. Prof. Socorros de Urgência do  
C.I.E.F. da E.E.F. da F.P.

- \* Apresentação gráfica excelente.
- \* Modelo de bolso — encadernação em percalina.
- \* Abundantemente ilustrado!
- \* Apenas Cr\$ 40,00.

Pedidos para "MILITIA" mediante remessa em valor declarado, cheque ou vale postal.

# Os melhores dias

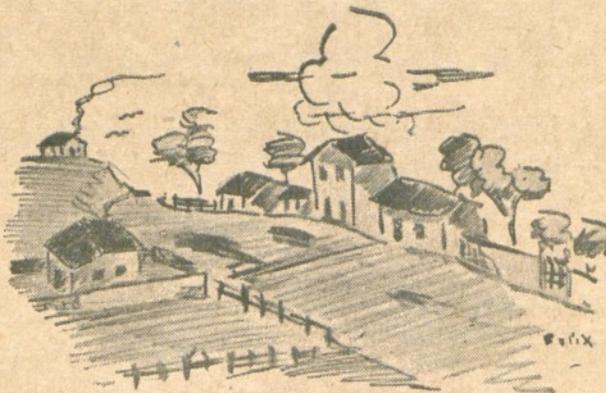
1.º ten. Felix B. Morgado

Ilustração do autor

Pela janela Jocelino podia ver a ramagem das árvores vetustas da rua gotejando a água da chuva que caíra repentinamente. "Manga d'água", chuvinha de verão, sem muita intenção de molhar, passageira; como certas idéias que surgem na cabeça da gente. As folhas pareciam mais verdes, lavadas e polidas, sem a poeira dos últimos dias de sol intenso. Pouca coisa podia ver, além daquelas folhas dum verde brilhante. Um trecho de rua, mais nada. Para quem sempre fôra ávido de horizontes constantemente renovados, aquilo era quase o mundo que um prêso poderia divisar da sua solitária. Um trecho de rua. Por quantas ruas teria andado! Nem sabia calcular. Desde menino tinha sido inquieto, por natureza. Sofrera mais tarde dum nomadismo que o jogara ali e acolá, levado pelo prazer duma aventura, seduzido por curiosidade insaciável. Andara por muitas ruas, alamedas, avenidas, vielas. Cada uma

com o seu aspecto, com suas casas, bonitas ou feias, com seus dramas, seus garotos, suas sargetas. Umhas eram asfaltadas, outras macadâmizadas e ainda outras esburacadas, cheias de pó ou de lama. Lembrava-se agora da rua sem calçadas, torta e desnivelada onde nacera, em que as casas nem número tinham. "Parece uma espumadeira", ouvira dizer sua mãe, muitas vêzes, "tantos buracos tem". Feia e escura, também. Era, entretanto, a rua da qual se lembrava melhor, entre outras que percorrera. Fôra seu campo de bata'ha, seu Arizona, seu campo de futebol, seu mundo, durante tôda sua meninice cheia de estrepolias. Saudosa rua aquela, de casas sem número e esburacada vez mais distantes de sua rua. que se foi a meninice teve que abandonar para sempre. As contingências da vida foram atirando Jocelino a lugares cada vez mais distantes de sua rua. Quantos anos já se passaram. Talvez nem soubesse mais encontrá-la. Esta-

ria, possivelmente, bastante modificada, sem aqueles "encantos" de outrora. Pareceria qualquer outra, sem personalidade. Mas não a esqueceria não. Sua memória não seria pas-sageira como qualquer chuvinha à toa. Há certas coisas que a gente não esquece nunca. Geralmente



são as que datam da nossa infância. Singelas, que só a nós significam um não acabar de minutos de êxtase, de distração, mil motivos que não são bem motivos. Nessa época não se precisa dêles. Os instantes são gastos com uma prodigalidade maravilhosa. Um formigueiro movimentando, uma pitangueira debruçada sobre um barranco, um cachorro de orelhas caídas e peludas, de olhos bondosos e compreensivos, um trecho de rua, constituíam inspiração permanente para toda sorte de traquinagem. Jocelino, como todas as pessoas, estava preso ao passado por tiras elásticas. Havia sempre uma tendência ao retrocesso. Como seria bom voltar, pensou êle, repisando os próprios passos e regressar àqueles dias inefáveis da meninice. Não tinha dúvidas: foram os melhores dias que tinha vivido.

A folhagem das árvores respingava ainda água de chuva. O seu colorido trouxe outros pensamentos à cabeça de Jocelino. Pensamentos trágicos. Cerrou os olhos e os pontos verdes das folhas começaram a deslocar-se por ravinas, a trepar morros, ora veloz, ora vagarosamente.

Por momentos sumiam, para reaparecer mais adiante, saídos dos bosques, dos desvãos. Alguns paravam e ficavam para trás, imóveis. Aquela visão foi tornando-se mais e mais nítida e Jocelino viu-se no meio dos pontos verdes, como um dêles, soldado expedicionário

brasileiro, combatendo na Itália. A progressão começara ao raiar do dia e já haviam vencido quase toda a encosta numa grande elevação dominada pelo inimigo. Granadas rebentavam por toda a parte, no meio dos pontos verdes e muitos soldados já haviam caído, feridos ou mortos. Jocelino, com os olhos cravados no cimo da elevação, corria, rastejava, pulava, caía, levantava-se e tornava a caminhar. Estava tomado por uma ferocidade que o mantinha indiferente ao perigo, à morte. Nada o poderia deter. Nem o cansaço, nem o medo. Chegara àquele ponto em que o sofrimento físico já não pode influir na determinação que dominou o espírito, a vontade. Iria para a frente, custasse o que custasse. Quando alguém falou perto "preparar para o assalto!", foi com diabólico prazer que armou o sabre-baioneta na sua arma. Cerrou os dentes, eriçou-se todo e ao grito "assalto!", atirou-se para a frente, enfurecido, a urrar, a berrar "Brasil, pelo Brasil!>". Uma granada interrompeu-lhe a corrida. Atirou-o longe, sobre outros camaradas em frangalhos.

Jocelino abriu os olhos repentinamente, como alguém que desperta dum pesadelo. Olhou a rua. Por quantas ruas havia andado. Alamedas, avenidas, vielas, asfaltadas umas, esburacadas outras. Não andaria por elas nunca mais. Perdera as duas pernas na Itália.

—:—

*"Maior produção, menor custo de vida"*

# Coisas da Fôrça Pública

*Cel. Anchieta Torres*

## JUSTIÇA MILITAR (\*)

A Justiça Militar do Estado, nos moldes em que funciona atualmente foi organizada por fôrça do que estabeleceu a Constituição Federal de 16 de julho de 1934, artigo 5.º, item XV, letra «f», quando declarou competir «privativamente à União, legislar sôbre a organização, instrução, justiça e garantias das fôrças públicas dos estados e sua utilização como reserva do Exército».

Regulamentando essa disposição constitucional e referindo-se ao artigo 84 daquela Carta Magna, a lei n.º 192, de 17 de janeiro de 1936, em seu artigo 19, diz:

«Os oficiais, aspirantes a oficial, sargentos e praças das Polícias Militares, nos termos do artigo 84 da Constituição Federal, terão fôro especial nos delitos militares e serão punidos com as penas estabelecidas no Código Penal Militar, pelos crimes que praticarem e aí estiverem previstos na conformidade do Código de Justiça Militar em vigor.

§ único — cada Estado organizará a sua Justiça Militar, constituindo como órgão de primeira instância os Conselhos de Justiça, e como de segunda a Côrte de Apelação ou Tribunal Especial».

Dando cumprimento a essas disposições legais, a Assembléia Legislativa Estadual decretou a lei que,

ao ser promulgada, tomou o n.º 2.856, de 8 de janeiro de 1937, a qual deu organização à Justiça Militar do Estado.

Por essa organização, modificada em parte, pela lei n.º 73, de 21 de fevereiro de 1948, a Justiça Militar passou a ser administrada em todo o território do Estado;

- a) — pelo Auditor;
- b) — pelos Conselhos de Justiça;
- c) — pelo Tribunal de Justiça Militar.

Com uma só Auditoria, com séde na Capital do Estado, composta de um Auditor, um promotor, 4 advogados e um escrivão, comporta mais a Justiça Militar um procurador junto ao Tribunal de Justiça Militar, um secretário do mesmo Tribunal e escreventes de cartório em número variável.

Os Conselhos de Justiça são de duas espécies: um especial, organizado para cada caso particular, mediante sorteio, para julgamento de oficiais, composto do Auditor e de 4 juizes militares de patente superior à do acusado, presidido pelo oficial superior mais graduado ou mais antigo; outro, para julgamento de praças; permanente, composto do Auditor e de 4 juizes, dos quais um será oficial superior, competindo-lhe a

(\*) — Complemento ao que foi publicado no n.º 15 desta revista.

presidência, sorteados para servirem por espaço de 3 meses consecutivos.

O sorteio, quer para um, quer para outro conselho, é feito na Auditoria, a portas abertas, pelo próprio Auditor, presentes o Promotor e o Escrivão, sendo retiradas de uma urna os nomes ali colocados e constantes de uma relação organizada no Comando Geral e publicada trimestralmente em boletim do Quartel General.

Quando no julgamento de oficial, pela deficiência de oficiais, não fôr possível organizar o Conselho Especial com oficiais de patente superior à do acusado, é o mesmo organizado com oficiais de igual patente; na falta destes, recorrer-se-á ao sorteio de oficiais da reserva residentes na Capital ou, ainda, se nem assim for possível a organização do Conselho, o acusado responderá perante uma câmara do Tribunal, composta dos dois juizes militares que contarem menor tempo de serviço prestado à Justiça Militar Estadual e do Auditor, para esse fim convocado, sendo os recursos da competência do Tribunal pleno. O Auditor tem um suplente, que o substitui nos seus impedimentos.

O Tribunal de Justiça Militar é composto de cinco membros, com a denominação de juizes, nomeados pelo Governo do Estado. Dois desses juizes são civis, um deles escolhido entre os membros da magistratura e do ministério públicos militares do Estado; o outro, entre bacharéis em direito, com dez anos, pelo menos, de exercício na advocacia, na magistratura ou ministério público.

Três são militares, nomeados dentre os coronéis da ativa da Força Pública. Quer os civis, quer os militares são escolhidos de uma lista tríplice apresentada ao Governador do Estado e organizada pelo Tribunal mediante votação secreta. Um dos juizes é eleito Presidente do Tribunal, por dois anos, não podendo ser reeleito para o biênio seguinte.

Ainda há, no Tribunal, três suplentes dos juizes civis, nomeados na forma por que são nomeados os efetivos e de quem são exigidos os mesmos requisitos.

Os juizes militares são substituídos, nos seus impedimentos, por coronéis ou tenentes coronéis da ativa da Força Pública.

De início o Tribunal de Justiça Militar era composto de 3 juizes apenas: um militar e dois civis. A atual organização data da lei 73, já citada.

Nomeados os juizes instalou-se o Tribunal de Justiça Militar no dia 5 de fevereiro de 1937, realizando suas sessões iniciais na sala das sessões do Conselho da Caixa Beneficente.

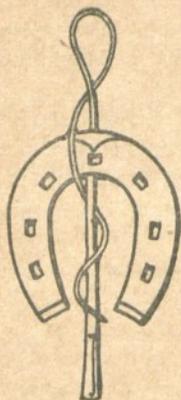
Foram seus primeiros juizes o cel. Arlindo de Oliveira, eleito presidente para o biênio que se iniciava, e os bachareis Mário Severo de Albuquerque Maranhão e Romão Gomes.

Transferida meses depois para sua sede própria, vem a Justiça Militar funcionando ininterruptamente até a presente data.

A Justiça Militar do Estado é órgão do Poder Judiciário, conforme estabeleceu a Constituição Estadual de 9 de julho de 1937.

"MILITIA" inicia neste número uma série de artigos sobre equitação, de autoria do ten. cel. José Canavó Filho, conhecida autoridade no assunto e cujo renome já transpôs, de há muito, os limites do Estado. O nosso novo colaborador, que já ocupou os cargos de Diretor do Departamento de Equitação da Força Pública, Diretor da Federação Paulista de Hipismo, Instrutor do Clube Hípico de Vila Guilherme, foi também organizador e primeiro instrutor da Escola de Equitação da Polícia Militar do Estado do Paraná.

Além de ter colaborado na revista "Turfe e Elegância", traduziu para o vernáculo o livro do Capitão Licart, publicado sob o título "Equitação Racional", muito bem recebido entre os oficiais da Arma Ligeira e nos meios hípicos nacionais.



# A MEIA-PARADA

Ten. Cel. J. Canavó Filho

Antes de entrarmos nas considerações concernentes à meia-parada, estudemos a sua origem.

Verificaremos, assim, que em equitação nada há de novo. Em uma tradução da "Arte da Equitação", de Xenofonte, vamos encontrar o "*demi temps d'arrete*" cuja tradução corresponde ao *meio tempo da parada*. Xenofonte afirmava que o bocado poderia tornar-se suave, qualquer que ele fôsse, empregando-se o meio tempo da parada.

A partir de Xenofonte, que no ano de 365 a. C. escreveu sobre equitação vamos encontrar uma plêiade de mestres praticando-a e aconselhando-a, até os nossos dias.

De um modo geral, secundando o que nos diz o Reg. de Equitação, a meia-parada se destina a moderar o cavalo violento e a fazer refluir para trás o excesso de pêso que o cavalo traz no antemão, sem prejudicar a velocidade.

Muito embora abalizados autores divirjam sensivelmente quanto ao seu emprego, queremos, neste capítulo, salientar as conseqüências das meias-paradas no organismo do cavalo.

Ora, se se trata de fazer refluir para o postmão o excesso de pêso que o cavalo conduz no antemão, é lógico que os posteriores devem estar, no momento da ação, em condições de receber êsse pêso, para lançá-lo novamente à frente (fig. 1). É, pois, neste ponto, que se localizam as dificuldades cujo assunto passaremos a estudar.

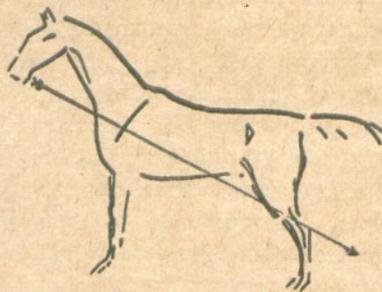


Figura 1

Para analisarmos esse fato, estudemos o cavalo ao galope para deduzirmos qual o momento em que a meia-parada pode ser empregada com eficácia, sem perturbar o cavalo.

Desprezando-se os apoios e elevações intermediários pode-se dizer que o galope à direita se faz em três tempos :

- 1.º — apóio do posterior esquerdo;
- 2.º — apóio do bípode diagonal esquerdo;
- 3.º — apóio do anterior direito.

Em um cavalo, mais ou menos adestrado, a coincidência da meia-parada com o apóio do posterior esquerdo terá, logicamente, influência na mudança do pêso para o postmão porque os ângulos articulares do posterior esquerdo, nesse momento mais engajado, poderão fechar-se recebendo a ação das mãos do cavaleiro (fig. 2).

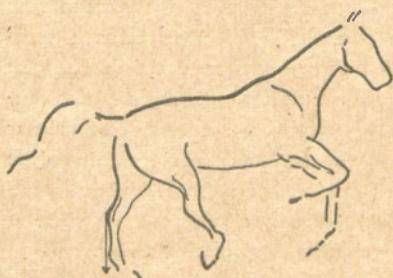


Figura 2

O mesmo não acontece no segundo tempo, quando o diagonal esquerdo mantém a massa para lançá-la sobre o anterior direito.

O pêso distribuído entre o anterior esquerdo e posterior direito, enquanto o outro diagonal atua, se oporia, ou pelo menos, dificultaria a ação da meia-parada.

Ora, a meia-parada coincidindo, neste caso, com o segundo tempo do galope

à direita (fig. 3), a ação das mãos do cavaleiro iria incidir justamente na colu-

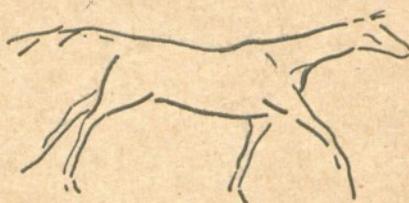


Figura 3

na vertebral e na região da articulação lombo-sacra, exatamente onde estão situados os rins do cavalo. O posterior direito, não podendo flexionar-se, pelo fato de não estar engajado sob a massa, constituiria uma espécie de estaca, na qual estaria presa em duas pontas uma vara articulada na parte posterior (fig. 4).

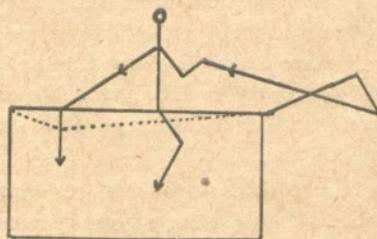


Figura 4

Nesse caso, o cavaleiro conduziu o excesso de pêso do antemão para o postmão, mas inflingiu um sofrimento aos rins do cavalo, além de prejudicar a sua impulsão, em razão do maior afastamento do posterior direito pela duração ocasionada ao apóio desse membro no solo.

Analisemos, agora, o terceiro tempo. A ação da meia-parada nesse momento, que é quando o anterior direito recebe a massa, só poderia dificultar a ação natural do galope, além de precipitar o pousar dos membros em suspensão, o que viria prejudicar a velocidade (fig. 5).



Figura 5

É preciso não confundir a nossa explanação com outras ações. Estamos falando acêrca da meia-parada, que é:

*"uma ação enérgica e súbita da mão, que o cavaleiro executa com as rédeas fechadas entre os dedos fazendo uma rápida rotação dos punhos de baixo para cima e da frente para trás, sem perder o contacto com a boca do cavallo"* (*Manuel D'Équitation et Dressage*, pag. 12, al. 4).

Essa ação súbita das mãos, também não terá efeito no cavallo violento, se o cavaleiro, ao executá-la, fizer incidir esta ação sobre os rins do cavallo. Lógicamente, ele conseguiria outro resultado que não o de acalmá-lo.

Outras ações cujo emprêgo temos presenciado, se recebem o nome de meia-parada, é certamente para dar-lhe um sabor técnico; neste caso, entretanto, poderíamos substituir o termo por outro mais curto e mais real, como seja de "soco" na boca do cavallo.

Dizemos isso, porque já cansamos de presenciar esse emprêgo; nota-se perfeitamente a ação violenta das mãos do cavaleiro, mas sem repercussão no conjunto do cavallo.

Baucher, o mestre que em seus livros fazia o cavallo falar, talvez nos legasse o diálogo abaixo:

*" — O nobre corcell por que não respondes à ação das mãos do cavaleiro?*

*— O cavallo: Meu bom mestre, isso não é possível; por mais que me esforce não consigo distinguir o que o meu cavaleiro deseja, pois êle:*

*— com a ação violenta de rédeas bambas, de há muito vem me causando verdadeiras torturas à boca, que as vêzes chega a sangrar;*

*— quando a ação é feita com rédeas ransas, recebo sobre os rins uma pancada cuja dor suporto com verdadeiro sacrificio;*

*— justamente quando preciso apoiar o pêso do meu corpo em um membro, lá vem uma pancada sobre a minha rãquis, que se dobra em direção ao meu ventre e me esmaga os rins;*

*— acusam-me de violento; porventura há alguém que, submetido a tais torturas, não se revolte?*

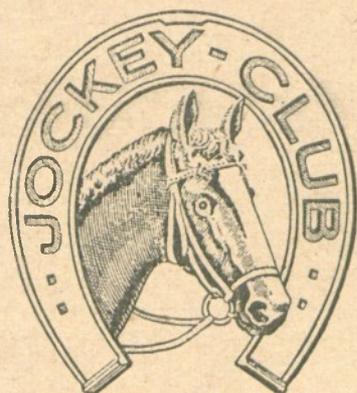
*— dessas ações do cavaleiro, sei bem que terei dois caminhos a escolher: ou o meu pescoço se põe em estado permanente de contração para prevenir e compensar o meu sofrimento ou deixarei de andar para frente. Dêsse modo evitarei, pelo menos em parte, o esmagamento dos meus rins".*

Ai está o que o cavallo diria a Baucher.

Conforme dissemos no início d'êste trabalho, muitos autores aconselharam o emprêgo da meia-parada, certamente, com sensíveis diferenças.

Baucher, referindo-se à meia-parada, assim se expressa:

*"O termo meia-parada do qual me sirvo para exprimir a ação rápida e enérgica da mão, que tem por objetivo levar para trás o excesso de pêso que sobre-*



S. PAULO

HIPÓDROMO

PAULISTANO

EM

CIDADE JARDIM

A grande atração de São Paulo

---

Aos Sábados e Domingos

REUNIÕES ELEGANTES

em agradabilíssimo ambiente.

Transporte facilimo: Ônibus e Auto-lotações  
partindo a todo instante do

PARQUE ANHANGABAÚ

carrega a antemão, não exprime exatamente a idéia que deveria dar.

Esse termo, que indica um encurtamento, foi conservado por mim para não mudar uma expressão já consagrada pelo uso.

Quando emprego a meia-parada é unicamente para designar o deslocamento do peso, com a condição expressa de não prejudicar em nada a ação própria do movimento. A meia-parada, quando empregada no cavalo em estação, não deve provocar o recuo do cavalo”.

O comandante J. de Salins, que além de notável cavaleiro é um dos mais recentes escritores de equitação, assim se expressa :

“Contrariamente ao sentido que lhe atribuem diversos autores, a meia-parada não corresponde aqui a um gesto do cavaleiro, mas à própria andadura do cavalo que deve escoar para a frente desde o momento em que o seu “encurtamento”, levado ao limite extremo, está no ponto de se transformar em parada.

É nesse curto momento, durante o qual o cavalo está, por assim dizer, em “suspenso”, que neste livro qualifico a meia-parada”.

O termo meia-parada deve significar pois, não o alto, a parada, mas a meia-parada.

Todavia, se o cavalo instintivamente pode apresentar resistência de peso, em razão da sobrecarga do antemão, accrescida do peso do cavaleiro, também parece lógico que elle não saberá responder instintivamente, à ação das suas mãos.

Nesse caso, é ainda o Cmt. J. de Salins, quem melhor nos orienta na preparação do cavalo para responder às meias-paradas.

Em síntese, recomenda elle a preparação do cavalo, principalmente na execu-

ção das voltas, com a rédea contrária, destruindo-se as resistências por meio da outra rédea.

Realmente, na execução da volta à direita o cavalo terá de engajar mais o posterior direito; nessas condições, para operar a meia-parada com uma rédea, o cavaleiro terá a sua tarefa facilitada pelo engajamento do posterior direito.

Fazendo coincidir a ação com o engajamento, então o peso da massa incidirá sobre um jarrete engajado e, por conseguinte, em condições de receber e amortecer a carga oriunda do refluxo do peso.

Praticando a meia-parada, na volta à direita e à esquerda, prepararemos o cavalo para responder a estas ações nas linhas curvas. Desde que o cavalo esteja bem confirmado neste mister, começar o trabalho em linha reta, que é a parte mais difficil. Aliás, para um cavaleiro de tacto, a difficuldade é apenas relativa.

Durante este trabalho o cavaleiro não deverá perder de vista que as suas pernas atuam no momento oportuno para forçar o engajamento e as mãos, para distribuir o peso. Deve ainda observar:

— que a elevação do pescoço deve corresponder ao maior engajamento dos posteriores e vice-versa (flexão);

— o alojamento do pescoço deve preceder ao escoamento da massa para a frente, tão logo o cavalo responda à ação (extensão).

O emprêgo da meia-parada, como se vê, é delicado. Antes do cavaleiro praticá-la, deve estar seguro de que tem o tacto sufficiente para empregá-la. Caso contrário, poderá arruinar os rins e jarretes do cavalo, além de perder, talvez, um bom saltador que, ao ver um obstáculo associa o sofrimento dos rins e da

boca ao esforço a dispender e é, ainda, impedido do funcionamento do balanceiro cervical.

Para evitar flutuações na boca do cavalo que vai saltar, o general L'Hotte aconselhava o cavaleiro novato a abandonar as rédeas e a segurar o cepilho com as mãos.

Diante do general Noel, inspetor de Cavalaria, L'Hotte determinou a um pelotão em "reprise" que saltasse um obstáculo composto de toros, a primeira vez mantendo as rédeas em ambas as mãos e a segunda abandonando-as. Feita a experiência, ambos constataram que o ruído oriundo das batidas dos cascos dos cavalos nos toros deixou de ser ouvido quan-

do os homens abandonaram as rédeas, ou seja, quando deram às suas montadas plena liberdade de emprêgo do balanceiro cervical.

Este emprêgo, é, pois, o inverso do uso da *meia-parada*, diante do obstáculo que o cavalo vai saltar. Há aí, uma ciência que não está ao alcance de qualquer curioso.

O estudo que acabamos de expor, teve por base a andadura do galope, que é o que interessa nos concursos hípicas. No adestramento, readestramento ou preparação do cavalo, o cavaleiro saberá, certamente, adaptar estes ensinamentos ao ritmo de cada andadura.

## Indústrias Cama Patente - L. LISCIO S. A.

A MAIOR FABRICA DE CAMAS DA AMERICA DO SUL



GRANDES FORNECEDORES DO EXÉRCITO NACIONAL  
POLÍCIAS MILITARES — COLEGIOS — HOSPITAIS etc.

FABRICA E ESCRITÓRIO:

Rua Rodolfo Miranda, 97

— São Paulo —

FILIAIS

Rio de Janeiro — Recife —  
Bahia — Belo Horizonte —  
Pôrto Alegre — Maceió —  
Fortaleza.

# DESFRALDEMOS A BANDEIRA

## de um novo Ipiranga!

*Major Luiz de Siqueira*  
da P.M. do Distrito Federal

Sempre que o instrutor se aproxima do aluno pelos caminhos do afeto, procurando lhe sentir a alma e o coração, certamente fruirá desse intenso contacto, desse constante «tête-à-tête», uma grande e incontável vantagem que é a de melhorar a receptividade do instruendo, predispondo-o a ouvir-lhe com maior atenção, a tomar interesse pelo assunto explanado, a executar com boa vontade um trabalho em sala ou em domicílio. Assim foram os nossos mestres.

Obedecendo aos mais adiantados métodos e processos da moderna pedagogia militar, dêles recebemos os mais provechosos e luminosos ensinamentos que, si não podemos considerar u'a messe completa e detalhada de conhecimentos, representam, sem a menor dúvida, base sólida, linha segura e certa para que possamos, de futuro, nortear melhor e confiantemente o prosseguimento desses e de outros estudos, assim como a sua aplicação no trato diário da caserna.

.....

Aos paranaenses e goianos, êsses distintos companheiros que conosco conviveram e com isso concorreram

para maior aproximação e conagração das corporações irmãs, antes de lhes almejar o melhor êxito e um desempenho brilhante de seus deveres profissionais, nós os cariocas, pedimos escusas por alguma falta acaso cometida durante êsse talvez pouco confortável acantonamento de quase doze meses, porém, lhes afirmamos o nosso firme propósito de cada vez mais cimentar nossa camaradagem, por um aprimoramento de intercâmbio social e cultural.

Levai, pois, para os campos gerais povoados de pinheiros verdejantes e altaneiros, e para o Brasil Central, onde serpeia o caudaloso Araguaia, o nosso sincero amplexo de amizade fraterna.

Iremos todos, cariocas, paranaenses e goianos, para as lutas cotidianas, no desempenho da tríplice missão de instruir, comandar e administrar, certos de que a mais árdua, a que melhores frutos nos pode oferecer é a de educação do soldado, quer do ponto de vista militar, quer no âmbito da função policial que é a sua principal finalidade.

Bem sei que não é tarefa suave e fácil, transformar em policial um patricio analfabeto ou pouco letrado,

---

O major Luiz de Siqueira, aluno do C.A.O. da Polícia Militar do Distrito Federal, quando da entrega de diplomas aos diplomandos que o elegeram para interpretar o pensamento da turma, fê-lo de modo objetivo, patriótico e vibrante. Sua oração, pela oportunidade e realismo ao encarar problemas policiais e nacionais, merece o destaque que lhe damos, a guisa de colaboração especial.

---

tirar-lhe os vícios, aparar-lhe as arestas, dar-lhe instrução moral e cívica e convencê-lo, finalmente, de que em seus ombros repousa parcela da tranquillidade pública, da segurança da propriedade do cidadão e a garantia de execução da lei.

Sim meus amigos, educar os novos, reeducar os velhos já esquecidos de seus mais simples deveres, alfabetizar os que não conhecem o idioma pátrio, injetar sangue novo naqueles que ainda não perderam de todo a crença, naqueles que se consideram vencidos, naqueles que corroidos pelo «virus» da desagregação que vem avassalando o mundo, nada levam a sério, só cuidam de si, só tratam de seu interesse particular, de seu bem-estar material e não olham para os seus semelhantes, o interesse coletivo para eles é de somenos importância, não se dando conta de que pertencem a uma classe que em todos os mais adiantados países têm alta e significativa missão, da qual deflue enorme soma da responsabilidade.

Como educar o soldado? Como conquistar o seu respeito e do mesmo passo, a sua estima? Evidentemente, só por uma educação adequada.

A dupla faceta de nossa missão, determina uma série de cuidados especiais no preparo do soldado. porque as rossas Corporações, antes de serem militares são policiais. Ora, quem fala em polícia (e isto eu já ouvia há mais de 30 anos passados), fala em civilização, em urbanidade, em educação, em equilíbrio da ordem jurídica, em defesa da sociedade.

Efetivamente, qualquer alienígena que desembarca de um navio, de um avião ou de um trem numa ci-

dade estranha tem, logo à primeira vista, a sua atenção voltada para os policiais. Isso é instintivo porque geralmente o policial se apresenta fardado, e também porque o forasteiro muitas vêzes precisa de um informação, de um esclarecimento. Si o vê bem posto no seu uniforme, irrepreensivelmente limpo, correto nas atitudes, e sobretudo, atencioso, esse viajante há de naturalmente conjecturar e concluir que está pisando numa terra onde tudo deve afinar pela ordem, pelo respeito, pela garantia de direitos.

Cita o primeiro tenente Luiz Armando Lopes Ribeiro, no seu excelente opúsculo «Polícia de Rua», duas impressões colhidas há alguns anos por dois ilustres brasileiros em viagem pela Europa. Uma é de Brasil Silvado que diz: «A primeira impressão que o estrangeiro chegado a Londres recebe, observando a polícia nas ruas, é excelente. Os policiais, extremamente corteses, si não amáveis, têm tal correção nas maneiras e no vestuário que verdadeiramente seduz. A impressão que se tem é de que estão todos de uniforme novo, estreado naquêlê dia». Outra é a de Ildefonso Falcão, a propósito da polícia alemã. Diz êste patricio: «Eu tenho por essa impertigada, competente coluna de ordem que é o «chupo» alemão, uma velha simpatia. Não me canso de admirar nêsse homem que nem sempre traz o sorriso à flôr do lábio, apertado elegantemente no capote de sua farda azul a cabeça enterrada no capacete luzidio em que se destacam as insignias da corporação, o espírito de férrea disciplina que pratica e que impõe aos outros pela persuasão ou

pela força. Mas esse «chupo» que parece amedrontar os tímidos pelo tamanho e pela sizudez, semelhando ser o que não é, tem delicadezas que emocionam para com as crianças e velhos».

— Por que, senhores, essa perfeita harmonia entre o Poder Público e o povo?

— Simplesmente porque nesses dois países a polícia age mais pela força do símbolo que pelo regime de repressão, visto que o povo — que é altamente civilizado — tem noção nítida de seus deveres e direitos e, por esse mesmo motivo, acata a autoridade e seus agentes, e estes, por sua vez, gozam do prestígio do Poder Público, do qual são representantes.

Educar, eis o problema que se nos apresenta. E esse problema não é só policial, não interessa somente às nossas casernas, porque é um problema nacional. Precisamos formar profissionais competentes e honestos, porque é o Brasil que precisa não só de bons policiais, como de técnicos-lavradores, pescadores, metalúrgicos, artesãos e toda uma série de operários e artífices.

Todos os esquemas de desenvolvimento econômico de um povo que não tenham por base a valorização do homem, calcado num plano de educação compulsória e integral, não terão frutos permanentes e renovados, poderão servir para contornar situações de emergência, nunca, porém, para efeitos duradouros. Diz famoso sociólogo que os que erram sem teto, arruinados e famintos, só chegam a tal extremo por falta de instrução.

Precisamos, pois, combater o analfabetismo, despertar no brasileiro

o amor ao que é nosso e às suas tradições, o culto de nossos maiores vultos, combater as idéias e costumes desnacionalizantes, importados de além-mar, criar, em suma, uma nacionalidade orgulhosa de seu passado, de sua história. Esse desiderato só alcançaremos pela educação, pelo amor às idéias que exaltam os seres humanos.

Miguel Couto, o inolvidável médico e patriota assim se expressou, abordando esse palpitante assunto: «A ignorância é uma calamidade pública como a guerra, a peste, os cataclismas, e não só uma calamidade, como a maior de todas, porque as outras devastam e passam, como tempestades seguidas de céu bonançoso, mas a ignorância é qual o câncer que tem a volúpia da tortura no corroer célula a célula, fibra a fibra, inexoravelmente, o organismo; dos cataclismas, das pestes e das guerras se erguem os povos para as bênçãos da paz e do trabalho; na ignorância se afundam cada vez mais para a subalternidade e a degenerescência».

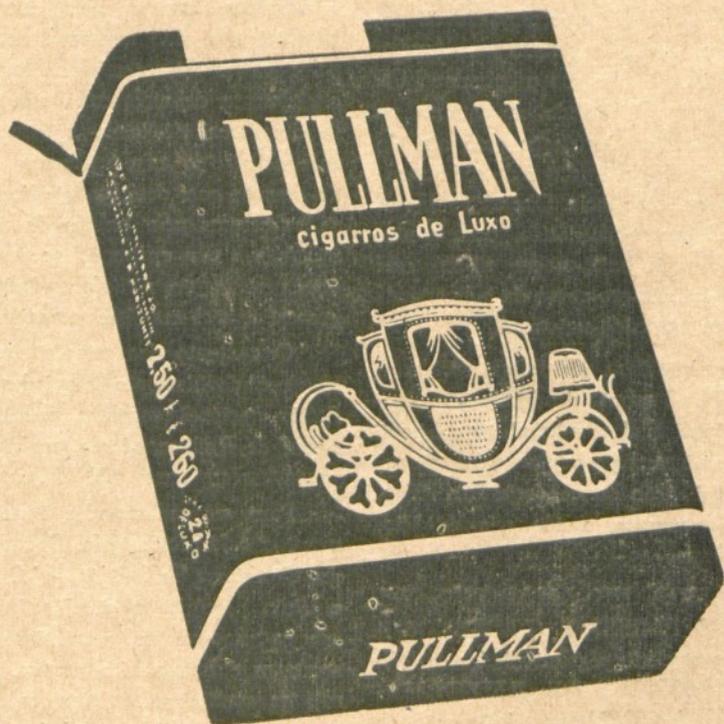
Como evitar que o jéca derrube uma árvore e no seu lugar não plante outra? que o seringalista ponha pedra na borracha, que os nossos compositores exaltem a malandragem em vez do trabalho? que os livros infantis de Monteiro Lobato sejam substituídos por X-9 e por gibis, que não haja tantos desfalques no patrimônio público? que em pleno dia, ao sol a pino, crianças e rapazes, em vez de estarem na escola ou na oficina, estejam batendo bola? que os encarregados de selecionar técnicos e agricultores deixem de nos enviar a escória social que perambula nas capitais e vive parasitária-

mente, à custa das magras economias do povo? Como valorizar o brasileiro? Creio que só pela cultura do povo porque da cultura nasce o desejo de progresso, do desejo a atividade, da atividade a riqueza que multiplica a fortuna coletiva e desta a confiança, a fôrça, a durabilidade, a coesão.

Precisamos, desde já, desfraldar a bandeira de redenção do Brasil;

precisamos que essa bandeira seja empunhada por todos os brasileiros de boa vontade e que em volta dela se reúna todo o Brasil, qual novo Ipiranga em cujas margens possamos ouvir outro brado de Independência: a nossa Independência intelectual, moral e econômica.

**VIVA O BRASIL!**



*"Não se queixe; produza mais"*



# Radioamadorismo

1.º ten. farm. Irani Paraná do Brasil

Certa vez um colega de farda perguntou-me, o que representava certo distintivo que eu trazia prêso à lapela do paletó, que continha as letras LABRE.

Tive assim, a oportunidade de explicar-lhe, muito sucintamente, durante o curto tempo que nos proporciona um encontro casual, ficando, no entanto, no dever de maior elucidação para que ela sirva de incentivo à prática do rádio amadorismo em nosso meio. Considerando seu valor altamente patriótico, porque ninguém ousará, hoje, negar a sua real contribuição ao progresso da humanidade e de seu conteúdo universal.

Por gentileza de nossa revista a "MILITIA", arauto de divulgação científica, intelectual e cultural, traço, aqui, despretenciosamente, minhas palavras, para a explicação do que seja LABRE e, conseqüentemente, o que seja o rádio-amadorismo.

A LIGA DE AMADORES DE RADIOS EMISSÃO (LABRE), é o órgão controlador das atividades da REDE NACIONAL DE RADIOAMADORISMO (RNR) com designação de ÓRGÃO OFICIAL COORDENADOR (OCO).

A recente Portaria n.º 936, de 30-IX-1950, do Ministério da Viação e Obras Públicas, aprovando as Instruções

sobre o radioamadorismo nacional, diz no seu art. 1.º: "O Radioamadorismo praticado universalmente e, portanto, subordinado a normas gerais decorrentes de Convenções Internacionais cujos regulamentos têm sido aceitos e ratificados pelos países interessados na matéria é oficialmente definido como *um serviço, de amadores, destinado a incentivar e desenvolver os conhecimentos técnicos de pessoas que, devidamente licenciadas, se interessem pelo estudo da radioeletricidade e sua aplicação ao serviço de intercomunicação, a título exclusivamente pessoal e sem interesse pecuniário*".

O conjunto das estações de rádio-amadores devidamente licenciadas no território nacional constitui a Rede Nacional de Radioamadores, conhecida, abreviadamente como "RNR".

Para ser radioamador é necessário permissão fornecida pelo Departamento dos Correios e Telegráfos — "DCT". — a título precário, a cidadãos nacionais que satisfizerem as exigências regulamentares e hajam feito provas de possuir os conhecimentos técnicos mínimos e necessários, e, de capacidade de transmitir e receber auditivamente textos em sinais do Código Morse, consoante o estabelecido nas Convenções e Regulamentos Internacionais de que o Brasil é signatário e o disposto no § 2.º do Art.

80 do Regulamento aprovado pelo Decreto n.º 21.111, de 1.º de março de 1932.

Nos termos do aludido Decreto, os integrantes da "RNR" constituem reserva especial das Forças Armadas, que, a critério do Presidente da República, em caso de emergência, poderão ser chamados, no todo ou em parte, a prestar serviços de caráter público, na forma das ordens de serviço que forem baixadas pelo órgão competente, que neste particular seria o Ministério da Guerra, podendo, além dos serviços, requisitar todo o equipamento de transmissão do radioamador, decorrendo, daí, a obrigação dos componentes da "RNR" atenderem prontamente os pedidos de informações do Órgão Oficial Coordenador.

De acôrdo com a finalidade da permissão, não poderão os permissionários utilizar suas estações de radioamadores para fins de interesses comerciais, próprios ou alheios, nem fazer pagar direta ou indiretamente, em dinheiro ou em espécie, por qualquer serviço eventualmente prestado a terceiros, sendo vedado também utilizar seu transmissor para fins de natureza política ou religiosa, assim como transmitir assuntos que impliquem em desrespeito aos poderes constituídos ou à moral pública, que incitem os preconceitos da raça ou de classe ou ainda as que possam ser prejudiciais ao bem comum ou à segurança nacional.

Os radioamadores são classificados em 3 classes:

- 1.a — Classe Juvenil;
- 2.a — Classe "B" e
- 3.a — Classe "A".

Pertencerão à classe *Juvenil*, entre outras exigências, os que tenham mais de 16 anos e menos de 18, e, hajam

sido aprovados nos exames de habilitação desta classe.

A classe "B", os maiores de 18 anos, que hajam sido aprovados nos exames de habilitação para esta classe ou apresentem certificados firmados pelo Comandante, Chefe ou Diretor de Corpos, Estabelecimentos ou Repartições do Exército, Marinha e Aeronáutica, ou ainda pelo Diretor da Escola Civil reconhecida pelo Governo, de haver concluído qualquer curso de cujo programa conste o ensinamento da radioeletricidade e da prática de transmissão e recepção auditiva de sinais do Código Morse. Para a classe "A" entrarão todos aqueles que, tendo pelo menos um ano de atividade na classe "B", satisfaçam às exigências regulamentares para o ingresso nesta classe, ou submetam-se aos exames de habilitação para a classe "C".

Com tôdas estas exigências, não é o radioamadorismo um simples passatempo, como dizem os que desconhecem o seu verdadeiro conteúdo, e que dizem: "os radioamadores são pessoas ricas que, tendo facilidades e posses, adquirem uma estação transmissora de rádio e ficam fazendo seus negócios de família, por meio de códigos" ou, então, "gente que não tem nada que fazer e mata o tempo conversando através das distâncias, sobre o tempo, sobre literatura e sobre a vida". Nada disso é verdade. As maiores descobertas no campo da rádio-eletrônica, só se tornaram possíveis graças ao espírito observador e da pesquisa de que são dotados quase que a totalidade dos radioamadores. É ele um indivíduo singular que começa a ser útil quando adquire seus próprios conhecimentos técnicos de rádio, montando seu próprio transmissor, procurando sempre novidades para "enriquecer" cada vez

mais sua "macanuda" (\*). Fica, entendendo da coisa, solda resistência, coloca mais válvulas, aumenta a potência de seu transmissor, estuda, pesquisa e realiza, sobretudo, um trabalho de aproximação dos povos, ao se comunicarem pelo rádio, com colegas de outros lugares distantes, constituindo os "DX". Isto se transforma numa verdadeira radiomania, que aumenta de valor quando conquista recordes e posições.

Os radioamadores habilitados recebem um indicativo de chamada formado por um grupo de letras e algarismos, para ser usado em tôdas as suas comunicações, seja qual for a estação que utilize.

Os indicativos dos radioamadores brasileiros são iniciados pela letras "PY", e as outras nações, pelas letras que lhes couberam por Convenção, como por exemplo: Uruguai "CX"; a Argentina "LU"; a Bolívia "CP"; o Canadá "VE"; a Groenlândia "OX"; a Guatemala "TG"; o Haiti "HH"; os Estados Unidos "W", e assim todos os demais países, seguindo sempre de um algarismo correspondente à região, em que estiver localizada a estação, e mais duas ou mais letras, como por exemplo, o meu indicativo, PY 2 ADO, do nosso colega ten. Osvaldo Teixeira Pinto, PY 2 AWA e do sargento Júlio Mario Di Giacomo, PY 2 AGS.

O território nacional está dividido em 9 regiões:

- 1.a — Distrito Federal, Estado do Rio de Janeiro e Espírito Santo;
- 2.a — São Paulo e Goiás;
- 3.a — Rio Grande do Sul;
- 4.a — Minas Gerais;

- 5.a — Paraná e Santa Catarina;
- 6.a — Bahia e Sergipe;
- 7.a — Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará;
- 8.a — Maranhão, Piauí, Pará, Amazonas e Territórios do Acre, Rio Branco, Guaporé e Amapá; e
- 9.a — Mato Grosso.

As comunicações entre radioamadores, podem ser feitas em fonía ou em C. W. (telegrafia) obedecendo normas e convenções regulamentares.

Presentemente, são em número superior a trezentos mil os radioamadores em todos os países civilizados do mundo, formando no éter uma verdadeira teia invisível, patrulhando, vigilante no ar, prestando serviços militares e servindo a coletividade.

Especificando as ocupações radioamadorísticas, visam primeiramente, travar o mais íntimo e interessante conhecimento entre o misterioso espaço negro e as ondas hertzianas, e, exercer a "rádio-comunicação no afã de aproximar os povos da terra, e, em um futuro, talvez, os próprios habitantes de outros planetas".

Interessante é constatar que, entre nós, o radioamadorismo tomou tal vulto que já congrega em seu seio elementos de alta projecção nos meios governamentais, dentre eles podemos citar, os srs. Ministro dr. Aldroaldo Mesquita da Costa (PY 1 APA) e gen. Canróbert Pereira da Costa (PY 1 ANP), autoridades civis, religiosas e militares.

Na Fôrça Pública é diminuto o número dos que praticam o radioamadorismo, podendo acrescentar aos já citados, mais o sr. cel. João Rodrigues Bio (PY2AVZ), capitão Armando Sa-

(\*) Termo usado em radioamadorismo para designar uma estação amadora.

les (PY2ÀZR). É no Exército, Marinha e Aeronáutica onde ele encontra numerosos adeptos, principalmente no primeiro, onde ele existe em maior proporção, destacando-se os generais Carlos Vilaça (PR2IT), Jaime de Almeida (PY2DG), dr. Amaro Soares Bitencourt (PY1AV), Brasiliano Freire (PF1BB), cel. Riograndino Kruehl (PY1AR) e muitos outros oficiais superiores, subalternos e inferiores. Das autoridades religiosas, destacamos: pe. Luiz Gonzaga Peixoto Fortuna (PY2ABR), mons. João Lourenço (PY2ID), padres Roberto Sabóia de Medeiros e Casimiro Gomes de Abreu (PY2FE), poderíamos citar centenas de nomes ilustres e dignos que constituem a grande família labreana. Dos sócios da Labre, citamos ss. excias. o general Eurico Gaspar Dutra e Governador Adhemar de Barros e seu ex-secretário da Fazenda, dr. Benedito Maranhães Barreto.

O radioamadorismo nivela a todos, dentro da trilogia igualdade — fraternidade — liberdade, na sua obstinação

sincera de tudo fazerem, na ânsia de novas descobertas, partidários da ordem e da disciplina que eles próprios traçaram, regendo-se por um conjunto de normas da mais alta e nobre compreensão humana, assistindo-se mutuamente entre os radioamadores de todo o mundo. Eles falam a mesma linguagem e nenhuma diferença existe.

Assim, espero ter dado, nestas despretenciosas linhas, uma explicação do que seja o radioamadorismo e sem outro intuito a não ser o de despertar entre os componentes da gloriosa Fôrça Pública, o interesse pela prática de tão útil atividade.

Muito mais poderia dizer sobre este assunto, das suas conquistas, intimidades e realizações, no terreno da eletrônica, sobretudo do seu valor cultural e moral; entretanto, deixarei para outra oportunidade, se tal assunto conseguir despertar o interesse desejado.

A Labre, funciona no edifício dos Correios e Telegráfos, 2.º andar — Caixa Postal n.º 22, em São Paulo.

\*\*\*

A maior organização de Rádios, Refrigeração, Máquinas de Costura,  
Bicicletas e Material Elétrico

Representantes e importadores de afamadas marcas americanas e européas

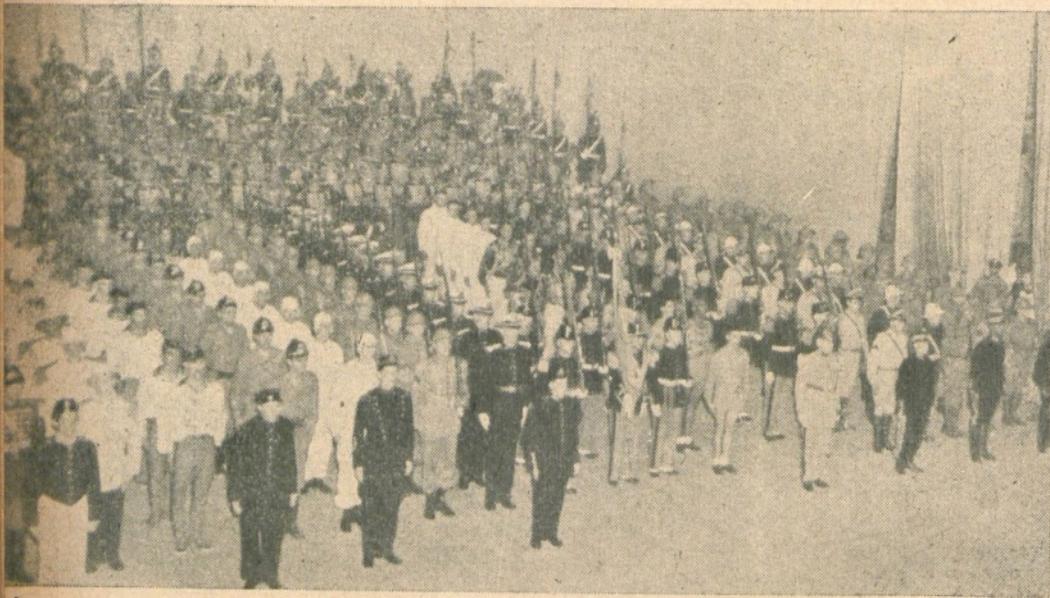
VENDAS EM 20 PRESTAÇÕES

**RÁDIOS BELMONTE LTDA.**

UM NOME — UMA TRADIÇÃO — UMA GARANTIA

Rua São Caetano, 315 — Fone 34-6038 — S. PAULO

# 15 de Dezembro



Uniformes os mais variados vestiram os elementos da Fôrça Pública, desde a sua fundação. Formando um belo conjunto policrômico, a reconstituição da evolução histórica, até nossos dias, foi o ponto alto das festividades realizadas no Teatro Municipal.

A Fôrça Pública de São Paulo comemora mais um aniversário de sua secular existência.

Votada à manutenção da ordem e segurança no Estado, constitue um penhor de garantia à obreira e dinâmica gente de Piratininga.

Depositam-lhe os paulistas justa confiança, porquanto a velha e eficiente Corporação jamais falhou no cumprimento do dever.

Embora o desempenho de suas espinhosas missões quer militar, quer policial, lhe tenha custado o sacrifício de heróicos soldados, nunca recuou nas lutas, em prol da paz social.

Nesta fase histórica, intensa e agi-

tada que se caracteriza pela instabilidade é, sobremaneira, árduo, não o cometimento de arrojadas e bravas proezas, mas a simples desincumbência das obrigações.

Que de sacrifícios não exige, nos dias que correm, conservar íntegra uma Instituição, ante o violento choque de exóticas ideologias.

É mister moral adiamantino, qual o de nossa prisca Fôrça, para não solver-se no mar das falaciosas agitações sociais.

O Comando Geral, em homenagem à magna data da Corporação, organizou várias festividades comemorativas. Assim, no dia 15 de dezembro, após a mis-



#### DEMONSTRAÇÃO EQUESTRE

No Parque da Indústria Animal de Agua Branca, foram realizadas várias demonstrações equestres, como saltos, volteios, etc., diante de numerosa assistência, como se vê no clichê supra. Em baixo, após aquelas demonstrações, alguns dos oficiais da P.M. do Distrito Federal, chefiados pelo major Cunha Beltrão, visitaram a GAZETA ESPORTIVA, que gentilmente nos cedeu o clichê.





Oficiais da F.P., capitaneados pelo seu chefe do E.M., cel. João de Quadros, compareceram ao embarque da delegação da P.M. carioca, que nos honrou com a presença durante as festividades de aniversário.

sa em ação de graças e visita ao túmulo do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, fundador da Força Pública, realizou-se, no Ginásio "Delphin Balancier" da Escola de Educação Física, o encerramento dos cursos de Instrutores de Educação Física, Monitores de Esgrima e entrega dos "brevets" da 1.ª turma de Paraquedistas.

Essa turma, composta de nove elementos foi saudada pelo Cmt. da Escola ten. cel. José Hipólito Trigueirinho e teve, como paraninfo, o major Arrison de Sousa Ferraz.

As 10 hs. e meia, no quartel do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, houve o encerramento do ano letivo e entrega de espadas aos aspirantes de 1950, ponto êste culminante das comemorações.

Em eloquente boletim alusivo ao ato, o comandante do Centro, cel. Heliodoro Tenório da Rocha Marques, sinteticamente, avivou episódios históricos da tropa de Piratininga e valendo-se dê-

les, fêz vibrante evortação aos alunos que deixavam aquela Unidade-escola. Transcrevem-se significativos trechos do expressivo boletim:

"Estatue o novo Regulamento do Centro que a solenidade de encerramento dos cursos que aqui funcionam tenha lugar no dia 15 de dezembro data aniversário da Força Pública.

Essa disposição regulamentar tem uma alta significação para todos que aqui servimos. Obriga-nos a olhar reverentemente para o passado, a fim de sôbre êle edificarmos a nossa obra, no presente, por forma a assegurar a continuidade de esforço das gerações que se sucedam nas fileiras da Força.

No rápido discurso pronunciado por ocasião da sua recente visita a êste Centro, o sr. general Charles L. Mulins Jr., chefe da delegação norte-americana integrante da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, teve ensejo de afirmar, numa síntese feliz, que é nesta unidade-escola que se perpetua o espí-



No Ginásio da E.E.F., teve lugar a cerimônia de entrega de "brevets" para a primeira turma de paraquedistas. No instantâneo, o cel. Ferlich entregando o significativo documento a um dos paraquedistas.

rito da Corporação. Tal conceito encerra em si mesmo, e de forma eloqüente, as graves responsabilidades que pesam sobre o Centro de Formação e Aperfeiçoamento.

Forja onde se preparam os soldados e se formam e aperfeiçoam os quadros da Fôrça, constitui êste Centro o cadinho no qual se fundem as tradições que nos vêm do passado e as esperanças que alimentamos no futuro da Corporação, cujo espírito ha de perpetuar-se através das turmas de oficiais, sargentos, cabos e soldados peridicamente entregues ao serviço da Fôrça como novas células destinadas ao indispensável e oportuno re- vigoramento do organismo coletivo.

Do seu passado de 119 anos de serviços prestados ao Estado e ao País, a Fôrça Pública nos contempla, impondo-nos o rumo a seguir.

Volvamos um olhar retrospectivo para os dias conturbados da Regência. Nessa quadra de inquietação dos espíritos, de agitação política e de incertezas para o futuro da Pátria, que ensaiava os seus primeiros passos como nação independente, o poder central houve por bem chamar à Côte as poucas tropas regulares com que contava o novel Império para assegurar a defesa imediata do governo e das instituições. Nas Províncias, ficaram apenas as Guardas Nacionais,

### *Na contra-capa dêste número*

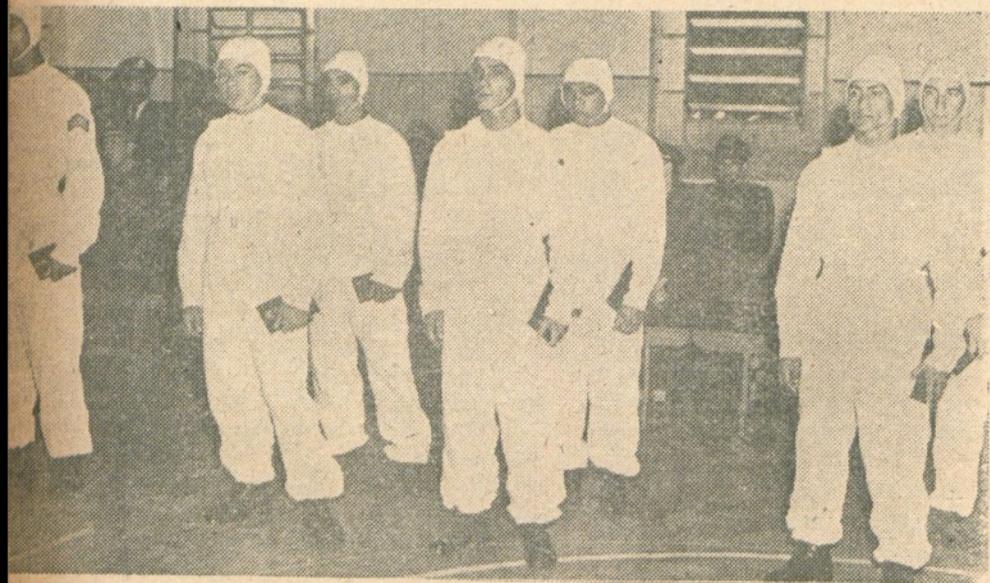
#### DECLARAÇÃO DE ASPIRANTES

São relativas a esta importante quão significativa solenidade as fotos que compõem a contra-capa desta revista. Elas dispensam legendas.

de todo desaparelhadas para o cumprimento de qualquer missão militar.

Assim, nascida por um imperativo da ordem interna, nos dias agitados e incertos da Regência, a Fôrça Pública vem crescendo com São Paulo e tem sabido justificar plenamente a sua nobre finalidade, através dos seus 119 anos de existência, seja na sua missão precípua de policiamento, seja em operação de

sempre na eficiência da Fôrça Pública, que, a par da missão de policiamento que lhe é própria, tem pesado consideravelmente como um fator de ordem e de estabilidade das instituições e dos poderes constituídos. Assim, vemo-la participar brilhantemente da guerra civil de 1893-94, da Campanha de Canudos e dos demais movimentos armados que abalaram o País, no regime republicano, até



A nova turma de paraquedistas

guerra, sempre que o Estado e a Pátria estiveram em perigo e reclamaram o concurso de sangue dos seus servidores.

No Brasil-Império, vemo-la não só desobrigar-se da missão que lhe estava afeta na manutenção da ordem e da segurança pública, na antiga Província de São Paulo, como também participar dignamente da Guerra do Paraguai.

No Brasil-República, o progresso e a tranqüilidade de São Paulo repousaram

a gloriosa Revolução Constitucionalista, em 1932.

Um passo decisivo na evolução da Fôrça foi assinalado com a vinda da Missão Militar Francesa, em 1906, no clárvidente govêrno do dr. Jorge Tibiriçá. Da profunda remodelação realizada na milícia estadual, nessa fase, adveio-lhe considerável aumento de eficiência e prestígio. Daí ser apontada como um

O governador Ademar de Barros, discursando ao almoço comemorativo, no C.F.A.



“modelo de harmonia, disciplina, vigôr e capacidade militar» pelo nosso grande Ruy Barbosa, que era um adepto fervoroso da vinda de missões técnicas estrangeiras para instruir o Exército Brasileiro da época.

Nessa fase de remodelação por que passou a nossa Fôrça Pública, foram mandados criar, pela Lei n.º 1244, de 27 de Dezembro de 1910, o Curso de Instrução Geral, o Curso Especial de Instrução Militar e a Companhia Escola — órgãos destinados à formação de oficiais, graduados e soldados mobilizáveis, segundo métodos e processos mais aperfeiçoados do que os vigorantes até então.

Lançada a semente, foram êsses primeiros núcleos escolares crescendo a evoluindo, acompanhando “pari passu” o progresso da Fôrça Pública, até constituírem o atual Centro de Formação e Aperfeiçoamento.

Herdeiro de tão brilhantes tradições, cabe a êste Centro prosseguir, melhorando, essa meritória obra.

.....  
*Jovens aspirantes e alunos oficiais!*  
— *Novos sargentos e cabos da Fôrça Pública!* — *Camaradas que terminaram o Curso de Especialização Policial:*

Com esta solenidade de encerramento dos cursos que funcionaram nêste C. F. A., em 1950, faz-se o coroamento dos esforços que vos foram exigidos durante o ano letivo.

.....  
Os aspirantes da Polícia Militar de Goiás retornam ao Estado de origem, depois de aqui fazerem o curso de oficial, ombro a ombro com os que se destinam ao serviço da nossa Corporação.

.....  
Finalmente, os alunos que terminaram o Curso de Especialização Policial daqui saem habilitados ao desempenho de funções policiais especializadas, em novos setores onde a Fôrça Pública precisa justificar, cada vez mais e melhor, a sua elevada finalidade.



Aspecto geral do almoço que teve lugar no C.F.A.

Elevai os vossos pensamentos e as vossas ações acima dos interesses pessoais e imediatos, em benefício dos interesses permanentes do Estado e da Pátria. Não podeis pensar, por enquanto, em direitos e vantagens para vós mesmos, ao contrário, nos deveres que contraístes para com a Corporação, a fim de vos tornardes, no futuro, legítimos legatários do glorioso patrimônio que ela representa.

.....

Combatei o bom combate, na luta em que, como soldados e como cidadãos, todos nós temos o sagrado dever de nos manter constantemente empenhados contra as forças do mal, nos seus variados aspectos. Neste momento delicado e incerto que atravessamos, sêde os apóstolos de uma nova fé nos destinos da Fôrça Pública, nela trabalhando, devotadamente, pela grandeza do Estado e da Pátria».

## A TESOURA MÁGICA

ALFAIATARIA CIVIL E MILITAR



A QUE MELHOR SERVE A FÔRÇA PÚBLICA

# VENTURA & MASELLI

Rua João Teodoro N.º 24

S. PAULO

# O NATAL

## na Força Pública



A comemoração do Natal, efeméride máxima da humanidade cristã, é uma das tradições mais caras da milícia bandeirante. Cada ano, vemos a F.P. celebrá-la com redobrado carinho, entusiasmo ardente e alto sentido social e humano.

Dar aos pequeninos, especialmente aos filhos do soldado anônimo, desse servidor incansável de S. Paulo e do Brasil, horas de sã alegria, sob a evocação da tocante e milenária cena da mangedoura de

Belém de Judá, ou da doce lenda do Papai Noel, é a preocupação primaz dos altos dirigentes da Corporação, ao instituírem, em caráter permanente, de cerca de quatro lustros a esta parte, a comemoração do Natal nos quartéis da F.P.

No ano da graça de 1950, o nosso Natal foi encantador. Meticulosamente preparado e organizado pelos comandantes de unidade, oficiais e comissões de senhoras de oficiais, revestiu-se de sucesso e brilho in-

No E. E. T.



No Batalhão de Guardas



No S.T.M.



No S.E.



No S.I.





vulgares. Consideráveis recursos financeiros foram empenhados na aquisição de brinquedos e pertences de utilidade, improvisaram-se shows com a «prata da casa» — os filhos dos próprios elementos da Corporação — obteve-se o concurso de artistas do **broadcasting** bandeirante, atraíram-se aos quartéis grupos renomados como o Papai Noel das «Emissoras Associadas», como o popularíssimo Luiz Gonzaga, o «rei do baião», como a notável e consagrada Dalva de Oliveira, o «caipira» Simplicio, o palhaço Alcebíades e outras altas expressões do

nosso mundo artístico, dando todos, às festividades, um caráter original e atraente.

De 23 de dezembro a 6 de janeiro os quartéis da milícia apresentavam aspectos interessantes, com palcos improvisados, flôres e festões, com a petizada buliçosa e radiante, quebrando o arco retesado da disciplina e o cunho austero das disposições rígidas dos regulamentos. Presentes, brinquedos, guloseimas, sacolas cheias de doces, tudo era distribuído a granel, enquanto o velho Papai Noel, de barbas brancas e andar trôpego, fazia

oferendas e encantava os pequeninos com sua voz cansada e solene.

«MILITIA» visitou os quartéis da Capital, naqueles dias encantadores. Sua reportagem, humana como as crianças e seus pais que ali estavam contentes e felizes, sentiu-se emocionada ante tanta beleza, orientada por um sentido superior, por sentimentos nobres e elevados, características marcantes dos chefes da Força Pública de nossos dias.

Notáveis, por todos os títulos, as festas do Natal, no Ano Santo de 1950. Está de parabens a milícia paulista. Melhor do que as notas desta reportagem, falam as fotos que a ilustram, tomadas pelo nosso serviço especial. Não fôsse a coincidência de duas e até três festividades em um só dia e quase às mesmas horas, e poderíamos apresentar melhor documentário fotográfico. Certos, porém, estamos de que os aspectos que aqui inserimos falam bem alto do esplendor deste Natal, nos quartéis da nossa centenária corporação.

## Miudezas em Geral

Artigos para caça e pesca

Ferragens — Utensílios domésticos, Louças, Vidros, Armas e Munições, Fios, Barbantes, Cordas, Cabos, Rêdes, Encerados, Artigos de Papelaria em geral. Livros em branco — Cachimbos e demais artigos para fumantes.

\*\*\*

Irmãos Del Guerra  
Comércio e Indústria S/A

Importadores  
e  
Industriais

Rua Florêncio de Abreu,  
619 a 625

CAIXA POSTAL, 4733

Tel. { 34-1234 — Seção de Vendas  
      { 34-1141 — Escritório  
      { 34-9089 — Seção de Compras

SÃO PAULO

# Quitandeira

Gastón Figueira

Negra quitandeira bahiana  
que ofreces tus dulces  
con una sonrisa lânguida.

Buena quitandeira bahiana,  
quiero volver a ser niño  
comiendo tus cocadas,  
tus cocadas blancas,  
tus cocadas negras,  
¡tan ricas, tan buenas!

Quitandeira bahiana  
con tus aros, tus anillos, tus collares,  
tu falda de matices cantantes,  
tu blusa ancha  
de encajes adornada,  
y un pañuelo de colores vivientes  
anudado en la frente.

En un braserito  
calientas tus bollos de mandioca,  
mientras la tarde taciturna  
va muriendo

con una sonrisa lânguida  
con la de tu alma...

Dame tus cocadas,  
buena quitandeira,  
tus cocadas blancas,  
tus cocadas negras.

Dame tus "pés de moleque",  
dame esos dulces redondos, color de rosa,  
llamados "beijinhos de moça".

En tu bandeja ofreces, quitandeira bahiana,  
dulcíssimos pedacitos de infancia.

---

Gastón Figueira. Nascido em Montevidéu, Uruguai, em 1905. Desde menino publica suas poesias. Sua bibliografia poética é grande, destacando-se as obras: "Luz Que Canta", "Baladas", e "En el templo de la noche". Viajou muito pelo Brasil, ao qual dedicou grande parte de suas composições. Entre outros livros, "Rio de Janeiro", "Ciudad de Hechicería" canta nosso país. Em "Geografía Poética de América" estão seus poemas de inspiração afro-brasileira.

---

# COLÔNIA DE FÉRIAS



## do Clube Militar

### COMO NASCEU — AQUISIÇÃO DO PRÉDIO — DEMOLIÇÃO DO ANTIGO E CONSTRUÇÃO DE OUTRO EDIFÍCIO DE ARROJADAS PROPORÇÕES — COLABORAÇÃO DO PODER PÚBLICO

Fotos de João Tancler

Texto de B. Barros Ferraz

A vida nas grandes cidades vem absorvendo, cada vez mais, as energias dos seus habitantes. Mergulhados no lufa-lufa cotidiano, eles se consomem prematuramente, quer respirando um ar mesclado das impurezas das chaminés, do escapamento dos motores a explosão e da poeira levantada pelo trânsito intenso, quer pelo corre-corre nas ruas, acucados pelos monstros de rodas, em busca do escritório, do bonde, do ônibus ou do «lotação», enfrentando filas ou irreverências de outrem, sempre em meio a um barulho ensurdecedor. Por isso, alguns dias de retiro, em ambiente de sossêgo, num remanso integrado na natureza, proporcionando-lhe elementos revigoradores para o corpo e encantos para o espírito, são inegavelmente, benéficos para os cidadãos. E todos sabemos quanto eles procuram essa pausa revigorante, indo, sófregamente, aos campos e às praias, em fins de semana ou em períodos de férias, sempre que os meios o permitem.

Todavia, é sabido que apenas uma infima parcela da população pode fazer êsses «raids», dado o seu custo elevado. Temporada num hotel ou pensão, em tais sítios, mesmo para uma pequena família, é coisa que consome importância considerável, quase sempre fora do alcance do chefe de família da classe média.

Tais considerações justificam o movimento social iniciado há mais de uma década, no sentido da criação de colônias de férias, por associações de classe e grandes organizações, industriais ou comerciais. É o que acontece com S. Paulo. Entidades como o Departamento de Educação Física do Estado, a Associação dos Funcionários Públicos, Clube Militar da Força Pública, Sesc, Centro do Professorado Paulista, estão possibilitando a milhares de famílias usufruirm esse benefício. E outras entidades estão dando os melhores dos seus esforços para conseguirem também o seu recanto para descanso, das quais podemos citar o Centro Social

dos Sargentos, já com terreno adquirido na Praia Grande e início de construção assegurado para muito breve; e, mais uma vez, o Clube Militar, já em fase de instalação, em excelente gleba de Campos do Jordão, de uma colônia de férias de montanha, agora com destinação mais extensa, desde que será para usufruto não só do seu quadro associativo, como também de todos os demais elementos da secular milícia bandeirante, e suas famílias.

É com orgulho que o Clube Militar da Força Pública reclama para si um lugar ao lado dos pioneiros na fundação de tais organizações, uma vez que a sua colônia de férias, situada em S. Vicente, foi uma das primeiras. Até então havia notícias de apenas duas organizações em funcionamento: uma, em Ubatuba, mantida pela progressista Cia. Taubaté Industrial; outra, no Guarujá, pertencente à Associação dos Funcionários Públicos. Ambas, entretanto, ao tempo em que foi fundada a do Clube Militar, estavam ocupadas por tropa federal, em face do estado de guerra em que o país se achava.

#### NASCE UMA IDEIA...

Estávamos em princípios de 1941. A Diretoria do Clube Militar, recém-empossada, procurava executar o seu programa. Queria trabalhar, realizar alguma coisa que dignificasse o mandato.

No aconchego do lar, aquela com quem o novo presidente havia sela-

do, há algumas décadas, o seu destino, embora conhecendo a ampla finalidade e o programa social da entidade, à guisa de estímulo, irônicamente dizia não se conformar com o saber o seu consorte na direção de «um clube de danças de um bairro da paulicéia» E, no afã de colaborar na realização de algo mais significativo, mais interessante no sentido familiar, sugeria:

« — Por exemplo, por que vocês não montam uma pensão em Santos, com preços especiais para os sócios? E clihem que eles vão gostar muito! » Estava lançada a idéia!

#### ... E DA IDEIA UMA COLÔNIA DE FÉRIAS

Aquela Diretoria (1) já trazia cimentado, em uníssono, o plano de conseguir uma colônia de férias a beira-mar, para os seus associados. Os recursos eram pequenos, mas a vontade de realizar, enorme. Assim, por entre a expectativa confiante de alguns sócios e o ceticismo de outros, as possibilidades foram sendo investigadas e mobilizados os meios que pudessem ser postos em ação, visando aquêle objetivo.

Eis que surge a almejada oportunidade: na histórica S. Vicente, em pleno centro é a um quarteirão da praia, apenas, descobre-se (2) um imponente prédio residencial, de aspecto senhoril, com 8 dormitórios e terreno espaçoso, que poderia servir de núcleo inicial para a sonhada organização. Sem demora são fei-

(1) — Presidente, ten. cel. Coriolano de Almeida Júnior; 1.º vice, major Odilon Aquino de Oliveira; 2.º vice, major dr. José Geraldo Pereira de Campos Vergueiro; 1.º secretário, cap. Cantídio Nogueira Sampaio; 2.º secr., 2.º ten. Antonio Augusto de Sousa Filho; 1.º tes., cap. Aparício de Barros Messias; 2.º tes., 2.º ten. Olivio Franco Marcondes; orador, 1.º ten. Dr. Carlos Noce.

(2) — O autor da descoberta foi o então cap. Sebastião Porfírio da Silva que, servindo e residindo em Santos, se propôs a auxiliar à Diretoria nesse sentido.

tos os ajustes, ante os quais o Clube pagaria um aluguel de 650 cruzeiros mensais (bons tempos!), pelo prazo de 5 anos.

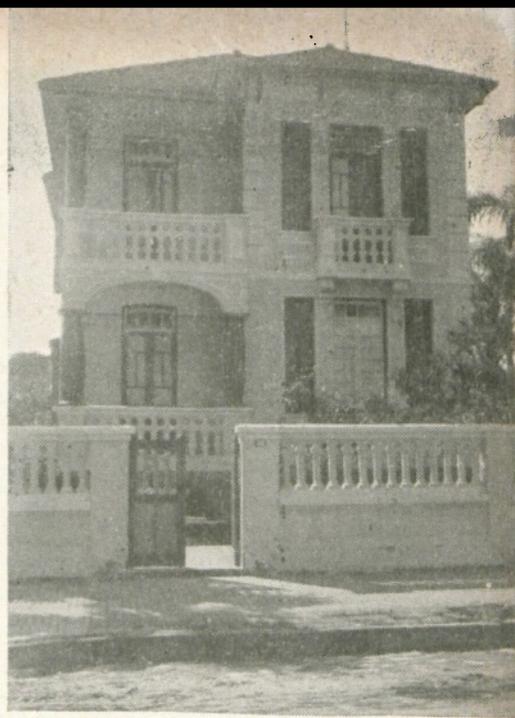
E assim foi que, a 16 de agosto, depois de vencida a árdua batalha do equipamento da Colônia, era ela inaugurada ante a alegria geral dos associados.

### IMPÕE-SE A AQUISIÇÃO DO PRÉDIO

Todavia, a novel instituição necessitava de um alicerce, de meios que assegurassem a sua estabilidade, não só para que não houvesse risco para a sua continuidade, como também para que pudesse se aparelhar melhor, de sorte a estender a todos os associados os benefícios próprios da sua natureza e organização, suprimindo um racionamento de hospedagem algo rigoroso a que eles estavam sujeitos, dada a insuficiência de acomodações e a crescente procura de estadia. Era evidente que, num prédio alugado, construído para residência particular, não se podia admitir aquela estabilidade. Nem era conveniente a ampliação de um próprio alheio, para resolver o cruciante problema da insuficiência de acomodações.

E os diretores, que já haviam prestado um serviço que, por si só, bastava para consagrar sua passagem à testa dos destinos da nossa entidade social, empenharam-se, decididos, na conquista do novo objetivo. E' do seu relatório de gestão (1941-42) o trecho que transcrevemos:

...."Estava, dest'arte, vencida a primeira etapa da campanha pela nossa colônia de férias. Primeira etapa, repetimos, porque a Diretoria já havia incorporado aos seus planos a aquisição do prédio respectivo, para que pudesse ampliá-lo,

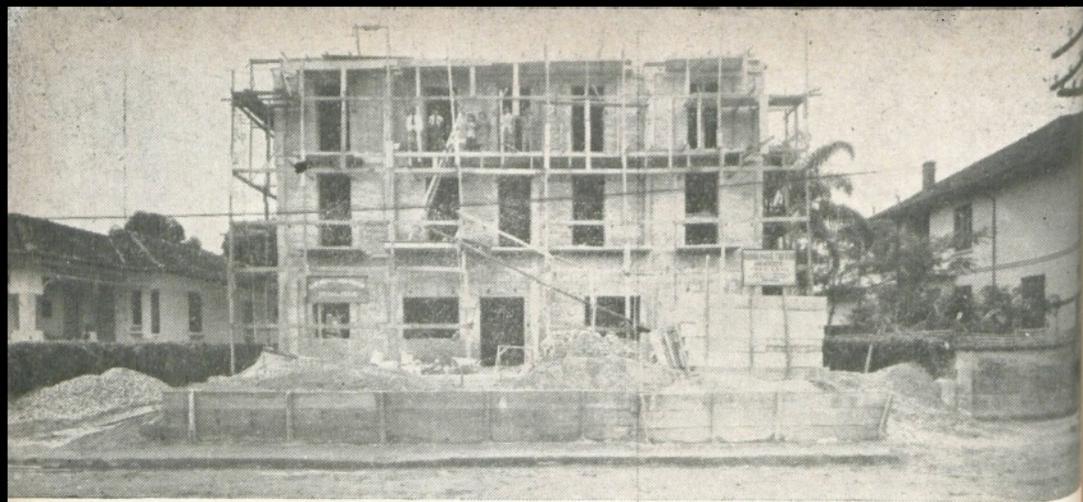


...descobere-se um imponente prédio residencial de aspecto senhoril...

dotando-o das dependências indispensáveis a comportar o número médio de associados que acorreria a São Vicente. Assim, logo após a locação do imóvel, conseguimos uma opção de seu propretário, válida pelo prazo de seis meses, para comprá-lo pela importância de Cr\$ 120.000,00. Não podendo o Clube, por seus próprios recursos, efetivar a compra, levou-se a efeito vitoriosa campanha do "Livro de Ouro", mediante a qual foi possível angariar os fundos necessários à aquisição nas condições ajustadas."

Mas, estava escrito que muitos seriam os tropeços, até a etapa final. A maior parte das importâncias subscritas naquele «Livro de Ouro» não passou imediatamente às mãos dos diretores, notadamente os 60 mil subscritos pelo saudoso interventor Fernando Costa, como contribuição do poder público.

Dada a exigüidade do prazo da opção e a certeza da boa transação que seria feita, os diretores, portadores de uma carta daquele inter-



"...e iniciou-se a construção de um edifício de arrojadas proporções."

ventor, em que os recomendava a especial atenção, se dirigiram a renomado estabelecimento bancário da Capital, onde entabularam negociações para o levantamento de um empréstimo de 60 mil cruzeiros. Não obstante tal recomendação, os entendimentos e alternativas ameaçavam eternizar-se, a ponto de, em certa altura, alguns dos diretores oferecerem os seus bens como garantia da transação.

Esta atitude decisiva dos dirigentes evidenciava, à luz meridiana, a sua determinação de alcançar o sucesso do mandato que lhes fôra outorgado. E assim, a 24 de dezembro de 1942, era lavrada a escritura de compra e venda do prédio, tendo a diretoria, em expressivo cartão de Boas Festas, dado a boa nova aos associados, como presente de Natal e Ano Novo. Estava consolidada a existência da Colônia e, ao mesmo tempo, ficava o Clube com a base para um patrimônio que ia aumentar muito, através da crescente valorização dos imóveis, iniciada pouco depois da transação. Aqueles 120 mil cruzeiros estão agora muitas vezes multiplicados e constituíram, efe-

tivamente, o sólido alicerce em que se assenta o atual edifício econômico da sociedade, estimado em mais de 6 milhões de cruzeiros.

#### DECIDE-SE A CONSTRUÇÃO DE NOVO EDIFÍCIO

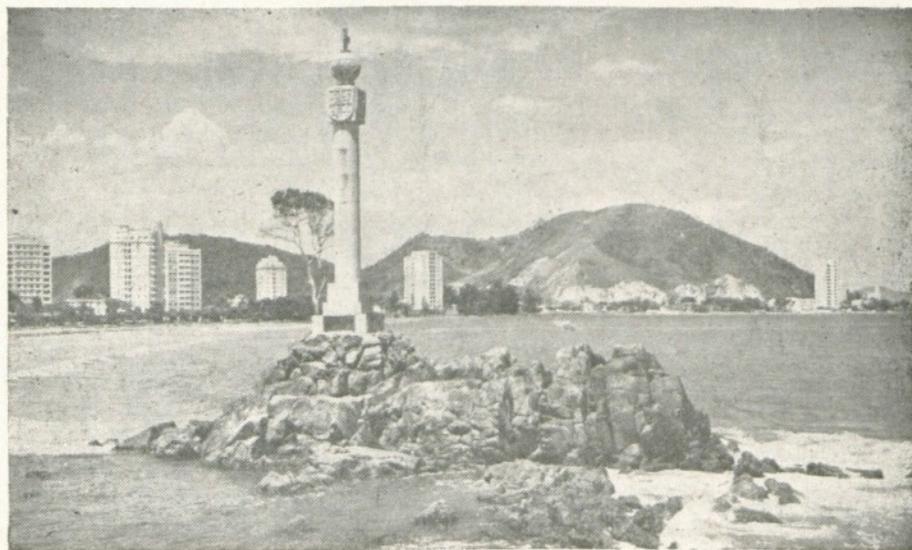
Por mais de um ano funcionou satisfatoriamente, exceto quanto à capacidade de hospedagem, a colônia de S. Vicente. Longe estava ela, como dissemos, de atender à necessidade crescente de um quadro social de mais de 500 elementos. Muitos eram os que não conseguiam ir lá, por êsse motivo. Impunha-se uma urgente solução do problema, quer ampliando o prédio, pelo adição de novas acomodações, quer demolindo-o, para construção de outro, com capacidade suficiente e adequado à sua finalidade. Era esta última a solução ideal, porém, implicava num grande esforço de ordem financeira, bem superior ao lastro patrimonial. Todavia, se faltava dinheiro, sobrava audácia àqueles diretores. «Audace fortuna juvat».

E assim foi que, em novembro de 1944, após debatidos estudos, resolveu a Diretoria (3) adotar a segunda solução. Foram suspensas as

(3) — A mesma do biênio 1941-42. Foi reeleita até 1946.



Praia de S. Vicente. A flecha indica o trecho frontal à rua José Bonifácio, onde está situada a Colônia.



Marco comemorativo da fundação da cidade, em São Vicente

hospedagens e demolido o prédio em que se instalara inicialmente a Colônia. Ampliou-se o terreno mediante a aquisição de uma faixa lateral do imóvel vizinho e incriaram-se os alicerces de um edifício de arrojadas proporções, com 3 pavimentos, comportando 33 quartos, 15 instalações sanitárias, 16 cabines de banho, cozinha, refeitório, salão de estar e de festas e mais instalações necessárias ao funcionamento normal da Colônia. Prolongar-se-iam as obras por três longos anos de luta intensa e perseverante, durante os quais seriam levantados cêrca de 2.000 metros quadrados de construção, convindo notar que o preço unitário — Cr\$ 725,00 por m<sup>2</sup> — era muito baixo para a época, pouco su-

perior à metade do então vigente. Tal resultado, fruto da eficiência administrativa dos dirigentes do Clube, recebeu a colaboração da capacidade técnica e desinteressada do engenheiro construtor, dr. Rodolpho Tartari.

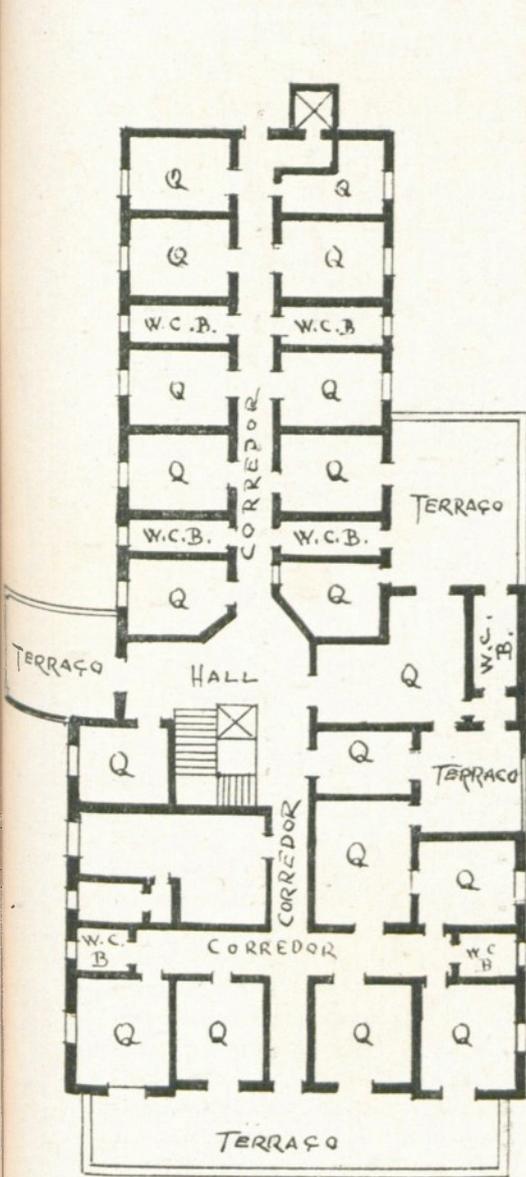
#### MAIS UM ANDAR!

Foi no decorrer dêste primeiro grande esforço que a Diretoria resolveu acrescer a construção de mais um andar no edificio principal, o que viria aumentar o número de quartos para 48 e o de instalações sanitárias para 22, além dos outros cômodos proporcionais a êste acréscimo.

Apesar do enorme trabalho desenvolvido nessa fase, em que foi notável a atuação do 2.º vice-presidente, o então major Geraldo Vergueiro,



Embora inacabado, os sócios receberam alegremente a notícia do reinício das hospedagens.



Do 1º AO 3º ANDAR

ESTAS PLANTAS...

não conseguiu aquela Diretoria, dar integral acabamento à obra. Todavia,

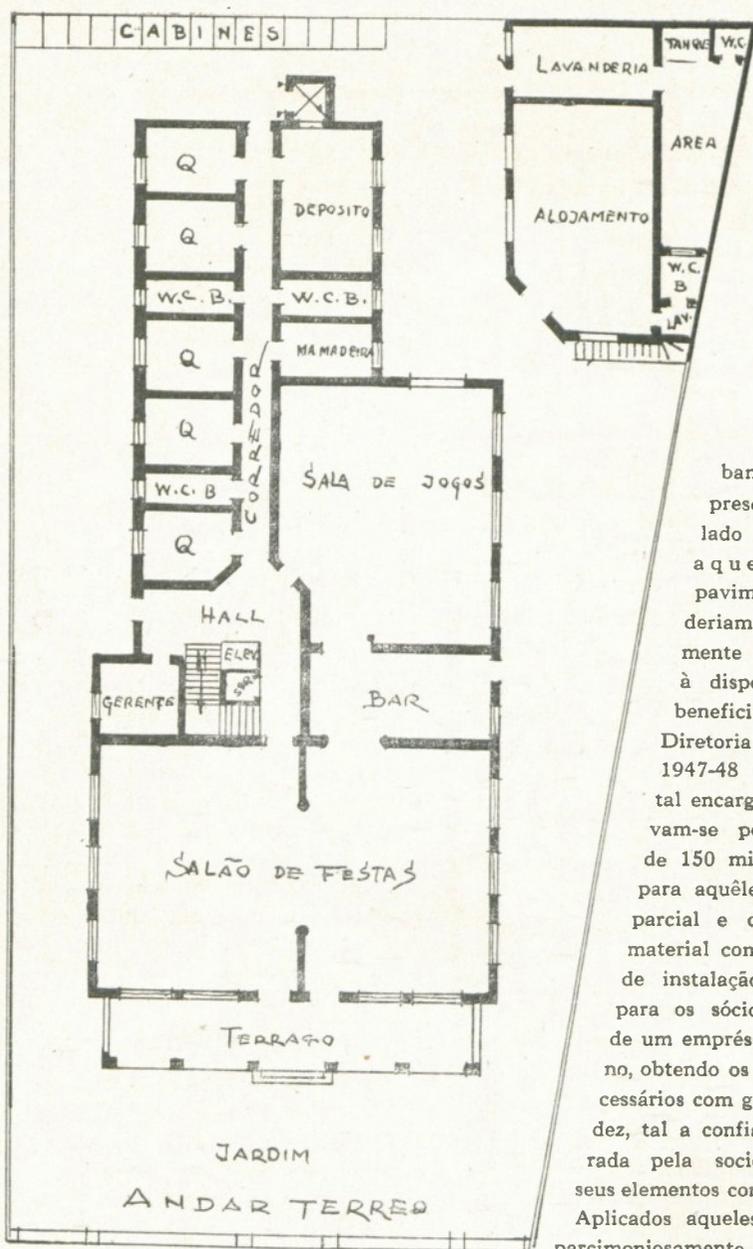


Só 1º ANDAR.

além de toda a ossatura de concreto e da alvenaria de tijolos até o 4.º andar, os dois pavimentos inferiores estavam, internamente, em condições de uso e de novo os associados iam poder desfrutar os benefícios da organização, pelo menos parcialmente. Nessa altura, fins de 1946, ao término do seu mandato, haviam escasseado de tal maneira os recursos financeiros que os responsáveis por aquele soberbo esforço decidiram, para que não houvesse solução de continuidade, que os trabalhos continuariam, porém, em ritmo mais suave.

#### OS SÓCIOS ANSEIAM PELA HOSPEDAGEM

Assim, foi com grande júbilo que os sócios receberam a notícia do breve reinício das atividades de hospedagem. Já estavam em condições de uso 24 quartos, no primeiro e segundo pavimentos, estando igualmente prontos o refeitório, a cozinha e instalações sanitárias para atender à capacidade de hospedagem dos quartos. Com a execução de algum aca-



...DISPENSAM QUALQUER...

bamento imprescindível do lado exterior, aqueles dois pavimentos poderiam efetivamente ser postos à disposição dos beneficiários. A Diretoria do biênio 1947-48 (4) tomou tal encargo. Precisavam-se pelo menos de 150 mil cruzeiros para aquêlê arremate parcial e compra do material complementar de instalação. Apellou para os sócios, através de um empréstimo interno, obtendo os fundos necessários com grande rapidez, tal a confiança inspirada pela sociedade aos seus elementos constituintes. Aplicados aqueles cruzeiros parcimoniosamente, conseguiu-se, afinal, que a reabertura

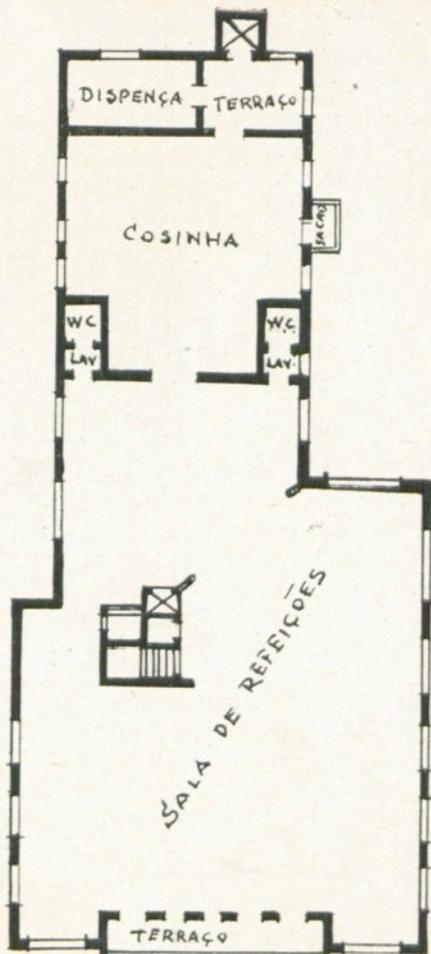
(4) — Presidente, ten. cel. José Hipólito Trigueirinho, 1.º vice, major Adriano Machado; 2.º vice, major dr. Henrique Arouche de Toledo; 1.º secretário, cap. Gordiano Pereira; 2.º secr., cap. dr. Mário Brasil Cococci; 1.º tes. 1.º ten. Bolestaw Zdanowicz; 2.º tes., 1.º ten. Gentil Antunes Correia; orador, cap. Benedito-Antunes Chaves.

para as hospedagens se fixasse para as férias escolares de julho de 1947. Lotaram-se completamente os cômodos concluídos e até alguns inacabados, pois os hóspedes masculinos não se incomodavam com a emergência de ter que «abivacar» nos segundos, deixando os primeiros para aqueles que se acompanhavam de pessoas da família.

De tal modo, embora inacabada, começou a Colônia a beneficiar um grande número de associados que, em turmas renovadas e periodicamente afluíam à aprazível São Vicente.

#### NOVA DIRETORIA PARA O CLUBE E...

A falta de numerário para a conclusão das obras ia perdurar até meados de 1949 — por dois anos, portanto. Nessa altura uma nova Diretoria, (5) empossada em princípios do ano, à cuja frente se achava o cel. Odilon Aquino de Oliveira, destacado artífice inicial daquele valioso patrimônio, após ter passado o primeiro semestre a estudar e a reunir meios para a ação, decidiu ampliar ainda mais a construção, transformando o terraço de cobertura sobre o último andar num quinto pavimento, — o «roof» de nossa Colônia — em que seriam instalados a cozinha, a copa e um amplo refeitório com magnífica vista para a baía de São Vicente. Em consequência, estas dependências deixariam o pavimento térreo disponível para outros fins,



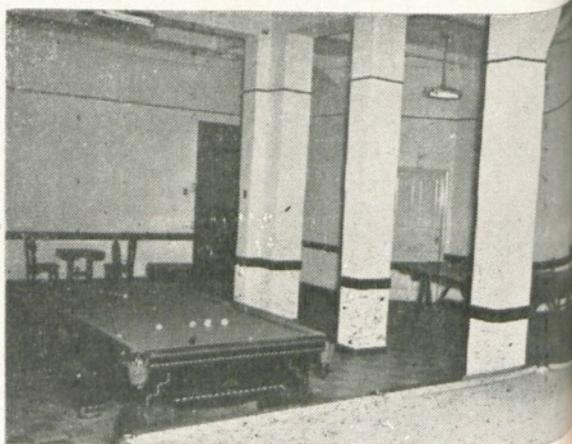
4º ANDAR

...OUTRA LEGENDA.

isto é, se destinando à instalação de um não menos amplo salão de estar e de festas, espaçoso salão de jogos, serviço de bar, cozinha dietética, câmara frigorífica, almoxarifado, rouparia e escritório, além de deixar livres mais dois apartamentos. Previa ainda, o novo plano, a instalação

(5) — Presidente, cel. Odilon Aquino de Oliveira; 1.º vice, cel. Albino Augusto Rêgo; 2.º vice, ten. cel. Mário Brasil Cococci; 1.º secretário, cap. Milton Marques de Oliveira; 2.º secr., cap. Carlos D. Guimarães Ambrogi; 1.º tes., cap. Germano Ribeiro Scartezini; 2.º tes., cap. Paulo Afonso Fonseca Pires; orador, cap. Osvaldo Feliciano dos Santos.

de dois elevadores — um para hóspedes, e outro para serviço — um serviço telefônico interno com PBX, um serviço central de calefação para dotar todos os quartos de água quente, a transformação de 4 cômodos (capacidade de 15 pessoas), em quartos comuns, de sorte a aumentar o número destes para 67 unidades, além de um cômodo coletivo para 20 pessoas; construção, nos fundos do terreno, de um prédio de dois pavimentos — o térreo para dormitórios dos empregados, lavanderia e caldeira do serviço de calefação, e, o superior, para salão de brinquedo para crianças; — finalmente, seriam ampliadas as instalações das cabines de banho, elevadas agora a trinta, e, anexo a elas, um conjunto de caixas-guarda-roupa, correspondendo cada uma à numeração de cada um dos quartos, para que neelas os hóspedes pudessem guardar suas roupas de banho e petrechos de praia, para se evitar, assim, o uso dos banheiros internos, quando de volta



Salão de jogos

dos banhos de mar. Resumindo: o projeto aumentava a capacidade de hospedagem da Colônia e a dotava de recursos equivalentes aos de um grande hotel de primeira ordem. Era um arremate em proporções dignas do arrôjo empreendedor da gente bandeirante, nascida daquela importante decisão de 1944: **ampliar só, não; demolir e ali mesmo erguer um grande e belo edifício!**

#### LEVANDO A EFEITO O PLANO ESTUDADO

Para a execução de tudo o que fôra planejado, propunha-se a Diretoria a não exceder do prazo de 6 meses! Suspenderam-se as hospedagens e iniciou-se o trabalho. Decidiu-se que os recursos seriam obtidos mediante empréstimos a serem resgatados com os recursos oriundos da renda da própria Colônia, quando em funcionamento, e com o lucro que o Clube Militar por certo obteria na prestação de serviço de bar e bazar, através das cantinas instaladas nas diversas unidades da Força



Uma das alas do salão de estar e de festas



III  
BAR  
III

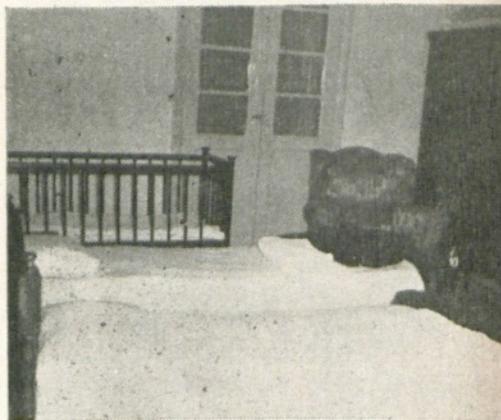
mediante um convênio com o Comandante Geral.

A 4 de setembro suspenderam-se as hospedagens e reiniciaram-se as obras, nas condições projetadas. O dr. Rodolpho Tartari, com sua inigualável modéstia e comprovada competência, pôs-se em ação, dando trabalho a dezenas e dezenas de operários. O cel Odilon, assessoriafo entusiasticamente pelos companheiros de diretoria, mobilizou todos os meios ao seu alcance, quer procurando os recursos financeiros para o amparo das despesas, quer tomando providências, pessoalmente, numa cotidiana assistência local, para que o vigoroso andamento das obras não sofresse solução de continuidade, fôsse por falta de material, fôsse pela falta desta ou aquela medida.

#### - DE PERMEIO AS OBRAS, CARNAVAL!

Todayia, apesar dêsse ritmo acelerado com que tudo era acionado, a maioria ainda se mostrava cética, não acreditando na reabertura da Colônia dentro daqueles magros seis

meses. Ocorreu ainda que, sempre com o fito de conseguir meios com que enfrentar os gastos, houve uma interrupção nos trabalhos por uma semana, no Carnaval de 1950. Decidiu-se proporcionar aos sócios e amigos do Clube uma estação de 4 dias em S. Vicente, cobrando-se, pela hospedagem naqueles dias, preço superior ao normal, a fim de favorecer o objetivo visado. Foram promovidos 6 bailes carnavalescos, com ingressos pagos, ocasião em que numerosas



Detalhe do interior de um dos dormitórios

firmas comerciais, fornecedoras do próprio Clube ou da Fôrça, demonstraram a sua sempre excelente disposição de colaborar com as boas iniciativas, através dessa campanha de obtenção de fundos pró conclusão da Colônia. E desnecessário seria dizer que o êxito daquela iniciativa foi integral.

#### FINALMENTE, CONCLUIDA!

Apesar dos imprevistos naturais — especialmente o mau tempo, que foi de uma incidência quase integral, como que a desafiar a determinação dos executores daquela obra magnificente — e daquela interrupção de atividades, a promessa dos seis me-

ses pôde ser cumprida. A 2 de abril de 1950, decorridos pouco mais de 150 dias úteis de trabalho, estava concluído o novo edifício da Colônia, com tôdas as ampliações e melhorias constantes do plano de acabamento. O quase impossível estava realizado!

E não há esquecer aqui a colaboração anônima, bem como o trabalho honrado dos operários, não medindo dificuldades, operando de dia ou à noite — muitos deles longe dos seus lares — para, sem queixume, dar cabal desempenho à tarefa que lhes foi imposta.

A reabertura e inauguração definitivas marcaram época nos anais

Copa e cozinha





*Para ela!...*



**UM FOGÃO**



413  
Publicidade Wallig

**SÍMBOLO DE  
QUALIDADE**

**METALÚRGICA WALLIG S. A.**



Rua Conselheiro Crispiniano, 57

Caixa Postal, 2268 — Fone: 36-1252

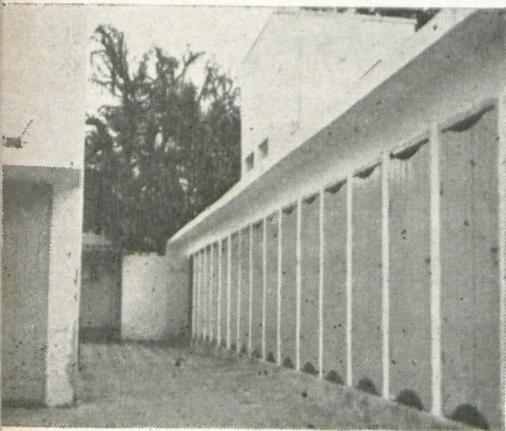
**SÃO PAULO**



Prédio anexo (serviços e brinquedos para crianças).

da sociedade e se fizeram em meio a grande júbilo de todos os seus ele-

Perspectiva das cabinas de banho



mentos, cuja admiração era unânime, seja pelo vulto das transformações operadas no prédio, seja pela rapidez com que tudo se consumara.

Uma grandiosa festa inaugural teve então lugar, da qual já nos ocupamos detalhadamente com texto e fotografias, em um dos números desta revista (6). Resumindo-a, podemos dizer que ela se consubstanciou numa numerosíssima caravana de excursionistas à cidade de Martim Afonso, transportados em ônibus especiais, postos à disposição dos sócios e convidados. Compareceram, além do sr. Governador do Estado, os secretários de Estado, prefeito da Capital, reitor da Universidade, as casas civil e militar, comando e oficialidade da Fôrça, famílias, convidados e pessoas gradas. Todos puderam testemunhar a vitória daquele empreendimento, produto de um trabalho de equipe e da fôrça de vontade de uma plêiade de idealistas.

Como parte do programa de inauguração constou uma temporada infantil — a primeira das muitas que ali serão realizadas — de que participaram aproximadamente uma centena e meia de crianças, quase tôdas filhas de sargentos, cabos e soldados. Feliz idéia essa, a de engalanar com o sorriso e garrulice das crianças a festa de reabertura daquela casa.

#### A COLABORAÇÃO DO PODER PÚBLICO

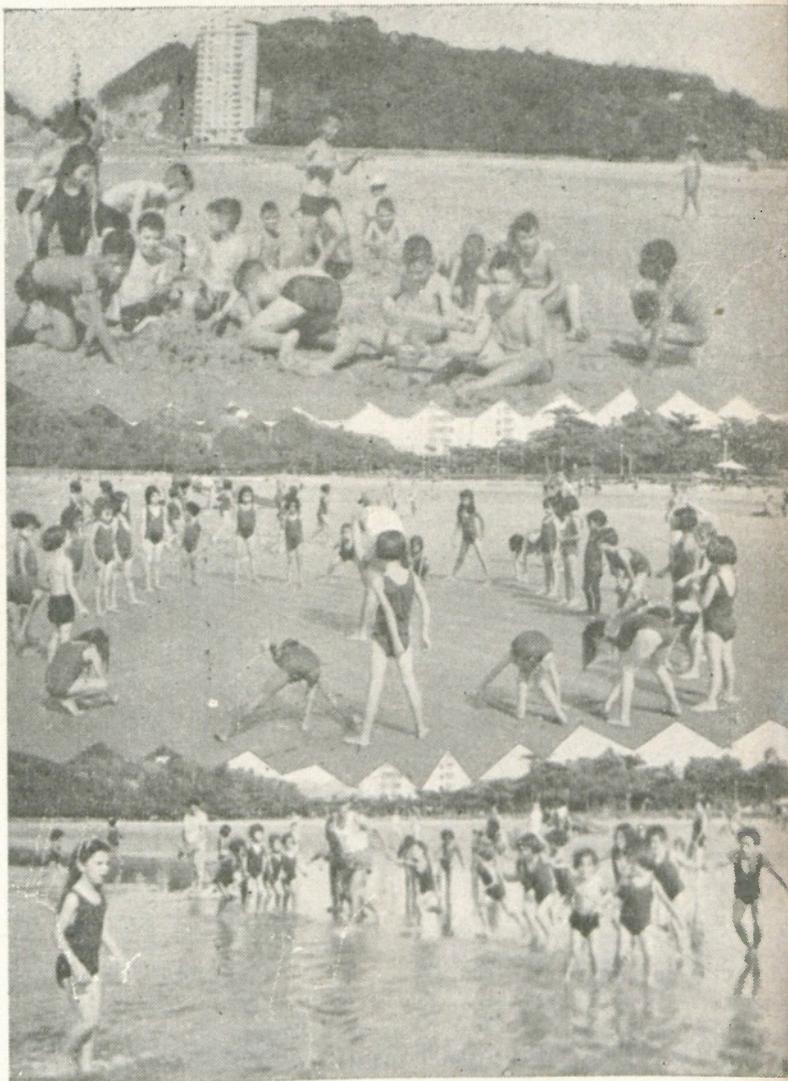
Devemos ressaltar aqui a especial ajuda do executivo estadual e

(6) — Sobre o ato inaugural e a I Temporada Infantil, este periódico estampou em seus n.ºs 15 e 16, o noticiário relativo aos mesmos.

III

Nas praias de S. Vicente, os guris praticam exercícios físicos, brincam na areia ou são conduzidos ao banho, sempre sob os olhos vigilantes dos monitores especializados e orientadoras.

III



de modo particular, da administração da Força Pública, para a consecução dessa grandiosa realização do Clube Militar.

Já na interventoria Fernando Costa se patenteou aquele apóio, através da abertura do «Livro de

Ouro», cujo total serviu para a aquisição daquele prédio de S. Vicente que se tornaria a «cellula-mater» da atual Colônia de Férias.

Culminaram os esforços do poder público — pelo apóio moral e material que nos foi assegurado —



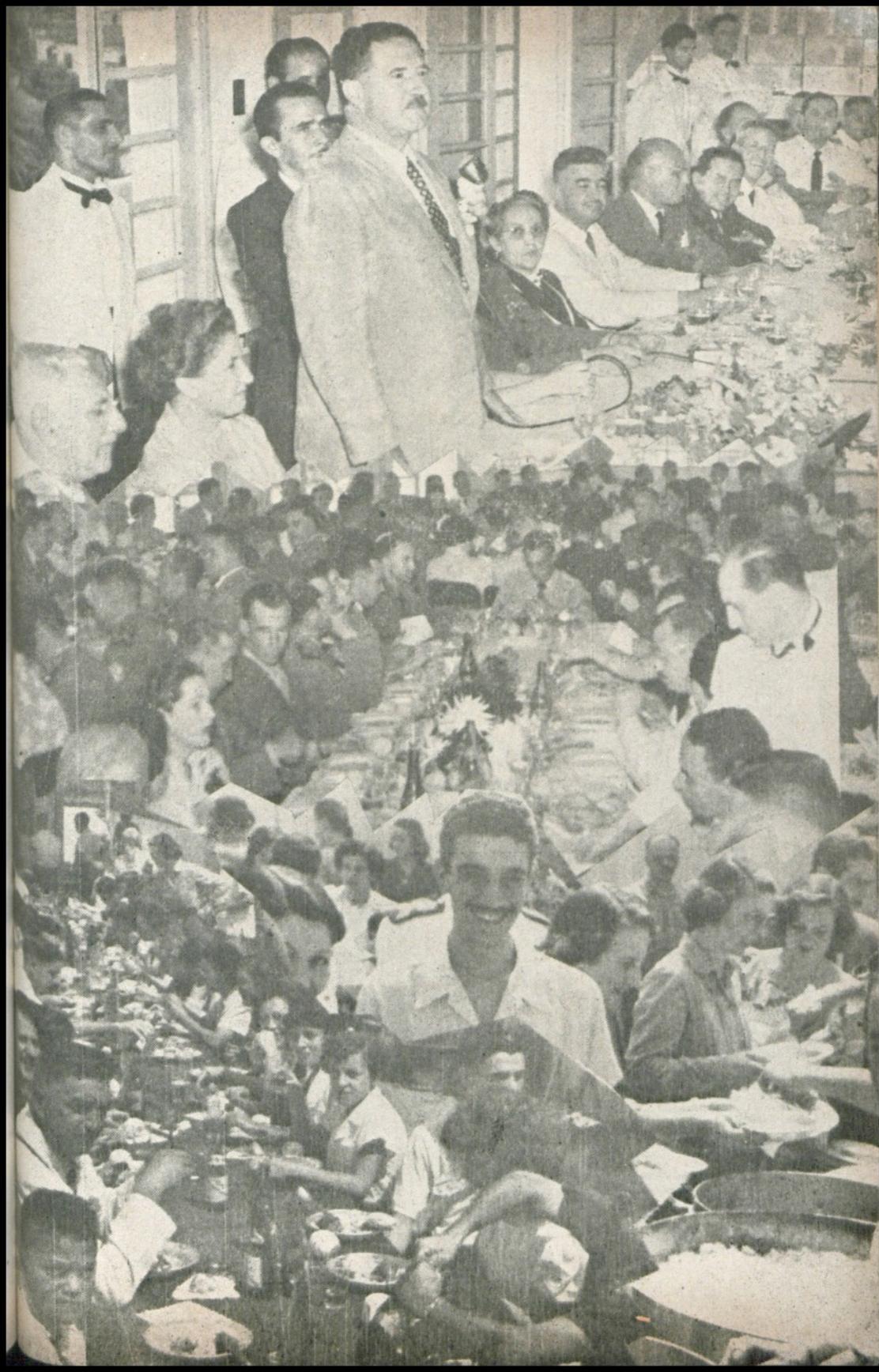
Placa comemorativa da inauguração da Colônia

### *No clichê ao lado*

Ao alto: o sr. Ademar de Barros, então governador do Estado, durante o banquete no «roof» da Colônia, manifesta o seu entusiasmo pela grandeza do empreendimento que então se inaugurava.

No centro: outra objetiva tomada durante o banquete inaugural.

Em baixo: flagrante do apreciadíssimo almôço convescote que o Clube ofereceu aos seus convidados, no pátio da Colônia.





Dois ângulos do "roof", tomados em época de temporada



FINALMENTE, CONCLUÍDA !

na administração Ademar de Barros, revelados não só através de atos do próprio executivo, e, de modo mais objetivo, do cel. Eleuthério Brum Ferlich, no comando da Fôrça Pública, além de outras autoridades. O acentuado cunho social — uma das características principais daquele governo — foi de suma importância e de uma oportunidade única para nós, pelo qual nos revelamos gratíssimos.

#### SONHAR E' HUMANO

Disse alguém que foi o sonho que construiu o mundo. O sonhar é humano, tendendo as criaturas, no plano da fantasia, à realização do utópico.

Há pouco mais de oito anos não era ainda nem uma utopia o pensar-se em dotar o Clube Militar da casa de repouso e recreação que se ergue hoje em S. Vicente. Dois anos depois isto já era um sonho. Hoje, uma esplendente realidade! Quem a contempla, agora, através de um sólido e agigantado edifício de cinco pavimentos, com quase 100 dependências, montada nas proporções e condições de um grande hotel, há de se extasiar ao se reportar à casa fami-

liar de 8 cômodos que ali existia há pouco mais de meia dúzia de anos. Todavia, por maior que seja a admiração, por mais que o observador arguto e de cérebro traquejado se esforce para traduzir em palavras e números aquela obra ciclópica, jamais chegará a avaliar, de maneira justa, o quanto de trabalho, de esforço e de abnegação ali se acham convertidos em pedra, tijolos, cal e concreto. Quanta expectativa, quanta dúvida, quantos obstáculos não tiveram que enfrentar aqueles sonhadores, para transformar sua visão em magnífica realidade. Ali está, à vista do marco comemorativo da chegada de Martim Afonso, mais uma autêntica obra de bandeirismo, digna de nossos antepassados de grandes botas e gibões de couro, realizada com a audácia e a perseverança da nossa gente. Uma obra ímpar, um empreendimento que a Fôrça Pública do presente e do futuro sempre ficará devendo a êsse pugilo de homens felizes e capazes do extraordinário prazer de realizar para o bem do próximo, aqui traduzido na coletividade que serve à Ordem e à Justiça de São Paulo e do Brasil.



**PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS**

AMIDO DE MILHO

**MAIZENA**  
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

**É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E  
MAIS BARATO!**

# ELEIÇÕES NO CLUBE MILITAR



## NO CLUBE

Ao alto, falando, o major Beltrão, da P.M. Carioca, vindo-se também o qua-

dro a que nos referimos nesta nota. Em baixo, o cel. Brum Ferlich dirigindo a palavra aos visitantes.

Num ambiente de vivo interesse e perfeita camaradagem foi realizada, dia 13 de dezembro p.p., a eleição da directoria do Clube Militar da Força Pública do Estado, para servir no biênio 1951-52.

O esforço e as palpáveis realizações dos diretores em exercício atraíram a predileção dos sócios, que os reelegeram. Disso resultou uma assembléia sem espírito de luta que caracteriza o eleitorado quando reunido em pequenos grupos dispares na escolha de seus candidatos. Embora tivesse surgido mais de uma chapa, eis que a sorte já estava de tal forma lançada, que mesmo entre os filiados da outras legerdas, muitos torciam intimamente pela continuidade dos antigos diretores à testa dos destinos do Clube.

Na mesma noite se recebeu a visita de uma delegação de oficiais da nossa co-irmã, a Polícia Militar do Distrito Federal, sob a brilhante direção do major Holanda Beltrão, cumprindo-nos salientar a sua qualidade de associado do nosso Clube. Feliz coincidência fez participar da visita o paladino das polícias militares, cel. Peres Barbosa, Presidente do Clube dos Oficiais da Polícia Militar

do Distrito Federal e Corpo de Bombeiros.

Em cerimônia que tocou profundamente todos os presentes, realizou-se a oferta de um quadro a óleo ao nosso Clube. Essa dádiva que veio apertar ainda mais os laços que prendem o Clube Militar da Força Pública do Estado de São Paulo ao da Polícia do Distrito Federal e Corpo de Bombeiros, apresenta um recanto do bairro de S. Teresa, Sumaré, de autoria do Aspirante João Carlos da Silveira Neto, da Polícia Militar, cujo trabalho obteve menção honrosa no Salão Nacional de Belas Artes e medalha de prata no Clube Militar do Exército.

Por essa ocasião o ten. Ivã Ribeiro fez uso da palavra, respondendo-lhe num oportuno improviso, para agradecer em nome do Clube, o cap. Feliciano.

Falaram ainda os major Ari Gomes e o cel. Bravo, saudando o cel. Peres Barbosa.

A eleição teve início logo a seguir, a cujo resultado se deve a continuação da Directoria presidida pelo infatigável e operoso cel. Odilon Aquino de Oliveira.

«Militia» se congratula e felicita todos os diretores reeleitos.

## Aniversário dos 1.º e 2.º B. C.



No clichê, início do desfile dos 1.º e 2.º B.C. e oficiais presentes em continência à Bandeira.

O dia primeiro de dezembro merece comemoração especial na Fôrça Pública. Eis que nessa data, no ano de 1891, em, virtude da lei n.º 17, de 14 de novembro do mesmo ano, surgiram, da divisão do Corpo Policial Permanente, quatro Corpos Militares de Polícia, mais tarde denominados Batalhões de Caçadores.

A evocação de tempos idos nos apresenta elevada soma de serviços prestados ao Brasil por êsses Corpos, através dos quase sessenta anos de existência, contribuindo ativamente na preservação da segurança e da ordem, com a participação nos acontecimentos que passaram para a história:

— CANUDOS - Antônio Conselheiro e seus fanáticos

- 1893 — Revolução separatista
- Revolta da armada
- Quebra-lampeão
- Greve de 1917: Gripe; Marchas pelo sertão, 24-27
- Revolução Constitucionalista, de 1932.

Muitos foram, na verdade, os serviços prestados por essas Unidades.

Cumprе ressaltar, nesse passo, que a Fôrça Pública necessita hoje de um efetivo bem maior, para poder acompanhar a evolução social e demográfica de S. Paulo, e para que não se veja na contingência de sentir, a qualquer momento, desmerecida em seu elevado conceito.

Tomemos, o 1.º Corpo dos acima referidos: seu efetivo foi fixado em

725 homens há 60 anos. Não se percebe atualmente marcante diferença em seu efetivo.

Há mesmo, em alguns casos, flagrante redução.

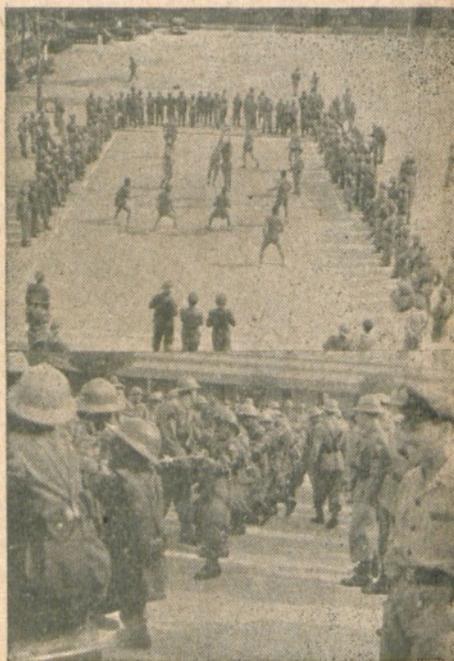
Por isso andam as cidades despoliciadas.

E' utópica a idéia de criar-se polícias municipais, como querem alguns. Faz-se necessário é atender ao recenseamento e dar à Fôrça Pública efetivo proporcional e melos modernos que aumentem o rendimento do trabalho de seus homens.

O dia 1.º de dezembro foi festivamente comemorado no 1.º B.C., constatando-se a presença de altas autoridades civis e militares.

Várias provas desportivas foram realizadas entre as aniversariantes das quais «Militia» fixou dois instantâneos que ilustram esta nota.

Aos 1.º e 2.º B.C., os cordiais cumprimentos da Redação.



Em cima: uma fase de volei entre os sargentos do "Batalhão da Vanguarda" e "Dois de Ouro"

Em baixo: elementos das duas unidades vizinhas numa pelêja de "Cabo de Guerra", esporte em que "cada qual puxa para seu lado".

Máquinas de endereçar "IGPECOGRAPH"

Papel carbono "Esmerit". para todos os fins — Fitas "Esmerit", para máquinas de escrever — Grampeadores, grampos — Estêncil para mimeógrafos — Tintas e vernizes para estêncil.

**ROMEU CICARELLI**

ESCRITÓRIO :

Praça da Sé, 170 - 1.º and.

Fones: 36-5761 e 32-8188

Caixa Postal, 5.590

São Paulo - (Brasil)

# VISITA DO PREFEITO da CAPITAL

## à Fôrça Pública

Esteve em visita oficial à Fôrça Pública o sr. Prefeito da Capital, prof. Lineu Prestes, fazendo-se acompanhar dos srs. Secretários de Higiene, das Finanças e da Educação e Cultura.

O ilustre visitante foi recebido no Salão de Honra do Quartel General, sendo alvo de expressivos cumprimentos dos oficiais, dentre os quais figuravam

ração pela continuidade de seu franco e decidiu apoiar às iniciativas da atual Diretoria, já como Prefeito Municipal, proporcionando-lhe valiosos auxílios na coleta de meios para construir uma Colônia de Férias em Campos do Jordão, foi brindado com uma surpresa.

Aguardava-lhe o tiro de partida alinhado defronte o Q.G., o primeiro



Em revista à tropa do C.F.A.

os cmts. das unidades sediadas na Capital, chefes de serviços e diretores de estabelecimentos.

Sua excia., que durante o exercício das funções de Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda se tornara credor da gratidão de todos os membros do Clube Militar, merecendo integral admi-

combôio de trabalhadores e de materiais que iriam plantar nos altos da Boa Vista, em Campos do Jordão, o marco inicial da Colônia de Férias em cima de montanha, obra social tão ardente mente desejada e de alcance maior ainda por haver sido incluído no plano dos Diretores do Clube Militar a construção



III

No campo de instrução do Barro Branco, s. excia. planeja a construção de uma praça de esportes para o C.F.A.

III

de dependências para uso das famílias de oficiais, de sub-tenentes e sargentos, e de cabos e soldados.

Falou em nome do quadro social da entidade o cap. Feliciano, proferindo um improvisado agradecimento a s. excia. e enaltecendo-lhe os sentimentos cívicos de homem público.

Exaltou também a cooperação desassomburada do cel. Ferlich e a dedicação prestante que todos os chefes da Força, no âmbito de suas possibilidades, têm emprestado às iniciativas da diretoria do Clube, no desejo de propiciar à família da milícia paulista uma Colônia de Férias de Montanha.

O combôio recebeu o nome de "Bandeira Jorge Velho — Rumo ao Vale Encantado", como símbolo do poder da vontade de nossa gente; num simulacro do histórico bandeirismo, cujos agentes se estimulavam o mais das vezes pela volúpia do enriquecimento econômico, sem se aperceberem de estar a construir obra de ascendado patriotismo, essa nova coluna buscava plantar lá no alto da Mantiqueira, onde um clima extraordinariamente bom não permite sequer proliferarem os germes nocivos à vida humana, um sítio de beleza e de encanto, local em que os mantenedores da ordem e da segurança pública possam



III

Visitando  
o S. T. M.

III



Antes da partida da "Bandeira Jorge Velho", rumo ao Vale Encantado de Campos do Jordão, o cap. Osvaldo Feliciano, agradece a cooperação moral e material de s. excia.

retemperar as energias gastas no correr do ano de trabalho.

Respondendo, agradece, pelo sr. Prefeito, o sr. Eurico Santos Abreu, Secretário de Higiene, pondo em relêvo o interêsse com que s. excia. acompanhava as boas causas.

Terminada essa solenidade, os visitantes foram recebidos pelo cmt. int<sup>o</sup> major Paulo Soares de Moura, Diretor de Ensino e Corpo de Instrutores do C F.A., unidade-escola da Fôrça Pública em seguida a comitiva visitou a Vila Militar, e Parque Infantil e a Escola de



O prefeito Lineu Prestes dando o tiro de partida para a "Bandeira Jorge Velho", cujas viaturas se vêm à direita.

Ed. Física, onde teve a oportunidade de assistir à realização de importantes números de ginástica executados pelos seus alunos, monitores e instrutores. Dirigiu-se depois às dependências do S.M.B., do S.T.M. e S. Trns e ao R.C. onde foram executados diversos saltos combinados, merecendo aplausos o avançado adestramento dos cavalos e a perícia dos cavaleiros.

Finalmente, no S. Subsistência, foi oferecido a todos um ótimo coquetel, fazendo-se ouvir então o sr. cel. Cmt. Geral. Fêz uso da palavra para entregar-lhe o título de Sócio Honorário do Clube Militar ao homenageado seu presidente, cel. Odilon Aquino de Oliveira.

Sensibilizado pelas demonstrações de afeto que lhe dispensaram, o prof. Lineu Prestes disse palavras de admiração pela Fôrça, do qual se transcrevem estes trechos:

.....

*Não irei dizer agora aquilo que está, como justo elogio, na consciência do povo. Permito-me apenas evocar, aqui, em síntese, a afirmação geral de que não se pode compreender São Paulo sem vossa brava, vossa magnífica legião de denodados servidores de nossa terra e de nossa gente.*

.....

*Num mundo conturbado de hoje, nunca foi maior do que agora, o imperativo da união entre o poder civil e as nossas gloriosas classes armadas, pela preservação da unidade nacional, de que depende a posição de nossa Nação no sistema dos países democráticos do Ocidente. E é com esse pensamento de fraternidade que saúdo, em cada um de vós, um bravo soldado de São Paulo a serviço da ordem, da democracia e do Brasil.*



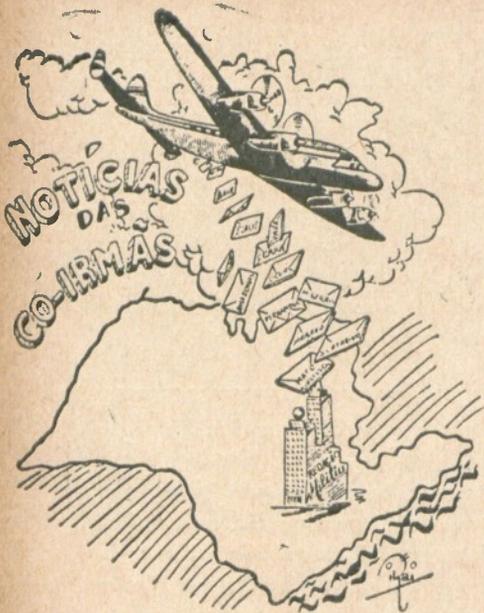
PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

**MAIZENA**  
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E  
**MAIS BARATO!**



## DISTRITO FEDERAL

### Inauguração de obras

A Administração do gen. Rafael Danton Garrastazú Teixeira, coroando um ano de intenso labor, fez inaugurar, no dia 25 de janeiro, várias obras de real valor e inconstetável necessidade, quer do ponto de vista econômico, quer do ponto de vista de assistência social.

As cerimônias, tôdas realçadas de significativo brilhantismo, compareceu grande número de autoridades civis e militares, vendo-se felizes os oficiais e praças da Corporação pela meritória ação administrativa do comandante Danton Teixeira.

Entre outros números, os programas comportaram alguns de ordem desportiva bastante interessantes e animados.

Transcrevemos abaixo a oração pronunciada pelo dinâmico Comandante, por cujas palavras damos a idéia das obras inauguradas e dos melhoramentos que constituíram:

"Incorporamos hoje ao Serviço de Assistência Social do Distrito Federal este modesto Orfanato, sonho concebido há vinte anos atrás por um grupo de altruistas oficiais desta Corporação, à testa do qual se achava o cap. reformado José Antônio de Oliveira que ora assiste a este ato como nosso convidado de honra.

Sob os auspícios da Irmandade de N. S. das Dôres, da Capela do nosso Quartel General, foi feita entre oficiais e praças uma coleta mensal para ereção deste Educandário, a qual atingiu, em 1950, o montante de Cr\$ 850.000,00.

Várias causas, sendo a principal a falta de terreno próprio, retardaram a construção do Orfanato.

Iniciado em maio do ano passado, com mão de obra quase tôda militar, acha-se êle concluído em condições de, em março do corrente ano, iniciar as suas atividades beneficentes.

Tem capacidade normal para 30 meninas.

As obras atingiram a Cr\$ 605.219,00 o que dá para o m<sup>2</sup> cêrca de 1.072,00 cruzeiros.

O arquiteto construtor foi o dr. Fernando de França Moreira, oficial da reserva do nosso Exército e espírito patriota. Acompanhou as obras com desvelo especial, tudo fazendo para o seu condigno acabamento.

Foi fiscal das obras o cap. Milton Dias Moreira, que se não fôra o conceito que já gozava entre seus pares e superiores, de oficial de escol da Corporação, bastaria o relevante serviço que prestou na fiscalização dêste prédio para merecer os aplausos dos seus camaradas da Polícia Militar.

Da minha parte dou-lhe testemunho do meu apreço pelas provas reiteradas de espírito público manifestadas neste cometimento.

O ten. cel. Jair Gomes, Provedor da Irmandade, foi encarregado de, em comissão, adquirir o material destinado à construção. Manifestou neste encargo, mais uma vez, dedicação inexecidível ao serviço social.

A Administração do Orfanato vai ser confiada às Irmãs de Caridade, as mais credenciadas, por certo, para tão árdua tarefa.

Por proposta do nosso particular amigo vereador Geraldo Moreira concedeu a Câmara Municipal uma subvenção permanente de Cr\$ 300.000,00, para manutenção deste instituto.

Deixo aqui, em nome da Corporação, a este prezado amigo, o nosso reconhecimento por este serviço prestado às crianças órfãs das nossas praças.

Temos recursos para neste próximo mês mobiliar e equipar convenientemente este Educandário para que possa iniciar breve sua ação caridosa.

Juntamente com esta obra a Polícia Militar inaugura hoje o seguinte:

- 1) — dez casas para soldados, no "Sítio Tenente Lafaiete Tavares";
- 2) — um sanatório para doentes das vias respiratórias, em Itaguaí, no citado Sítio;
- 3) — uma cozinha nova na Escola de Recrutadas;
- 4) — um estábulo com capacidade para 40 vacas, nos Afonsos;
- 5) — uma colônia de férias, em Campos do Jordão, para 50 crianças;
- 6) — uma escola em Itaguaí, para 50 alunos;
- 7) — um gabinete dentário para se-nhoras, no Hospital Militar;
- 8) — uma padaria e uma torrefação de café, no Regimento de

Cavalaria, para atender às necessidades da Corporação.

É esta, na esfera administrativa, a contribuição que a Polícia Militar presta, no meu Comando, ao atual Governo".

#### *Encerramento dos cursos*

A 4 de janeiro no Salão Nobre do Quartel General, realizou-se com a presença de inúmeros convidados, civis e militares, a solenidade de encerramento dos cursos de Aperfeiçoamento e de Formação de Oficiais, com a respectiva entrega de diplomas.

O sr. Bias Forte, ministro da Justiça, que presidiu à solenidade, foi recepcionado, à entrada do quartel, com as honras militares a que faz jus, vendo-se, além da tropa formada e convidados, os srs. gen. Danton Teixeira, Comandante Geral, cel. Orlando Meireles, Chefe do E.M., os Comandantes de Unidades, Diretor da Instrução, Diretores de Serviços e professores dos cursos.

Após essa cerimônia de recepção, tomaram parte na mesa do Salão Nobre os srs. José Francisco Bias Forte, ministro da Justiça, gen. Odílio Denys, Chefe do D.G.A. do Ministério da Guerra, ten. cel. Rubem Brissaco e cap'tães Felipe Silva e Silva Reis, representantes do Ministro da Guerra, Chefe do E. M. do Exército e do Diretor do Parque Central de Moto-mecanização, respectivamente; vereador Geraldo Moreira, cap. Almir Neves, representante do Diretor de Saúde do Exército, dr. Gustavo Ambrust, presidente da Cruzada Nacional de Educação e cap. João de Carvalho, representante do Chefe de Polícia.

Inicialmente, fez uso da palavra o ten. cel. Nicolau Fico, Diretor da Instrução, que, em expressivo discurso, pôs em evidência a finalidade da instrução, ressaltando de forma brilhante a missão

das Polícias Militares junto às Forças Armadas, na defesa da ordem e segurança nacionais.

Falaram, depois, os major Luiz de Siqueira, orador do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais e o aluno Ivo Ferreira Lima, orador do Curso de Formação de Oficiais.

As 10 horas, foi encerrada a solenidade pelo sr. Ministro da Justiça, que agradeceu o comparecimento dos convidados e felicitou os diplomados.

Do Boletim do Comando, destacamos o seguinte:

*"Mais um ano proveitoso assinala a Diretoria de Instrução entregando às fileiras duas turmas; uma de diplomados para o Oficialato e outra com o Curso de aperfeiçoamento.*

*Recebe assim a Corporação um sangue novo para os seus quadros.*

*São jovens difusores da nova mentalidade profissional que vão transmitir aos seus subordinados os conhecimentos hauridos na sala e no campo de instrução.*

*País novo, extenso, povoado por um mosaico racial, o Brasil precisa possuir uma organização policial capaz de neutralizar a ação nefasta dos elementos agitadores que perturbam o ritmo normal da vida de nossa sociedade.*

*Mais do que nunca, precisamos cuidar seriamente da nossa Frente Interna se não quisermos que o nosso sistema democrático de governo se enfraqueça e aos poucos perca a confiança e o respeito populares.*

*É das mais nobres a função policial. O grau de civilização de um povo se pode aquilatar pela eficiência dos seus órgãos de segurança. Neste particular muito temos ainda que progredir. Nossa Corporação precisa ser en-*

*trosada com a Polícia Civil para de mãos dadas, manter a ordem e a tranquilidade públicas.*

*Os fôros de civilização de nossa bela Metrópole exigem uma organização policial maior e melhor.*

*O nosso povo, dócil, de hábitos morigerados, pouco exige da autoridade para se manter respeitoso aos ditames da lei.*

*Entretanto, não lhe temos dado ainda essa assistência mínima que lhe garante uma vida sossegada e profícua.*

*Ao vos saudar cordialmente neste dia de exaltação de vosso espírito e de vossos corações, quero congratular-me convosco pelo brilho do curso que fizestes onde, ao par da eficiência escolar, mantivestes uma disciplina impecável, consciente e ativa.*

*Aos colegas do Paraná e Goiás transmito também meus efusivos cumprimentos pela linha de conduta que aqui mantiveram e que bem recomenda a Instituição que representam.*

*A profissão policial é uma seqüência de sacrifícios, de riscos e de abnegação ao bem público.*

*Sede dignos da vossa nobilitante missão".*

*Conclusão de Cursos na E. de  
Polícia do D.F.S.P.*

Vem de concluir o curso de Consolidação e Criminologia da Escola de Polícia do Departamento Federal de Segurança Pública, nosso camarada da Polícia Militar carioca, cap. João Ferreira Neves, cuja dedicação ao serviço e sede de conhecimentos profissionais o animaram a fazer o curso em referência, conseguindo honrosa colocação entre seus pares.

Integravam o corpo de alunos delegados, detetives e comissários do D.F.



Cap. João Ferreira Neves  
D.P., oficiais de Polícias Militares e do  
Exército.

A solenidade de entrega de diploma foi realizada no auditório do Ministério da Educação, no dia 26 de janeiro, sob a presidência do gen. Lima Câmara, Chefe de Polícia, que falou de sua gestão à frente daquele Departamento.

Fizeram-se ouvir também vários outros oradores, todos ressaltando a influência daquele curso na integridade funcional da Polícia na prevenção e repressão do crime, pela ordem no seio da sociedade, onde os caracteres criminais têm causas diversas, cujo conhecimento deve interessar ao seus componente, de modo geral.

## ESPÍRITO SANTO PROMOÇÃO DE OFICIAIS

— por merecimento —

Ao posto de major médico, o cap. médico Serynes Pereira Franco; a cap. o 1.º ten. Isaac Lopes Rubim.

— por antiguidade —

Ao posto de 1.º ten. farm. o 2.º ten. farm. Orlando Magalhães; a 1.º ten. o 2.º ten. Amárico Fernandes Costa; a 2.º ten., os asps. a oficial Hélio Nascimento dos Reis, Alaor Alves da Calçada, Jader Peixoto Rubim, Jonas Cardoso de Matos, Moacyr Cypreste, Genésio Gomes, José Ribeiro Sobrinho, Ernani Aldrighi Feijó, Higino Bernardes dos Santos, Antonio Orlando de Queirós Macedo, Rubens de Sousa Papi, Eraldo Alves, Alceu Junger Vieira, Décio Nascimento e Joubert Costa.

## OFICIAL ELEITO À ASSEMBLÉIA ESTADUAL

Foi eleito delegado do povo capixaba à Assembléia Estadual — tendo já sido diplomado pela Justiça Eleitoral e passado à situação de agregado — o cap. Floriano Lopes Rubim, pertencente ao quadro de oficiais da milícia espiritosantense. É, portanto, mais um oficial de polícia que vemos guindado à situação honrosa de representante de seu povo junto ao legislativo de seu Estado.

## GOIÁS

Ressente-se ainda a Polícia Militar goiana da inesperada perda de um dos seus valores mais ativos, o major Getulino Artiaga. "Oficial digno, inteligente culto, honesto e cheio de virtudes, qualidades essas que o tornaram merecedor da admiração e estima de todos, tanto no meio militar como no civil" — são palavras do comando geral daquela milícia, que no seu nome e no de seus comandados fez externar à família do extinto "os seus mais sinceros pesares pelo desaparecimento prematuro de tão jovem e esperançoso oficial, arrebatado tão abruptamente do nosso convívio, na oca-

sião em que tão necessários se faziam os seus serviços à Corporação". Determinou ainda aquela autoridade, "como" última homenagem àquele que foi sempre amigo e companheiro leal", que se observasse luto por três dias em todas as unidades da P.M.

O saudoso oficial foi vítima do quadro político que, ainda e infelizmente, impera em alguns recantos do solo pátrio, tombando na localidade de Nova Aurora, no interior goiano. Deputado à Assembléia Estadual, o major Artiga percorria o interior do Estado em propaganda de sua candidatura à reeleição. Naquela localidade, quando tentou prender, em flagrante delito, um indivíduo que acabava de assassinar um popular e se homisara no interior de um bar, aqui recebeu a descarga que o matou instantaneamente. O fato delituoso provocou em todo o Estado grande consternação, tanto no meio da milícia goiana como no meio civil, onde não era menos estimado e admirado.

A vida laboriosa e útil deste oficial de polícia que iniciou sua carreira no primeiro posto da hierarquia, galgando, com brilhantismo, todos os seus degraus, até alcançar o posto de major, acha-se resumida nas seguintes datas: voluntário de 1928; E. S. I. (Rio de Janeiro) e 3.º sgt. em janeiro de 33; 2.º ten. em fevereiro e 1.º ten. em dezembro, ainda de 33; capitão em 38 e major em 44, sendo todas as suas promoções por merecimento. Das diversas funções militares e cargos civis que exerceu, destacamos: ajudante de ordens do Comando da milícia, representante da Força Pública goiana em Florianópolis, em 1935; várias vezes chefe da Casa Militar da Interventoria Federal do Estado e, finalmente, deputado estadual desde 1947.

## RIO GRANDE DO SUL COMANDO DA BRIGADA MILITAR

Foi distinguido com a confiança do sr. governador Ernesto Dorneles, para o honroso e alto cargo de Comandante Geral da Brigada Militar, o cel. Venâncio Batista, oriundo do próprio quadro de oficiais da milícia gaúcha. Dentre as suas idéias espendidas no ato de assunção de comando, destacamos:

### Referências elogiosas ao comando anterior

*Recebo a direção geral da Brigada Militar, das mãos honradas do meu particular amigo, o dinâmico, inteligente e culto cel. Gerdano de Abreu, que vinha desempenhando interinamente esse cargo, com grande brilho e proficiência. É de justiça frizar aqui, que a breve passagem do cel. Gerdano por este posto, ficou assinalada por uma série de medidas de alto interesse para a Força e tendentes todas elas a facilitar a ação do novo Comando. Este fato veio reafirmar seu alto espírito de colaboração e seu assaz reconhecido desvelo pela Brigada Militar.*

### Conhece as responsabilidades

que lhe pesam sobre os ombros

*Assumo o Comando da nossa Brigada, com a noção exata das grandes responsabilidades que me pesarão sobre os ombros. Responsabilidades essas decorrentes dos complexos e variados problemas que a todo momento se apresentarão para serem solucionados pelo Comando; uns, tendo em vista o bem estar e o conforto da tropa, outros relacionados com o preparo e emprego dessa mesma tropa, de modo a atender com eficiência às suas nobres finalidades.*

Sei que no honroso cargo que me foi confiado terei que fazer grandes esforços e dispender de muitas energias. Assumo, entretanto, as minhas funções sem preocupações exageradas; ao contrário faço-o cheio de otimismo e convencido de que as desempenharei, se não com brilho, ao menos de modo a não decepcionar meus camaradas.

### **Confiança nos quadros, na tropa e na ação do Governo Estadual**

Essa confiança decorre do conhecimento que tenho da nossa Força, do valor de seus quadros e de sua tropa. Sei que contarei sempre com a boa vontade e o espírito de cooperação dos nossos camaradas; sei, também, do quanto é capaz a nossa Força, quando se apela para os seus bríos, o seu espírito de sacrifício e o seu patriotismo.

Tenho a certeza, também, de que não serão regateados à Brigada Militar, nas medidas das possibilidades do Estado, os recursos de que ela necessitar.

Temos, à frente do Governo do Estado, um grande amigo de nossa Força e conhecedor dos nossos problemas e necessidades.

S. excia., o sr. governador Ernesto Dorneles já teve oportunidade, quando no exercício das funções de Interventor Federal, de demonstrar o seu interesse por nossa Força e muito fez para melhorar as suas condições.

Meus Camaradas! A Brigada Militar tem uma gloriosa tradição a zelar. A bravura, a disciplina, a lealdade e a honra foram sempre seu apanágio. Estas virtudes devem ser conservadas e mesmo desenvolvidas e aprimoradas para que a nossa Força continue sempre e cada vez mais, a merecer a confiança, o respeito e a admiração do povo do Rio Grande.

Não mediremos esforços, portanto, para que sejam conservadas essas virtudes e espero ter a colaboração de todos os meus camaradas nesse sentido.

### **Rumo à missão precípua!**

A Brigada Militar, desde sua organização, tem tido sempre características bem nitidas de força militar. Com armamento, instrução e mentalidade militares, vem ela sendo mantida até os dias de hoje. Sendo ela uma força auxiliar e reserva do Exército, não poderá jamais perder essas características. Seria mesmo de desejar que seu preparo militar fôsse cada vez mais aprimorado, para que, na eventualidade de uma convocação, estivesse em condições, no menor tempo e nas melhores condições, o papel que lhe corresponde como força auxiliar do glorioso Exército Nacional.

Entretanto, é necessário não esquecermos que a nossa Força tem, como missão primordial, a vigilância e a garantia da ordem pública. Será, portanto, preocupação imediata deste Comando, sem descuidar de seu preparo militar, desenvolver e incrementar a instrução policial de nossa Força, segundo uma orientação racional, de modo a prepará-la para o desempenho eficiente daquela nobre e árdua missão.

Como é do conhecimento de todos vós, a passagem do sr. Cel. Walter Peracchi Barcellos pelo Comando Geral de nossa Força, ficou indelévelmente assinalada por uma série de realizações de grande interesse para a tropa, sobressaindo, dentre elas, as que se relacionam com a assistência social. Esse trabalho obedeceu a um plano pré-estabelecido, sendo que parte d'ele ainda não foi ultimado.

Será, portanto, imediata preocupação deste Comando zelar com carinho

pelas conquistas obtidas nas administrações anteriores, consolidar as que reclamarem essa medida, ampliar o que se fizer necessário ou o que for aconselhável e prosseguir, com intensidade, nas obras em andamento, para só então trazer novos planos.

Dispensamo-me da apresentação, neste momento, de um programa ou de um novo plano de trabalho. As normas de administração de Comando, que estão definidas nos regulamentos, serão fielmente observadas.

Ao assumir, perante o exmo. sr. governador do Estado, o compromisso solene de posse, fiz um juramento intimo — o de honrar o cargo que me estava sendo confiado por S. excia. Para isso, estabeleci minha norma de ação e conduta: trabalhar, trabalhar sem esmorecimento e sem esquecer um só instante os princípios da honra, da dignidade e da moral.

Pautarei meus atos pelos princípios rígidos do direito e da justiça e espero o mesmo propósito de todos os meus auxiliares.

Confiante em que jamais me falhará o auxílio de Deus, seguirei sem vacilar na rota traçada, visando os altos interesses da Pátria e do Estado e a felicidade da Brigada Militar.

#### ESTAGIO DE OFICIAIS NO "INSTITUTO DE POLÍCIA TÉCNICA"

O comando da Brigada, sentindo de há muito a necessidade de u'a maior dedicação ao estudo de assuntos poli-ciológicos por parte dos oficiais daquela corporação, decidiu que "os jovens principalmente — que ingressam na carreira, tendo pela frente longos anos de ação como policiais", fossem orientados no sentido daqueles estudos. Dai o

fato de, "a par de outras medidas mais profundas e, de comum acôrdo com a Chefia de Polícia, resolveu proporcionar-lhes a possibilidade de um estágio, com prática constante durante o mesmo, no Instituto de Polícia Técnica e em diversas Delegacias especializadas". E, traduzindo a resolução em fatos, assim determinou:

Este estágio será feito por grupos de 4 oficiais (aspirantes de preferência) por vez. Sua duração será de 30 dias no mínimo, aumentados a critério do respectivo Diretor, no Instituto de Polícia Técnica, onde todos estagiarão juntos estudando alguns métodos de Investigação Científica do Crime. Findo este prazo os estagiários serão assim divididos:

- a) — Um na Delegacia de Segurança Pessoal;
- b) — Um na de "Atentados à Propriedade";
- c) — Um no Plantão permanente;
- d) — Um na Diretoria de Segurança Social (podendo os da turma seguinte estagiar em outras delegacias também). Nessas delegacias, o estágio será de 90 dias, no serviço de investigações, exclusivamente.

Terminados os estágios os oficiais respectivos serão devolvidos à tropa onde — obrigatoriamente — lhes será distribuída missão correspondente ou onde possam difundir os conhecimentos adquiridos.

Outra turma substituirá a anterior, de forma a se ter sempre oficiais estagiando na R.C.P.

#### "MILITIA" — TRANSCRIÇÃO DE OFICIO

O nosso eficiente e dinâmico colaborador e representante junto à Briga-

da Militar sulina, ten. Renato Moro Ramos, endereçou à Chefia do E.M. daquela co-irmã o seguinte ofício, que foi publicado no Boletim n.º 28, de 3-II-51:

*"A Administração da revista "Militia", da Força Pública do Estado de São Paulo, vem insistindo junto a esta representação no sentido de obter colaborações originais dos elementos da nossa Força.*

*Sendo difícil um entendimento com os diversos companheiros espalhados por todo o Rio Grande, solicito a essa Chefia, si o entender de utilidade, publicar o presente ofício.*

*Sendo "Militia", um órgão de publicidade que se espalha pelos quatro cantos do país, no seu programa figura, como ponto principal, servir de entrelaçamento amigo e ao intercâmbio profissional das forças policiais-militares brasileiras.*

*Esta finalidade dispensa outro qualquer incentivo, no sentido de que os nossos bons camaradas, muitos deles possuidores de apreciável cultura profissional, apresentem trabalhos próprios que, publicados em "Militia", não só atingiriam o objetivo de entrelaçamento fraternal como difundiriam e tornariam mais conhecida a nossa Brigada Militar.*

*Atendendo à finalidade citada, a revista não publicará trabalhos político-partidários ou religioso-sectários.*

*Esta representação, tendo em vista os motivos acima, coloca-se à disposição de todos quantos queiram colaborar, na prestação de informes, remessa de trabalhos, etc.*

*Agradecendo a atenção que merecer dessa Chefia, subscrevo-me com todo respeito.*

## PROMOÇÕES DE OFICIAIS

O sr. Governador do Estado promoveu os seguintes oficiais, no quadro de combatentes: ao posto de cel. (mer.) o ten. cel. Júlio da Silva Barão; a ten. cel. (ant.), o major Dormelindo de Oliveira; a major (mer.), o cap. Jacinto Francisco Targa; a cap. (ant.), o 1.º ten. Sebastião Alvim de Campos Bueno; a a 1.º ten. (ant.), o 2.º ten., Alberto Schwanke Saldanha; a 2.º ten., o asp Paulo Pôrto Costa. O 2.º ten. João Martins de Oliveira foi promovido (ant.) aos seguintes postos: a 1.º ten. a contar de 2-X-31; a cap. a contar de 23-X-34; e a maj a contar de 7-IX-44.

## FIXAÇÃO DE EFETIVO PARA 1951

O efetivo da Brigada Militar, para o ano de 1951, foi fixado em 6.573 homens, assim distribuído:

### I — OFICIAIS

a) — *Combatentes*: 1 Cel. Cmt. Geral — 14 tens. ceis — 21 majores — 74 caps. — 84 1.ºs tens. — 120 2.ºs tens.

b) — *Administração*: 1 ten. cel. — 1 major — 2 caps. — 4 1.ºs tens. e 2 2.ºs tens.

c) — *Saúde e Veterinária*: 1 ten. cel. médico — 3 majores med. — 1 major farm. — 1 major dent. — 21 caps. med. — 1 cap. farm. — 1 cap. dentista — 1 cap. vet. — 2 1.ºs tens. farm. — 5 1.ºs tens. vet. — 10 1.ºs tens. dentistas.

d) — *Departamento de Engenharia*: 1 major engenheiro.

e) — *Banda de Música*: 1 2.º ten. inspetor.

Total: 374 oficiais.

## II — PRAÇAS

a) — *De filcira*: 30 aspirantes — 64 sub-tens. — 77 1.os srgts. — 280 2.os srgts. — 231 3.os srgts. — 800 cabos en-gajados — 3.887 soldados.

b) — *Especialistas e bombeiros*: 8 1.os srgts. ajds. — 24 1.os srgts. — 78 2.os srgts. — 56 3.os srgts. — 103 cabos —

48 sds. de 1.a classe — 56 sds. de 2.a classe — 176 sds. de 3.a classe.

c) — *Músicos, corneteiros e clarins*: 6 1.ºs sgt. ajuds. mestres — 6 1.os srgts. contramestres — 48 1.os srgts. — 36 2.os srgts. — 11 3.os srgts. corneteiros clarins-mores — 138 corneteiros e clarins.

Total: 6.199 praças.

# Eis aqui-Yandi



nutritiva  
polpa de  
amendoim

faz maravilhas  
em todas as  
cozinhas!



YANDI é a massa pura do amendoim selecionado, cuidadosamente torrado, dessecado e moído, conservando tôdas as propriedades vitamínicas do amendoim natural. Consistente e macia, é um patê de primeira, sempre fresco, saboroso e nutritivo. Especial para sanduíches, canapés, molhos, bolinhos, pãesinhos, sorvetes e muitas outras delícias!

Polpa de  
Amendoim  
**Yandi**

Em latas de 250 e 500 gramas, à venda em toda parte

Um Produto I. N. F. M.



“Produzir mais é viver melhor”

# TORNEIOS "CONFRATERNIZAÇÃO"

— Policial-Militar e Civil-Militar —



As equipes de bola ao cesto, de oficiais da P.M. do Distrito Federal e da F.P. paulista.

Já é tradição da Força Pública e da Polícia Militar do Distrito Federal a disputa de jogos desportivos por ocasião dos respectivos aniversários. Em maio do corrente ano a milícia bandeirante enviou ao Rio de Janeiro uma embaixada de oficiais, em homenagem à data de fundação daquela garrida e brilhante Corporação. Agora, em dezembro a disciplinada milícia da Guanabara veio a São Paulo, com uma bela representação de oficiais, trazer-nos o seu aplexo fraternal, por ocasião do nosso aniversário de fundação, ocorrido a 15 de dezembro.

Foram programadas duas partidas — uma de voleibol outra de bola ao cesto — entre oficiais paulistas e cariocas,



O major Cunha Beltrão, da P.M. do Distrito Federal, entregando um dos prêmios ao ten. José Geraldo Arantes.



...e as equipes de voleibol.

que se realizaram a 13 e 14 de dezembro no Ginásio "Delphin Balancier", perante altas autoridades civis, militares e esportivas, e com a assistência de famílias da oficialidade. Aquela praça de esportes ficou superlotada. Estava cheia de luzes e caprichosamente ornamentada. Os cariocas venceram com autoridade o jogo de bola ao cesto. Sua equipe esta-

va em ótimas condições físicas e técnicas e desenvolveu notável atuação. Já em voleibol não apresentaram o mesmo padrão. Além do mais, os oficiais paulistas dispunham de um sexteto possante, homogêneo, coeso. Venceu o voleibol a turma da Força Pública, autoritariamente, em dois sets.



III

Um sargento do E.B. faz entrega ao seu camarada da F.P. do Prêmio conquistado durante o torneio

III

Em maio, quando as equipes de milícia paulista jogaram no Rio de Janeiro, venceram seus poderosos rivais em bola ao cesto e voleibol, conquistando dois pontos na tabela. Aqui, em São Paulo, cada representação conquistou um



O cel. Ferlich, dirigindo algumas entusiásticas palavras aos participantes do torneio "Confraternização".



(Gentileza de "A GAZETA")



Na redação de "A GAZETA ESPORTIVA", durante uma visita do ten. col. Hipólito Trigueirinho, cmt. da nossa E.E.F., e diretor daquele brilhante matutino especializado, sr. Carlos Joel Nelli, faz entrega da taça que recebeu o nome daquele jornal, para ser disputada no torneio "Confraternização". Aparecem também o ten. Otávio Gonçalves, presidente da F.P.V., os srs. Hugo Carloni Sobrinho e Hélio Peixoto de Castro, de "A GAZETA ESPORTIVA" e os major Pedro de Brito e ten. Adérito Ramos.

ponto, sendo a contagem dos dois cotejos 3 x 1 favorável à Força Pública, o que deu à nossa Corporação a posse definitiva de valioso troféu.

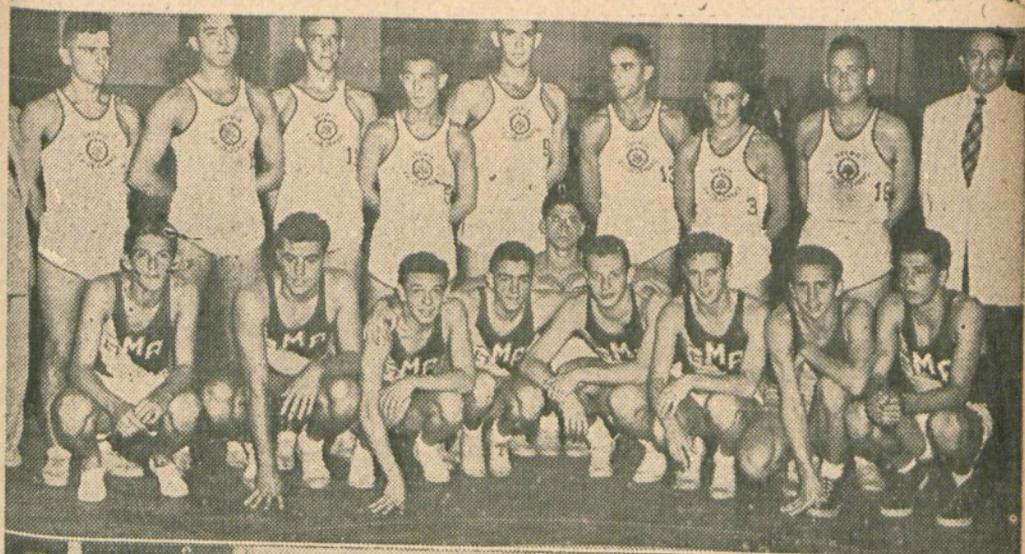
A representação da luzida Polícia Militar do Distrito Federal estava chefiada pelo maj. João Holanda da Cunha Beltrão. Integravam-na os seguintes oficiais: 2.ºs tens. Anizete de Almeida, Heitor de Abreu Soares, Alirio de Oliveira Brito, Hernani Carvalho Costa, Moisés Werneck, Alberto Santos Duque Estrada Meyer, Ivan Ribeiro de Araújo Viana, Ari Pereira Bacelar, Te-

místocles Germano Muniz Filho, Enir Coni dos Santos, aspirantes José Gordan Barroso Ruiz e Francisco de Paula Ceciliano.

Foi uma bellissima competição intermilitariana. Oxalá que não seja interrompido êsse movimento anual de aproximação, sob a égide do esporte.

#### TORNEIO CONFRATERNIZAÇÃO CIVIL-MILITAR

Ideado por essa figura notável de esportista e cidadão que é o tenente Otávio Carlos Gonçalves, presidente da Federação Paulista de Voleibol, realizou-



(Gentileza de "A GAZETA")  
 Ao alto: de pé, a turma campeã do Grêmio XV de Dezembro e, ajoelhada, a equipe da Federação Paulista de Voleibol, vice-campeã. Em baixo, as autoridades representantes das Forças Armadas, que assistiram ao final do torneio.

se, entre 10, e 14 de dezembro, o "Torneio Confraternização Civil-Militar", em homenagem à Força Pública, ao en-

sejo do seu 119.º aniversário de fundação. Participaram do torneio um quadro do Exército, um da Aeronáutica, um qua-

dro da Federação Paulista de Voleibol e o quadro de cadetes da Fôrça Pública. A competição teve abertura solene, no Ginásio "Delphin Balancier", com tôdas as equipes formadas, saudação olímpica e juramento do atleta. Houve troca de saudação entre o tenente Otávio Gonçalves e o Comandante da Escola, ten. cel. José Hipólito Trigueirinho.

As partidas realizaram-se diariamente, em ambiente de entusiasmo, elevação e cavalheirismo, sempre presenciadas por altas autoridades e seleta assistência que lotava totalmente o Ginásio. Para aumentar o brilho dessa notável justa de amizade, "A Gazeta Esportiva", êsse baluarte da educação física bandeirante, a ela se associou, oferecendo rica taça ao vencedor.

Terminado o Torneio, as classificações foram as seguintes:

1.º lugar — Cadetes da Fôrça Pública;

2.º lugar — Federação Paulista de Voleibol;

3.º lugar — Exército Brasileiro (2.ª Região Militar);

4.º lugar — Fôrça Aérea Brasileira (4.ª Zona Aérea).

## ENTREGA DE PRÊMIOS

No dia 14 de dezembro, como parte do programa de comemorações do aniversário da Fôrça, realizou-se a entrega solene de todos os prêmios aos vencedores de todos os campeonatos da Corporação do ano de 1950. Presidiu a cerimônia o cel. João de Quadros, Chefe do Estado Maior, estando presentes os Comandantes de Unidades, oficialidade, famílias e pessoas gradas.

Estavam formadas as equipes dos Torneios de Confraternização Policial-Militar e Civil-Militar. Os vencedores eram calorosamente aplaudidos, à proporção que iam sendo chamados. As equipes da Polícia Militar do Distrito Federal e da Federação Paulista de Voleibol foram alvo de carinhosas homenagens. O presidente Otávio Gonçalves recebeu vivos aplausos pelo seu gesto fidalgo, para com a Fôrça Pública.

Foi de fato uma noite de gala, a 14 de dezembro, no Ginásio "Delphin Balancier". E a confraternização entre militares paulistas e cariocas e entre atletas civis e militares foi realidade palpante, espontânea, efetiva.

SOCIEDADE COMERCIAL DE TECIDOS

**ARGUI SO LTDA.**

FORNECEDORES DA FÔRÇA PÚBLICA,  
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397

— End. Teleg. «ARGUI SO»

— SÃO PAULO

# Na Escola de Educação Física

Mais instrutores e monitores diplomados pela  
"escolinha" da Fôrça Pública



Das comemorações do 119.º aniversário da Fôrça Pública constou a parte relativa às solenidades de encerramento dos cursos da Escola de Educação Física. No clichê, um aspecto dos novos Instrutores (oficiais) e Monitores (sargentos) de Educação Física e, à direita, o ten. cel. Hipólito Trigueirinho lendo o seu boletim alusivo ao evento.

O major Arrisson S. Ferraz, escolhido pelos diplomados para parafinhar as novas turmas de elementos especializados na cultura física da miliria bandeirante, assim se expressou na sua «Oração de Paraninfo»:

Aqui, neste recinto histórico, frontispiciado com o nome glorioso do Capitão Delphin Balancier, notabilíssimo professor de educação física, cavaleiro andante de dois continentes — da velha Europa e da jovem América — soldado de lei de duas pátrias — da terra

gaulesa e da terra brasileira — aqui, neste recinto trescalante de tradição, é bem o lugar ideal para o último ato de uma arrancada homérica, para o canto do triunfo da mocidade, nos embates luminosos da cultura física. Esta festa, por ser de educação física, é vibração, é apoteose, é deslumbramento; por ser da mocidade, retrata, nos seu conteúdo e na sua significação, o esplendor radioso das alvoradas.

A jornada que hoje comemoramos, vivida em toda a sua intensidade na Escola de Educação Física de nossa Fôixa Pública, constou de dois cursos: Curso de Instrutores de Educação Física e Curso de Monitores Especializados em Esgrima. A mocidade vigorosa que a vem de concluir, com clarinadas triunfais ao seu passo, num gesto de requintada distinção, conferiu-me a gratíssima missão de paraninfá-la. Aceitei-a. Não me era dado o direito de recusá-lo. Agradeço a honraria com a minha melhor afetividade.

Vislumbrei, ainda, na vossa escolha, o desejo de homenagear o corpo docente desta Casa ao qual me ufano de pertencer e, mais do que isso, o desejo de homenagear a esta Escola, a veterana e querida Escola de Balancier e Lemaitre, de Angelo Bernardelli e João Marques. Felicíssima a idéia que descobri, como parte da vossa decisão. Aplaudo a c dela compartilho. Se me fôsse dado aliás, confeccionar um ramallete de flores espirituais, da sensibilidade afetiva que vos guiou na escolha do meu nome para paraninfar a vossa formatura, eu o colocaria, ufano e radioso, no lugar de honra da nossa Escola que outro não é se não o gabinete do seu Comandante, integrado da nossa galeria olímpica de troféus.

O paraninfado acadêmico, nas praticas eras, estava vinculado à idéia festiva, de um noivado. O paraninro, também chamado "patrinho", diminutivo de "pater", no idioma cantante e suave do "Latium", era, entre gregos e romanos, a figura respeitável que acompanhava os noivos da mansão paterna até o rolar nupcial. Era um guia e conselheiro do soleníssimo momento. Nos esplendores dessa festa, eu vejo, como um grande pensador também já o viu, um noivado espiritual. Os noivos são os triunfadores de uma longa jornada, sois vós, caríssimos diplomandos, diletos afilhados, permiti que vos chame com este nome afetivo. E a noiva? Não traz mirtas nem grinaldas, adornando-lhe a frente. É austera como a verdade, solene como a razão. Tem a majestade de uma linha vertical, escalando os arcanos do infinito, sempre em ascensão. A noiva dêste himeneu é a Educação Física. Eu vos convido, meus atilhados, neste momento impar do vosso noivado intelectual a que, juntos, glorifiquemos a noiva de hoje, erigindo-a em estandarte que carregaremos pelos anos em fora, iluminada pelos mesmos clarões do facho das corridas de Prometeu, alcandorada pela mesma chama votiva que ardia no templo da cidade natal do campeão helênico, em honra ao seu grande feito.

O homem é uma entidade biológica, dotada de alma e sentimentos. É um ser físico, um ser que vibra com o bem e o mal, um ser que pensa. Para desenvolver o físico necessita de exercício, de ginástica; para aprimorar os sentimentos necessita de educação moral; para ilustrar o espírito, carece de educação intelectual. Estas verdades foram conhecidas e proclamadas pelos gregos,

há vários séculos antes da nossa era. Foi o povo que "contemplou o mais belo céu e experimentou o mais belo clima que se conheceu entre os homens", o grande povo heleno que primeiro sentiu que educar era algo mais que o ensino intelectual. Daí, a ter partido da Grécia a idéia dos sistemas de educação. Os próprios criadores deram-lhe o nome de educação integral. Platão pregava aos jovens atenienses a necessidade de ginástica para o corpo e música para alma e nessa diretriz estava um grande sistema de educação, a verdadeira educação integral, sabido como é que na música, se achavam compreendidas as disciplinas morais e "A Arte das Nove Musas".

Na bela Itália, na formosa península banhada pelas águas do Mediterrâneo e do Adriático, Oribase e Juvenal defenderam a educação integral. Juvenal deixou a célebre "MENS SANA IN CORPORE SANO" que é todo um sistema de educação integral, grande para sua época, grande ainda para os nossos dias.

Na alvorada renascentista, a grande legião de pedagogos — Rambaldoni, Maffei Veggio, Comenius, Camerário, Fenelon, Pestalozzi e tantos outros — com suas pesquisas, consolidou definitivamente a concepção da educação integral. "Cultivai a inteligência dos vossos alunos, mas cultivai, antes de tudo, seu físico, porque o físico é que vai orientar o desenvolvimento intelectual; fazei primeiro o vosso aluno sadio e forte, para poder vê-lo inteligente e sábio, já pregava Rousseau, o grande pensador gaulês.

De então para os dias presentes, não se pode compreender a educação unilateral. Físico e espírito devem estar unidos, no desenvolvimento, como unidos

foram na pessoa humana pela onisciência do Soberano Artífice da criação.

A educação integral, portanto, aquela que prevê, paralela e harmoniosamente, a educação física e a educação intelectual, é doutrina pacífica para o mundo moderno, cabendo ao Estado organizar seus sistemas educacionais, com fundamento nesta concepção. Se isso é um imperativo social para o homem submetido a uma tarefa normal, maior ainda o é para as organizações militares que exigem de seus servidores qualidades especiais de resistência, energia, agilidade, destresa, sangue frio, valor, qualidades essas que a educação física desperta e aprimora. Para o militar-policial que necessita enfrentar e vencer, sempre que possível sem derramamento de sangue, os inimigos da ordem e da sociedade, para garantir o trabalho que gera a riqueza, com muito maior razão, a educação física é imprescindível.

Foi a educação física dos hoplitas que permitiu ao gênio de Milcíades a epopéia da planície de Maratona. Foi o adestramento físico-militar do Campo de Marte o segredo das correrias vitoriosas dos falcões romanos, criadores do maior império de todos os tempos. A genialidade de Frederico e Bonaparte não excluía, antes reclamava, exércitos de aprimorada resistência física para executar suas ousadas concepções.

.....  
No Brasil, a educação integral, infelizmente, ainda não é uma realidade. Temos a educação física como parte do currículo do ginásio e do colégio, mas não temo-la no ciclo inicial e na universidade. E se na universidade, pelo hábito adquirido no curso médio e complementar, o acadêmico é levado às práticas desportivas, sanando-se assim, em

parte, a lacuna, na escola primária continuamos inertes. É na escola primária que a criança recebe os primeiros estímulos e adquire os primeiros hábitos. As atividades e todos os agentes educacionais atuantes encontraram na criança, nesse período, um campo eminentemente propício. É nessa quadra infantil, que o exercício bem orientado ativa as trocas, estimula o crescimento, desenvolve a função da nutrição e dá uma vitalidade nova ao organismo. A educação física para a criança da escola primária é como os raios solares para a planta. A ginástica, os jogos infantis, reunindo crianças de tôdas as matizes, fazendo-as trabalhar, ora individualmente, ora por equipes, representam excelente oportunidade para o desenvolvimento da iniciativa e da responsabilidade, além de constituir um belo campo de integração social, pela prática do altruísmo, da camaradagem, da solidariedade. O problema da educação integral, em nossa pátria, ainda não está resolvido. Falta-nos, exatamente, a primeira etapa, aquela pela qual devíamos ter começado.

.....  
Vindes, caríssimos afilhados, de vencer, com altos méritos, uma jornada memorável. Durante um ano, ouvistes a palavra abalizada de mestres incansáveis. Disciplinas aplicadas e fundamentais vos foram ensinadas, com a dedicação de um apóstolado. Conheço perfeitamente — e proclamo bem alto, na grandesa desta hora — o valor dos meus colegas do corpo docente da nossa Escola. Sei que vos deram o máximo de seus conhecimentos. Sei, também, que vos empregastes a fundo, nesta jornada. Fostes bem dignos, de tão dignos mestres.

A hora é de exaltação do vosso triunfo. Conquistastes um diploma e contraístes uma responsabilidade. O di-

ploma é um título a mais nos vossos títulos, um atestado eloquente dos vossos méritos. A responsabilidade é o compromisso natural que o diploma vos outorga de trabalhar pela educação física.

Em qualquer das unidades encontrareis oportunidade de saldar esse compromisso, executando os programas de educação física e de esgrima, formando equipes e adestrando-as para os campeonatos da Força Pública, promovendo certames entre as companhias, intervindo nas competições amadoras civis, com a devida autorização, fazendo algo mais do que determinam as instruções e os regulamentos oficiais. Em educação física, como em toda vida militar, não nos é lícito executar somente o essencial. A educação física tem o condão de atrair, de fascinar. Trabalha-se por ela, dominado de verdadeiro encanto espiritual. Os que forem ao interior do Estado terão um campo maior de ação. Além dos trabalhos da unidade, serão solicitados para colégios, grupos escolares, clubes e entidades várias. Não negueis a vossa cooperação nesse sentido. É mandamento da Bíblia da Força Pública trabalhar por São Paulo e pelo Brasil, em qualquer setor, mesmo não definido em lei. Legaram-nos os nunes tutelares da Corporação. Conservemo-lo e aumentemo-lo para os porvindouros. Integrai as equipes da cidade, lecionai às crianças, orientai o preparo para os Jogos Abertos, participai das Comissões Centrais de Esportes. A educação física é vibração e apóstolado e o verdadeiro soldado da Força Pública é um crente da religião de servir; de servir com a cabeça e o coração, sem estender a mão à cata da recompensa.

Guardai sempre um lugar na vossa afetividade para esta Escola que aumentou as vossas luzes, para "a famosa

Escola de Educação Física da Força Pública", na expressão solene de um grande mestre internacional, em cerimônia presidida pelo exmo. sr. cel. Eleutherio Brum Ferlich, aqui mesmo neste ginásio, para "a Escolinha da Força Pública que é um dos pontos altos, da educação física de São Paulo", na opinião do ilustre professor argentino Luis Andréa Martin que estagiou nesta Casa e alisou os mesmos bancos em que vos assentastes. Sua obra tem sido vasta, opulenta e multifaria, mas falta-lhe qualquer coisa que deve ser edificada com a soma de muitas dedicações.

Volta cantando o vosso triunfo que foi lindo como um sol de primavera. Complementai-o nas unidades, com o trabalho operoso e fecundo, meus afilhados, meus colegas, instrutores de educação física e monitores especializados em esgrima que já sois. Não olvideis a palavra dos mestres e os conselhos do parainfo. Transformai-os antes em código. Dai-lhes o nome que quiserdes, seja a trilha do dever ou o caminho da verdade. E não vos desvieis da rota. Podereis, mais tarde, então, dizer: — "Cumprí a minha responsabilidade. Trabalhei pela educação física, filha da ciência, irmã da verdade". Trabalhai por

esse ideal nobre, pelo prazer do trabalho; trabalhai por ele, às ordens do cérebro, nunca do estômago; trabalhai por ele, fitando as alturas, como os homens de boa vontade, pensamento e coração voltados para a centenária Milícia de Rafael Tobias de Aguiar, para o portentoso São Paulo das Bandeiras e para a terra gloriosa de Santa Cruz.

Eu vos saúdo, meus caros afilhados, entusiasticamente, afetuosamente, neste momento marcante da vossa vida, quando passais a integrar a falange olímpica dos mestres da cultura física brasileira. Foram os seguintes os diplomados:

#### CURSO DE INSTRUTORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

2.º ten. Fernando Thiele de Figueiredo; 1.º ten. Gentil Campos de Oliveira; 1.º ten. Alvaro Parreiras; 2.º ten. Aido Campanhã; 2.º ten. Walter Lara; 2.º ten. Jorge Paes Leme; 2.º ten. João Bidin; 2.º ten. Carolino de Oliveira; 2.º ten. Diomar de Melo Torquato.

#### CURSO DE MONITORES ESPECIALIZADOS EM ESGRIMA (C.M.E.E.)

1.º sgt. Faustino Rodrigues da Silva; 2.º sgt. Vasco Fernandes dos Santos; 2.º sgt. Antônio José Cordeiro; 2.º sgt. Orestes de Souza; 3.º sgt. Francisco José Sampaio Coelho.

**TECIDOS, VESTUARIOS E ARMARINHOS POR ATACADO**

**Fornecedores das Repartições Públicas**

**COMPANHIA DE TECIDOS ANTINORI**

**RUA FLORENCIO DE ABREU, 328 — TELEFONES, 32-5633 e 32-0050**

**ENDEREÇO TELEGRAFICO «ANTINORI» — CAIXA POSTAL, 1087**

**— SÃO PAULO —**

# V TORNEIO ABERTO

## DA SEMANA DA ASA

**Venceu o quadro do Pinheiros "Preto"  
Vice-campeão o Fôrça Pública "A"**

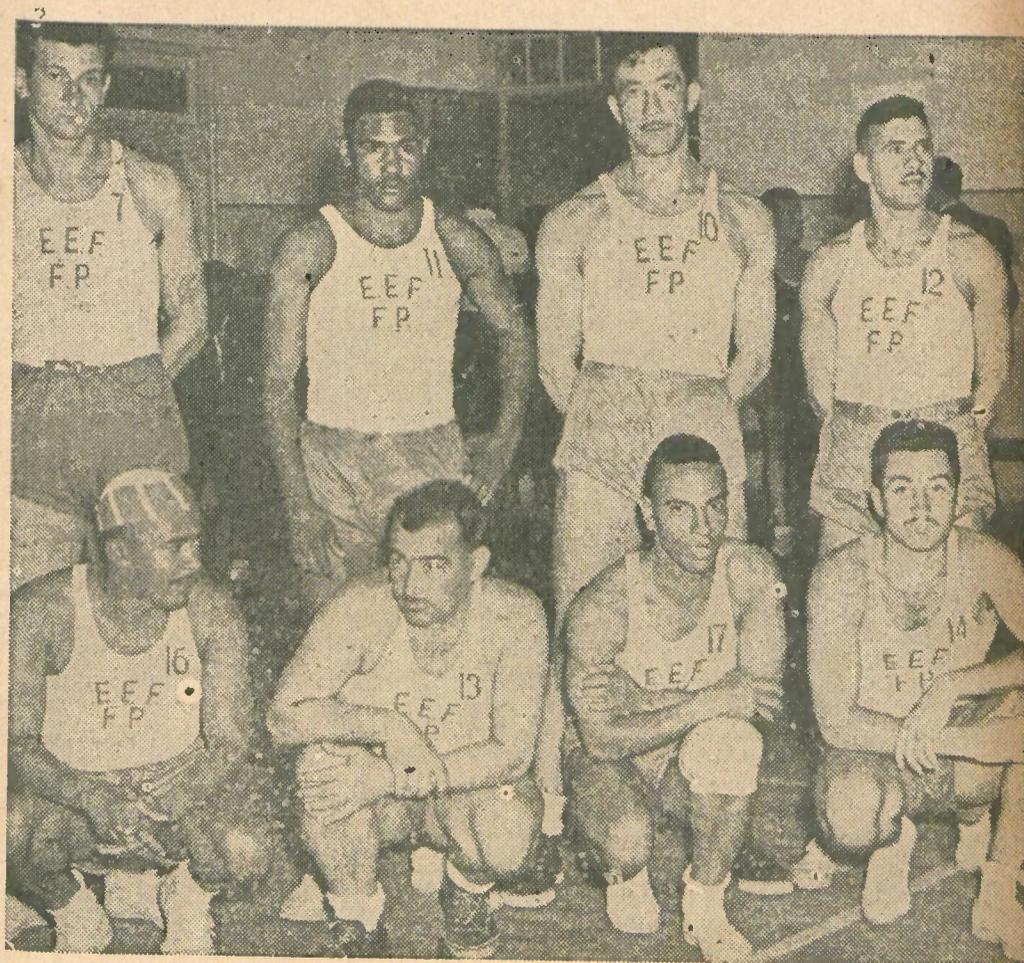
A 21 de novembro, na quadra da Fôrça Pública (Ginásio «Delphin Balancier»), teve lugar a disputa fi-

nal daquele magnífico Torneio, sempre disputado num ambiente de sã esportividade, cordialidade e cama-

A equipe campeã

(Gentileza de "A GAZETA")





(Gentileza de "A GAZETA")

O quadro vice-campeão

radagem, coroando «in totum» o objetivo: estreitamento dos laços esportivos entre os meios civil e militar. Laureou-se campeão traduzindo a sua superioridade técnica, a equipe do Pinheiros «Preto», que venceu os dois «sets», mas os milicianos somente cederam a vitória ao adver-

sário, após uma luta renhíssima, ponto a ponto, conquista a conquista. Foram estas as equipes: Pinheiros «Preto»: Nicola Neto, Mardirous, Paulo Costa João Neto Schneider; Fôrça Pública «A»: Fava, Guilherme, Eduardo, Alfredo, Vitorino e Cordeiro.

# CAMPEONATO DE FUTEBOL DA F.P.



O cel. Brum Ferlich dando o pontapé inicial do campeonato e em cima, o XI do Q.G. — o campeão.

Com a participação de nove equipes, de unidades da capital e do interior, realizou-se, no gramado da Escola de Educação Física, de 3 a 12 de dezembro o Campeonato de Futebol da Força Pública, deste Ano Santo de 1950.

Interessava a competição, especialmente, ao círculo de cabos e soldados, por isso que se desejava proporcionar aos atletas menos graduados a oportunidade de uma confraternização sob a égide das justas desportivas, e dentro dos sadios princípios da disciplina.

Duas chaves foram organizadas, encabeçando cada uma os melhores colocados no certame do ano findo. E o resultado indicou para finalistas os quadros do Quartel General, Batalhão de Guardas, 3.º e 5.º Batalhão de Caçado-

res, aliás, os de maiores predicados técnicos. A equipe do Quartel General, mais experimentada, mais homogênea, conquistou o honroso título de campeão, embora fôsse necessário suar a camisa, nos confrontos com o 3.º B.C. e com o Batalhão de Guardas, uma equipe aguerrida, lutadora, com bons valores individuais, que se sagrou merecidamente vice-campeão. A terceira e quarta colocações couberam ao 3.º B.C. e 5.º B.C. Essas duas equipes mereciam melhor sorte. Estavam bem ajustadas e suas linhas tinham bom entendimento. Possuíam belos valores individuais. Mas, enfim, jôgo é jôgo, e eles perdendo partidas onde foram sensivelmente superiores aos contendores, tiveram que descer na tabela de classificação.

Coube ao 3.º B.C. a honra de apresentar o melhor elemento de todo o campeonato. E êsse homem foi o soldado Oliveira. Jogando como atacante, conduzia tôdas as avançadas e marcou tentos notáveis, de çhutes diretos e de faltas. Recuando para a defesa, para ocupar o posto de um colega contundido, seguava sôzinho o quadro adversário. Foi um espetáculo a atuação dêsse futebolista.

Os demais concorrentes — Regimento de Cavalaria, Corpo de Bombeiros, Batalhão Policial, 1.º Batalhão e

Serviço de Material Bélico — também lutaram com denodo e fibra. Dêste segundo grupo, destacou-se o quadro do R.C., que chegou a pregar sustos aos quatro finalistas. As outras equipes, também, apresentaram boas partidas.

O certame agradou plenamente. E nossos votos são para que as unidades não descuidem do preparo das equipes. Teremos, então, no próximo ano, uma competição mais rica de técnica e com turmas mais capacitadas. Parabens aos vencedores e palmas aos vencidos, pela elegância com que souberam lutar.



### COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacareí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraibuna — Taubaté — Pindamonhangaba — Rosceira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaiba — Aguai.

## COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S.A. sob n.º 47



Escrítório e sede central:	( Diretoria . . . .	9-2658
Rua Dr. Almeida Lima, 523	Fones ( S. Comercial . .	9-2659
SÃO PAULO	( S. Técnica . . . .	9-2681

# BANCO DO BRASIL S/A.

Rua Álvares Penteado, 112 — São Paulo

Enderêço Telefônico «Satélite»

COBRANÇA — DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — CAMBIO — CUSTÓDIA — ORDENS DE PAGAMENTO — CREDITO AGRICOLA E INDUSTRIAL — CARTEIRA DE FINANCIAMENTO

DIREÇÃO GERAL E AGÊNCIA CENTRAL: — Rua 1.º de Março 66 — Rio de Janeiro. Agências em tôdas as capitais dos Estados e principais praças do País. Correspondentes nas principais praças do País e do Exterior. Agências no Exterior: Assunção (Paraguai), Montevidéu (Uruguai) e La Paz (Bolívia) — em instalação.

## DEMAIS AGENCIAS LOCALIZADAS NO ESTADO DE SÃO PAULO:

Andradina — Araçatuba — Araraquara — Assis — Avaré — Bariri — Barretos — Bauru — Bebedouro — Botucatú — Bragança Paulista — Cafelândia — Campinas — Catanduva — Franca — Garça — Itapetininga — Itapira — Ituverava — Jaboticabal — Jaú — Limeira — Lins — Lucélia — Marília — Matão — Mirasól — Monte Aprazível — Nova Granada — Novo Horizonte — Olímpia — Orlândia — Paraguaçu Paulista — Pederneras — Piracicaba — Pirajú — Pirajuí — Pirassununga — Presidente Prudente — Promissão — Rancharia — Ribeirão Bonito — Ribeirão Preto — Rio Claro — Santa Cruz do Rio Pardo — Santo Anastácio — Santo André — Santos — São João da Boa Vista — São José dos Campos — São José do Rio Pardo — São José do Rio Preto — Sorocaba — Taquaritinga — Taubaté — Tupã — Valparaíso — Votuporanga — Xavantes.



FITAS PARA

MAQUINAS DE ESCREVER  
E DE CONTABILIDADE

CAIXA POSTAL, 2662  
SÃO PAULO  
Brasil

# militia

Revista de assuntos técnicos policiais,  
militares e culturais em geral.

PUBLICADA NA FORÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO

Consoante os estatutos do C.M.F.P.S.P.

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

Fones { externo ..... 4-6488  
          { interno ..... 298

SÃO PAULO, S. P. ————— Brasil

ANO IV — JANEIRO/FEVEREIRO DE 1951 — N.º 20

**DIRETOR** : — ..... cel. Coriolano de Almeida Júnior  
**REDATOR-CHEFE** : — ..... ten. cel. adm. Aparício de Barros Messias  
**SECRETARIO** : — ..... cap. Milton Marques de Oliveira  
**GERENTE** : — ..... cap. Francisco Vieira Fonseca  
**TESOUREIRO** : — ..... maj. adm. Nelson de Carvalho Rosa

## REDADORES :

— maj. Arrisson de Souza Ferraz  
— cap. Efraim Bratfisch Lastebasse  
— cap. Francisco Vieira Fonseca  
— cap. Milton Marques de Oliveira  
— cap. Osvaldo Feliciano dos Santos  
— cap. Bento Barros Ferraz  
— 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho  
— 1.º ten. Miguel M. Sendin

## ILUSTRAÇÃO E FOTOGRAFIA :

— 1.º ten. Felix Barros Morgado  
— al. of. Irai Vieira Catalano  
— José de Campos Montes  
— Sgt. João Tancler

## ASSINATURAS :

Por 6 números ..... Cr\$ 25,00  
Por 3 números ..... Cr\$ 15,00  
Número avulso ..... Cr\$ 5,00

## AOS COLABORADORES E LEITORES

- \* A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.
- \* Tôda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar doze páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.
- \* Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.
- \* A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

\* Desêjamos estabelecer permuta

\* Deseamos establecer el cambio

\* Desideriamo stabilire cambio

\* On désire établir échange

\* We wish to establish exchange

\* Austausch erwünscht



No C.F.A.

ASPIRANTES DE 1950